

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

FRANCISCO CARLOS ESPÍNDOLA GONZÁLEZ

**UMA INVESTIGAÇÃO FENOMENOLÓGICA NA
EDUCAÇÃO AMBIENTAL: DO SIMBÓLICO
AO SIMBOLISMO**

CAMPO GRANDE - MS

2012

FRANCISCO CARLOS ESPÍNDOLA GONZÁLEZ

**UMA INVESTIGAÇÃO FENOMENOLÓGICA NA
EDUCAÇÃO AMBIENTAL: DO SIMBÓLICO
AO SIMBOLISMO**

Tese apresentada à Comissão Examinadora do Programa de Pós-Graduação - da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito final à obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientador: Prof^a. Dra. Jucimara Silva Rojas

CAMPO GRANDE - MS

2012

FRANCISCO CARLOS ESPÍNDOLA GONZÁLEZ

Tese apresentada à Comissão Examinadora do Programa de Pós-Graduação - *Stricto Sensu* - da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação.

COMISSÃO EXAMINADORA

Orientadora – Profa. Dra. Jucimara Silva Rojas
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Profa. Dra. Ana Maria Ramos Sanchez Varella
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Profa. Dra. Ivani Catarina Arantes Fazenda
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Profa. Dra. Sonia da Cunha Urt
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Profa. Dra. Lucrecia Stringhetta Mello
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Profa. Dra. Rosana Carla Gonçalves Gomes Cintra
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Campo Grande, _____ de _____ de 2012



Figura 1 – Mandala do pesquisador. A Educação Ambiental são sementes aladas e os professores são os semeadores.

**O sujeito ser no palco de barro é enunciação de e da vida,
a cortina se fecha, vai-se a vida.
A estrela sobe, aplausos e saudades de quem assistiu à peça.**

In memoriam a minha mãe, minha primeira professora, que me ensinou a ler, escrever e, ainda, sobre o “tempo” quanto à ação num dia preciso. No verdor dos anos, a memória, estimulado por Hermes [Mito Grego, mensageiro dos deuses] por meio da lembrança, jamais será esquecida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a DEUS e por seu plano em minha vida e busco como um sujeito “ser-aí” é corroborar com os seus sonhos.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em especial as professoras do curso de Doutorado e da Linha de Pesquisa: Educação Psicologia e Prática Docente: Dra. Jucimara Silva Rojas, Dra. Sônia da Cunha Urt, Dra. Lucrécia Stringheta Mello e Dra. Rosana Carla Gonçalves Gomes Cintra;

Agradeço às Professoras visitantes Dra Ivani Catarina Arantes Fazenda (PUC), Dra. Laís Maria Borges de Mourão Sá (UnB) e Dra. Ana Maria Ramos Sanchez Varella (PUC) que muito contribuíram e contribuirão com seus saberes e fazer Educação na avaliação deste estudo.

À Jacqueline Mesquita, secretária da UFMS, pela paciência ao cuidar das questões burocráticas e esclarecer minhas dúvidas. E ainda, a Paula Tavolaro e Marta Oliveira pelas traduções do resumo e poema da tese.

A minha família, *in memoriam*, minha mãe Elida Espíndola Gonzalez, mulher simples que gostava muito de ler, batalhadora e amante da fé e vida, sempre sendo solução e não um problema.

Ao meu pai Gumercindo Gonzalez que ensinou a honestidade, ambos com os “dedos verdes”, atualmente em sua casa guardado por Deus contando “vil metais”.

Aos meus irmãos João, Telma e Rosangela que compreendem o meu afastamento rumo a esse momento tão oportuno na minha vida: o Doutorado em Educação.

A minha filha Milena Iahn González uma benção de Deus esperado por muito tempo, como o tempo é o senhor de tudo, hoje é realidade, junto a mim.

Faltam folhas para nominar aos que acompanharam o caminhar, portanto perdão, tantas pessoas, porém se faz necessário explicitar, metaforicamente como elementos “nós” na minha existência: a teia da e na Vida.

A Olga, Márcia e Piva que me ensinaram a re-ver e começar um novo começo, sempre a caminhar e a caminhar.

Ao Prof. Dr. César Yuji Fujihara sempre companheiro e retendo as ideias do pesquisador, as imagens obtidas, transformando-as em arte gráfica.

Ao professor Evandro, proporcionando ao pesquisador a compreensão de partes da Biologia.

A amiga confidencial Maria Neusa, companheira na BR 163 e no Curso de Pós Graduação em Educação-UFMS

A Patrícia, com um olhar na discussão, a busca da essência sob uma arguição, o ser-aí do sujeito na temporalidade;

Aos “olhos de águia”, professora Célia Mourão corrigindo a escrita e com conselhos valorosos;

A Cintia da Silva Correa, acadêmica do Curso de Biologia/UCx, na atividade da pesquisa sempre **em** e **com** prontidão; com comportamento felino: de Leão;

Aos amigos, Fábio José acolhendo-me em seu caracol: sua casa, tornando-a minha também. Aos encontrados no caminho que se fizeram e são especiais: Cleber e o Padre Jair;

Aos colegas professores, técnicos e acadêmicos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Coxim, pelo acolhimento e fortalecimento do meu Eu: torcedores **do** e **motivadores** de sucesso;

Aos sujeitos-professores participantes deste estudo: os doadores dos sábados, das concepções em práticas pedagógicas de ênfase de sujeito ecológico. Não sei quem são vocês (só conheço os pseudônimos), mas vocês sabem quem sou.

Ao Grupo FLLIPE – Fenomenologia, Formação, Linguagem Lúdica e Interdisciplinaridade em Pesquisa e Educação, por acolher carinhosamente e fortalecer um “ser-aí” no mar da Fenomenologia fenomenológico e na interatividade lúdico-pedagógica aprender e ensinar brincando;

Que o “Universo” conspire sempre na leveza de “Ser-aí”, metaforicamente um Ser alado: Prof^a. Dr^a. Jucimara Silva Rojas. O estímulo do ver e ouvir, *toujours là, à côté de moi*. Orientando em todos os momentos, uma dedicação total à formação do orientado, tornando realidade a pesquisa, portanto, **MUITO OBRIGADO!!**

RESUMO

Este trabalho analisa e reconstrói a influência do símbolo e do simbolismo no pensar e agir de professores em Educação Ambiental da cidade de Coxim, MS. Fundamenta-se na diferenciação do sujeito-objeto e sujeito-ser, o si mesmo como outro, que se personifica na temporalidade pela linguagem, dando ênfase ao educador na contribuição da (in)formação pedagógica em sujeito ecológico. Contextualiza-se também a relação do ser humano em seu ambiente na busca pela sua vivência ecológica. Esta pesquisa fenomenológica hermenêutica foi desenvolvida com dez professores, de diferentes áreas, formando um grupo interdisciplinar que perpassou por dois movimentos: o primeiro, relacionado à escolha de pseudônimos selecionados junto às imagens-símbolos da fauna e flora pantaneira, que serviram como instrumentos meditativos para estimular a vivência das relações biofílicas e topofílicas. No segundo momento, trabalharam-se os símbolos e as práticas pedagógicas para compreender as ações na formação do sujeito ecológico. As questões que nortearam o estudo foram: “Qual é a relação do pseudônimo escolhido e sua pessoa?” e “Quais são as relações dos símbolos evidenciados com sua prática pedagógica, com ênfase de sujeito ecológico?”. Por meio da análise ideográfica e nomotética dos discursos, os professores se identificaram com os atributos da morfologia e fisiologia dos seres vivos, o comportamento dos animais no habitat natural e na área urbana e os problemas socioambientais. Na realização das práticas pedagógicas, os professores sentiram que a sua ação em sala de aula é um ato solitário, que requisita mudanças para a efetivação de práticas interdisciplinares e a reconstrução dos valores ideológicos, sociais e ambientais. A Educação Ambiental simboliza-se como uma semente alada, que encontra dificuldades para germinar em um solo repleto de desafios, e, o professor, como um semeador que precisa se reinventar para formar um sujeito ecológico no ambiente em que atua. O professor é um dos principais agentes de formação e disseminação da cultura ambiental, devendo promover ações de responsabilidade individual e coletiva.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Sujeito Ecológico. Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

This study analyzes and reconstructs the influence of the symbol and symbolism in the thoughts and action of Environmental Education teachers in the city of Coxim, MS. It is based in the differentiation of subject-object and subject-being, oneself as the other, which is personified, in time, by this language, emphasizing the role of the educator in contributing to the educational (in)formation of the ecological individual. We also put in context the relationship of the human beings with the environment, in their search for ecological experiences. In order to do that, this hermeneutic phenomenological research was developed with ten teachers of different areas that formed an interdisciplinary group. This group of teachers underwent two movements. The first one was related to the choice of pseudonyms selected in images/symbols of the flora and fauna of the Pantanal. These images/symbols served as meditation instruments that stimulated the experience of biophilic and topophilic relationships. At a second moment, the symbols and educational practices were used in Environmental Education in order to understand the actions in the formation of the ecological individual. The questions that directed the study were: “what is the relationship between the pseudonym chosen and yourself?” and “which are the relationships between the symbols evidenced in your educational practice, with emphasis in the ecological individual?” Using the ideographic and nomothetic analysis of the discourse, the teachers identified themselves with the attributes of the morphology and physiology of the living beings, of the behavior of the animals in their habitats and in the urban areas, and of the socioenvironmental problems of this biome. When carrying out the educational activities, the teachers felt that their actions in the classroom are solitary, and require not only changes that will make interdisciplinary practices effective, but also reconstruction of ideological, social and environmental values. Environmental Education is symbolized by a winged seed that finds difficulties in sprouting in a too-challenging ground, and teacher is a farmer who needs to reinvent him/herself to form an ecological individual in the environment where he/she acts. The teacher is one of the main agents to form and spread environmental culture, and he/she should promote actions of individual and collective responsibility.

Keywords. Environmental education. Ecological subject. Interdisciplinarity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Mandala do pesquisador. A Educação Ambiental são sementes aladas e os professores são os semeadores	4
Figura 2	Mandala I: O semeador e a semeadura: o si-mesmo como outro nas práticas pedagógicas em Educação Ambiental.....	21
Figura 3	Mandala II: Imagens simbólicas de pseudônimos e a percepção ambiental dos elementos.....	24
Figura 4	Enfoque de ensino e metas da Educação Ambiental constitui um todo.....	35
Figura 5	Esquema do Modelo atual de Desenvolvimento	38
Figura 6	Esquema das interrelações de esferas apontadas pelo Rio-92, para os problemas ambientais do mundo, ao lado da Educação Ambiental.....	38
Figura 7	Mandala III – O ser humano e o meio ambiente: a busca de vivência ecológica	42
Figura 8	Esquema do processo perceptivo humano e o Meio Ambiente.....	45
Figura 9	Imagem rupestre da caverna existente na propriedade particular de Djalma Florício de Souza.....	51
Figura 10	Vista aérea da cidade de Coxim, MS.....	52
Figura 11	Mandala IV – A fenomenologia e o desvelamento do fenômeno: análise e reflexão.....	55
Figura 12	A escolha do pseudônimo por meio de imagens.....	61
Figura 13	Psicodinâmica: a construção de máscara ecológica.....	63
Figura 14	Imagens estimuladoras dos discursos dos sujeitos em pseudônimo e a relação topofilica com a flora e fauna pantaneira.....	66
Figura 15	Imagens das atividades: passeio ecológico, oficina de máscaras, mandalas e o grupo de Estudo e Pesquisa FFLIPE e os participante da pesquisa.....	70
Figura 16	Mandala V - Da semente, a semeadura, da flor ao fruto - a Hermenêutica: Educação Ambiental uma semente alada.....	96
Figura 17	Resultado da psicodinâmica na apresentação do pseudônimo.....	99
Figura 18	Imagem escolhida pelos professores como pseudônimo: tucano (<i>Ramphastos toco</i>).....	100
Figura 19	Imagem escolhida pelo professor como pseudônimo: orquídea (<i>Cattleya nobillior</i>).....	102

Figura 20	Imagem escolhida pelo professor como pseudônimo: peixe dourado (<i>Salminus brasiliensis</i>).	103
Figura 21	Imagem escolhida pelo professor como pseudônimo: Borboleta na crisálida (<i>Lepidópteros</i>).....	104
Figura 22	Imagem escolhida pelo professor como pseudônimo: Jacaré (<i>Caiman crocodillus yacare</i>).....	106
Figura 23	Imagem escolhida pelo professor como pseudônimo: onça-pintada (<i>Panthera onca</i>).....	107
Figura 24	Imagem escolhida pelo professor como pseudônimo: ipê-rosa (<i>Tabebuia avellanedae</i>).....	108
Figura 25	O Pesquisador e o grupo, apresentação da cebola e da arguição da pesquisa no Sítio Arqueológico.....	114
Figura 26	Mandalas ecológicas símbolos da relação pedagógica.....	115
Figura 27	Psicodinâmica: construção de máscara ecológica.....	116
Figura 28	Psicodinâmica: construção de máscara ecológica.....	118
Figura 29	Respondendo a arguição da pesquisa.....	120
Figura 30	Mandala VI – Síntese das convergências temáticas e categorias abertas.....	125

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	O grupo de professores: pseudônimo, gênero, naturalidade e graduação ..	63
Quadro 2	Análise Ideográfica do discurso Biofílico do pseudônimo escolhido pelo professor: Peixe-Dourado	65
Quadro 3	Análise Ideográfica do discurso Biofílico do pseudônimo escolhido pelo professor: Orquídea	66
Quadro 4	Análise Ideográfica do discurso Biofílico do pseudônimo escolhido pelo professor: Borboleta	67
Quadro 5	Análise Ideográfica do discurso Biofílico do pseudônimo escolhido pelo professor: Tucano I	67
Quadro 6	Análise Ideográfica do discurso Biofílico do pseudônimo escolhido pelo professor: Tucano II	67
Quadro 7	Análise Ideográfica do discurso Biofílico do pseudônimo escolhido pelo professor: Tucano III	68
Quadro 8	Análise Ideográfica do discurso Biofílico do pseudônimo escolhido pelo professor: Tucano IV	68
Quadro 9	Análise Ideográfica do discurso Biofílico do pseudônimo escolhido pelo professor: Jacaré	68
Quadro 10	Análise Ideográfica do discurso Biofílico do pseudônimo escolhido pelo professor: Onça Pintada	69
Quadro 11	Análise Ideográfica do discurso Biofílico do pseudônimo escolhido pelo professor: Ipê Rosa	69
Quadro 12	Análise Ideográfica do discurso das relações simbólicas: cebola, máscara, mandala e a prática pedagógica em ênfase de formação do sujeito ecológico: Peixe-Dourado	70
Quadro 13	Análise Ideográfica do discurso das relações simbólicas: cebola, máscara, mandala e a prática pedagógica em ênfase de formação do sujeito ecológico: Orquídea	72
Quadro 14	Análise Ideográfica do discurso das relações simbólicas: cebola, máscara, mandala e a prática pedagógica em ênfase de formação do sujeito ecológico: Borboleta	74
Quadro 15	Análise Ideográfica do discurso das relações simbólicas: cebola, máscara, mandala e a prática pedagógica em ênfase de formação do sujeito ecológico: Tucano I	76

Quadro 16	Análise Ideográfica do discurso das relações simbólicas: cebola, máscara, mandala e a prática pedagógica em ênfase de formação do sujeito ecológico: Tucano II	78
Quadro 17	Análise Ideográfica do discurso das relações simbólicas: cebola, máscara, mandala e a prática pedagógica em ênfase de formação do sujeito ecológico: Tucano III	79
Quadro 18	Análise Ideográfica do discurso das relações simbólicas: cebola, máscara, mandala e a prática pedagógica em ênfase de formação do sujeito ecológico: Tucano IV	80
Quadro 19	Análise Ideográfica do discurso das relações simbólicas: cebola, máscara, mandala e a prática pedagógica em ênfase de formação do sujeito ecológico: Jacaré	81
Quadro 20	Análise Ideográfica do discurso das relações simbólicas: cebola, máscara, mandala e a prática pedagógica em ênfase de formação do sujeito ecológico: Onça Pintada	83
Quadro 21	Análise Ideográfica do discurso das relações simbólicas: cebola, máscara, mandala e a prática pedagógica em ênfase de formação do sujeito ecológico: Ipê Rosa	85
Quadro 22	Convergência das asserções dos sujeitos: confluências temáticas relacionados aos pseudônimos e a relação Biofílica com a Flora e Fauna Pantaneira	87
Quadro 23	Convergência das asserções dos sujeitos e Confluência Temáticas aos símbolos: cebola, máscara e mandala e a prática pedagógica com ênfase de sujeito ecológico	89
Quadro 24	Confluências Temáticas e Categorias Abertas relacionados aos pseudônimos e a relação Topofílica com a Flora e Fauna Pantaneira.....	93
Quadro 25	Categorias Abertas relacionados aos símbolos: cebola, máscara e mandala e a prática pedagógica em ênfase de sujeito ecológico	94
Quadro 26	Confluências Temáticas e Categorias abertas e a relação Biofílica da Fauna e Flora Pantaneira aos pseudônimos	98
Quadro 27	Confluências Temáticas e Categorias Abertas correlacionados aos símbolos: cebola, máscara e mandala e as práticas pedagógicas com ênfase de sujeito ecológico.....	98

LISTA DE ABREVIATURAS

CEI: Centro de Educação Infantil

COINTA: Consórcio Intermunicipal para o Desenvolvimento Sustentável da Bacia do Rio Taquari

EMBRAPA: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

FLLIPE: Fenomenologia, Formação, Linguagem Lúdica e Interdisciplinaridade em Pesquisa e Educação

MEC: Ministério da Educação e Cultura

ONU: Organização das Nações Unidas

PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais

PIEA: Projeto Internacional de Educação Ambiental

Rio-92: Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento

UEMS: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

UFMS: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A	TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	138
APÊNDICE B	IDENTIFICAÇÃO: O professor participante nos encontros.....	139
APÊNDICE C	QUESTIONÁRIO I - O pseudônimo e relação biofílica com os elementos da Flora e Fauna pantaneira.....	140
APÊNDICE D	VISITANTES EXTERNOS NO GRUPO: O grupo FLLIPE.....	141
APÊNDICE E	IMAGENS DAS ATIVIDADES DO GRUPO FLLIPE.....	142
APÊNDICE F	QUESTIONÁRIO II – Os símbolos e a relação com a prática pedagógica.....	143

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	22
1 O SIMBOLISMO E O SI MESMO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL	25
1.1 Um momento filosófico, a educação e a educação ambiental: o ser humano	25
1.2 O ser na educação, identidade, imaginação e linguagem simbólica	27
1.3 A Educação Ambiental e o ser educador: ênfase em (in)formação do sujeito ecológico	32
2 SER HUMANO E O MEIO AMBIENTE: A BUSCA DA VIVÊNCIA ECOLÓGICA	43
2.1 Coxim-MS, um dos Portais do Pantanal: a interconexão ambiental e o local da pesquisa	51
3 A FENOMENOLOGIA E O DESVELAMENTO DO FENÔMENO: ANÁLISE E REFLEXÃO.....	56
3.1 O grupo de professores: os semeadores do ideário ecológico	64
3.2 Análise Ideográfica e Nomotética: um percurso dos semeadores com a semeadura	64
3.3 Análise Ideográfica dos pseudônimos da biofilia pantaneira	66
3.4 Análise Ideográfica relacionada aos símbolos – cebola, máscaras e mandalas nas práticas pedagógicas	70
3.5 Confluências temáticas dos pseudônimos da Biofilia Pantaneira	87
3.6 Confluências temáticas relacionadas aos símbolos – cebola, máscaras e mandalas nas práticas pedagógicas	89
3.7 Categorias Abertas dos pseudônimos e a Biofilia Pantaneira	93
3.8 Categorias Abertas relacionadas aos símbolos – cebola, máscaras e mandalas nas práticas pedagógicas	94
4 UMA INTERPRETAÇÃO DOS PROFESSORES E SUAS AÇÕES PEDAGÓGICAS: DA SEMENTE À SEMEADURA, DA FLOR AO FRUTO	97
4.1 O fenômeno desvelado e a sua interpretação	97
4.2 A fauna e a flora e a percepção imaginária do professor	99
4.3 Conhecimentos sobre a morfologia e fisiologia da fauna e flora pantaneira	103
4.4 Comportamento da fauna no habitat natural e na área urbana	105
4.5 A depredação socioambiental no Pantanal	108

4.6	Educação e Educação Ambiental na escola	109
4.7	As práticas pedagógicas de formação ecológica.....	113
4.8	Indicações de ações para a cidadania ambiental no ambiente escolar	117
4.9	É necessário concluir: Educação Ambiental, uma semente alada; o professor, um semeador... ..	120
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	128
	APÊNDICES	137



A ENUNCIÇÃO DE SI, UMA PÁGINA NECESSÁRIA

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Por isso é mais adequado falar de processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza como cada um se sente e se diz professor: e vice-versa. (NÓVOA, 2004, p.34-35).

Querer é poder. Apesar de descender de família de baixo poder aquisitivo, meus pais davam grande valia à Educação e, na simplicidade, me ensinavam a viver! Relembrando Ricoeur (FRANCO, 1995), um produto se faz do passado, em si mesmo, e do presente, como tendo sido. Relembrar as condições de vida é inerente e essencial à pessoa e molda a existência do sujeito, ser-aí, como agente temporal do mundo, assumindo a própria experiência encarnada, incorporando ao entendimento de si e da ação, a apropriação existencial do sujeito.

O despertar para a relação topofílica, aquele primeiro momento de educação para o ambiente, foi estimulado pelos meus pais, meus primeiros professores. Ativando a lembrança, vasculho a memória e presentifico o passado na rua Carlos Antonio Lopes, 2426, na cidade de Pedro Juan Caballero-Paraguay. Quando criança, residindo nessa cidade fronteiriça, convivi com minha mãe lavadeira, meu pai padeiro, que possuíam “dedos verdes” e, um quintal espaçoso, muito interessante. Nele havia um belo jardim com muitas plantas, principalmente as Dálías (*Zinnia elegans*), que chamavam a atenção de todos que passavam naquela rua pelo seu colorido em diversas cores, sempre floridos!

A casa era de madeira, não pintada. Na parte lateral, do lado direito da porta de entrada, havia a presença de uma trepadeira, uma planta Jibóia (*Epipremnum pinnatum*). No fundo, além das Bananeiras (*Musa sp.*), possuíamos uma bela Parreira (*Vitis vinifera*). Papai podava e sempre fazia novas mudas! Interessante era que todas elas brotavam, como que agradecidas por fazerem parte daquele jardim. Nos canteiros das Uvas havia a presença da Malva-Cheirosa (*Malva sylvestris*) com seus tons vermelhos fortes.

Quando criança tinha por obrigação varrer o quintal e não sabia que daqueles frutos, as uvas vendidas, surgiam os presentes de Papai Noel, que nunca faltaram. Lembrando, ainda, havia uma criação de galinhas e de porcos, que ajudávamos a alimentar, mantendo limpo o espaço dos animais.

Quanto à formação básica, educacional, estudei na Escola Municipal Ramiro Noronha, na Escola Estadual João Brembaetti Calvoso e conclui o Ensino Médio na Escola Estadual Joaquim Murtinho, todas na cidade de Ponta Porã/MS.

Apesar de desejar continuar os estudos, fazer uma Graduação, principalmente tendo a mãe como grande incentivadora, como na época não havia universidade pública ou particular em Ponta Porã/MS, fiquei a espera do tempo.

A minha experiência na e para a Educação iniciou-se em 1987, com a retomada dos estudos na recém inaugurada Faculdade Magsul, ligada a Escola Pré-Escolar de 1º e 2º Graus Magsul. Neste período, conciliei o trabalho bancário com a graduação em Pedagogia. Na faculdade participei-trabalhei como aluno voluntário, sem bolsa, nas séries iniciais da Escola Magsul. A referida escola tornou-se um laboratório, uma extensão da Faculdade. Após 6 meses, por ter me destacado como estagiário e ter participado em várias atividades propostas no curso de graduação, fui convidado e aceitei a exercer a função de Coordenador Pedagógico do Ensino Fundamental (5ª a 8ª séries).

Com a crise política do governo Collor de Mello, a vida socioeconômica do país passou por grandes turbulências. Nessa época, houve um concurso cultural proposto pela Faculdade em comemoração aos 500 anos da Abolição da Escravatura no Brasil. Por ter uma boa memória, fui motivado pelos colegas a declamar a poesia o “Navio Negreiro”, de Castro Alves. Venci e conquistei como prêmio um merecido desconto das minhas mensalidades. Um grande alívio para mim.

Em 1989, formei-me na primeira turma da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Ponta Porã/MS. Neste mesmo ano nasce minha filha, Milena. Após a conclusão do curso, também fui convidado a coordenar as turmas de Ensino Médio, durante os anos de 1989 a 1991.

Em 1990, surgiu uma nova oportunidade para utilizarmos nossos conhecimentos acadêmicos: o concurso público para Orientador Vocacional (conforme Diário Oficial. nº. 2.876 de 22/08/90). Ao competir e ser aprovado no concurso, desliguei-me do serviço bancário. Fui lotado na escola onde havia concluído meus estudos secundários, a Escola Estadual Joaquim Murtinho de Ponta Porã, no período diurno. Era um orientador cheio de vontade, porém, sem experiência pedagógica. Como dispunha somente da teoria, alguns de meus antigos ex-professores criticavam a minha falta de experiência vivida e reflexiva no cotidiano escolar. Com a extinção do cargo de orientador vocacional fui realocado para o cargo de Coordenador Pedagógico da pré-escola e das séries iniciais. Neste período, também, pude conciliar minhas atividades com as de Coordenador Pedagógico em outras escolas particulares.

Novos desafios surgiram no período de 1995 a 1997, quando trabalhei na Agência Regional de Educação-85, atuando como Tecnólogo Educacional. Nessa função, recebi capacitações com o objetivo de implantar o Projeto “TV Escola” na rede Estadual de Ensino de Ponta Porã.

Em 1997, participei da seleção para professor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS. Ao ser aprovado, fui cedido para atuar no curso de Ciências – Habilitação em Biologia, na Unidade de Ensino de Coxim-MS. Nessa época, ministrei aulas na UEMS, em Coxim, e em paralelo, atuei como professor de espanhol e inglês para crianças da Escola Particular Casinha Feliz em Ponta Porã, fazendo toda semana o percurso de cerca de 800 km na BR-163, que liga as duas cidades: um espaço aberto de poder e querer fazer educação.

Em 1998, prestei um novo concurso e fui efetivado na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (Diário Oficial nº. 4.754), onde atuo como professor de Psicologia da Educação, Filosofia da Educação e Estrutura e Funcionamento da Educação Nacional no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Além das funções pedagógicas, atuei como gerente da unidade do curso entre os anos de 2002 a 2004. Recentemente, como fui reintegrado à função de gerente em 2010, ministro somente a disciplina de Psicologia da Educação. Essa contação como se fosse um memorial está presente na minha memória-vida. Pois, os caminhos que trilhei, foram sempre associados a grandes dificuldades, mas brilhantes resultados, presenças orientativas de pessoas e reflexões que me ajudaram a vencer, e com humildade, entender que a atitude de ir e vir, de ser e estar e nunca desistir é que nos faz vencer nos abrindo para novas atitudes e trocas, nos levando no processo de construir em pesquisa.

A atuação na área de Meio Ambiente teve início quando participei da “I Etapa do Curso de Capacitação de Multiplicadores em Educação Ambiental - Acordo BRASIL/UNESCO”, no período de 15 a 19 de junho de 1998, ministrado pela Profª Dra. Nana Mininni Medina, em Brasília – DF. Após o curso, coordenei diversos projetos de extensão, estimulando e participando de uma ciranda ecológica interdisciplinar.

Nos projetos de extensão, voltados para a temática ambiental, há participação de acadêmicos da UEMS e professores da rede estadual e municipal de Coxim e das cidades da região norte de Mato Grosso do Sul, tais como Rio Verde de Mato Grosso, Pedro Gomes e Sonora.

Durante o ano de 2000 e 2001, executei o Projeto de Extensão: “O ensino de Educação Ambiental através do uso da televisão e do vídeo”, sob a metodologia da pesquisa-ação, que fundamentou a minha dissertação de mestrado intitulado “A Sedução da Imagem – um

Processo de Sensibilização na Educação Ambiental”. A dissertação contou com a participação de professores da Escola Estadual Padre Nunes de Coxim-MS, centrando-se em atividades que procuravam despertar a educação para o “ver” e “compreender” a natureza. Outros colegas professores da UEMS participaram deste percurso interdisciplinar, que utilizou como instrumentos pedagógicos sensibilizadores a exibição de filmes, a criação de desenhos a partir de músicas e a contemplação do ambiente circundante e natural, a partir da observação da flora pantaneira, observados durante um passeio ecológico.

O trabalho procurou despertar no grupo de professores o elo entre a sedução da imagem e o significado de um projeto em Educação Ambiental, num avanço de proposta para criação de novas ações com a criança e a ecologia. O estudo foi submetido ao Centro de Desenvolvimento Sustentável - CDS/UnB e aprovado em 25 de março de 2002, por onde alcancei o título de Mestre do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável.

Tal momento cognitivo em minha vida foi de fundamental equilíbrio, para que pudesse entender o verdadeiro comprometimento de todas as diversidades vividas e compartilhadas. Afinal, me senti realizado na profissão a partir do contato com os movimentos que a natureza pede em uma Educação Ambiental, revelada pela presença do sujeito-professor e buscador na parceria do sujeito-aprendiz com seus diálogos identitários, a partir do toque que o próprio espaço ambiental fornece. Assim percebo que a busca constitutiva de conhecimento pedia mais, então vamos à busca de efetividade de um doutorado que nos auxilie nessa caminhada.

A escolha do programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Campo Grande, se deu pela histórica credibilidade e comprometimento dos professores na produção e construção do conhecimento científico em Mato Grosso do Sul. Ser pesquisador e aluno na linha de pesquisa Educação, Psicologia e Prática Docente é uma oportunidade muito grande para minha formação acadêmica. A Fenomenologia me traz uma abordagem que me fortalece para construir o conhecimento na Educação Ambiental, com ênfase no sujeito ecológico na cidade de Coxim-MS.

Percebi que a participação no Grupo de Estudos FLLIPE – Fenomenologia, Formação, Linguagem Lúdica e Interdisciplinaridade em Pesquisa e Educação, auxiliou na formação da minha identidade enquanto pesquisador. Ajuda-me e ajudou nas trocas efetivas daquilo que entendo como pesquisa qualitativa em Educação – respeitar o outro na presença do nós e, por meio dessa parceria, entender e entender-se na pesquisa.



Figura 2 – Mandala I: O semeador e a semente: o si-mesmo como outro nas práticas pedagógicas em Educação Ambiental.

O próprio de um homem sábio é ser capaz de deliberar corretamente sobre o que é bom e vantajoso para si próprio, não sobre um ponto parcial (...) mas, de um maneira geral, que tipo de coisas, por exemplo, conduzem à vida feliz... O bom deliberador, no sentido absoluto, é o homem que se esforça para atingir o melhor dos bens realizáveis para o homem, e que o faz por raciocínio. [...] A sabedoria prática parece, portanto, ter dois limites: um limite superior: a felicidade, e um limite inferior: a decisão singular. (RICOUER, 1991 apud GARRIDO, 1994, p. 161).



INTRODUÇÃO

Poder prometer pressupõe poder dizer,
poder agir sobre o mundo,
poder narrar é formar a ideia de unidade narrativa de uma vida,
por fim imputar a si-mesmo a origem dos próprios atos
(TAINO, 2008, p. 81)

Um dos componentes a serem trabalhados para se alcançar os objetivos de mudança para uma Educação Ambiental é o professor, um dos principais sujeitos da disseminação de uma cultura ecológica em ações de responsabilidade individual e coletiva. Nessa construção ideológica o uso de símbolos permite sensibilizar e conscientizar a ação e reflexão quanto as suas práticas ecológicas.

Na ação interativa pedagógica é necessário que o professor observe a si mesmo e ao seu aluno em “[...] um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vistas à construção de uma identidade que é, também, uma identidade profissional” (ROJAS, 1998. p. 69), moldando assim a própria concepção de professor em suas atividades pedagógicas na formação de uma consciência socioambiental ecológica.

Entre os diferentes métodos aplicados na educação, a Fenomenologia é uma corrente filosófica que trouxe uma revolução no paradigma de percepção de si como ser aí e seus elementos de entorno, ressaltando que o suposto mundo que se conhece não é algo deduzido, mas sim, uma realidade concreta e vivida, abarcando as noções de intencionalidade do sujeito e da consciência presentificada (BICUDO, 2000; PEIXOTO, 2003).

O atual cenário de degradação ambiental urbana na região de Coxim/MS, envolvendo inclusive o Pantanal, promove uma necessidade de elaboração de práticas educativas socioambientais junto aos professores da rede de ensino. Cabe assim, como delimitação do problema da pesquisa analisar e reconstruir a prática pedagógica dos professores da Rede Estadual e Privada de Ensino Fundamental, quanto ao *pensar* e *agir* pedagógico, configurando-as em práticas de formação de um sujeito ecológico em mudança de comportamento, na evidência da criação de uma cultura ecológica da cidade para o Pantanal.

O presente estudo trabalhou e analisou as concepções de dez professores da Rede Estadual, Municipal e Privada de ensino da cidade de Coxim-MS, visando promover a biofilia

e a topofilia relacionada ao Pantanal Sul Mato-Grossense e as práticas pedagógicas de Educação Ambiental relacionadas aos símbolos e às simbologias ecológicas.

Este trabalho perpassou por movimentos variados, como passeios ecológicos, encontros do grupo e oficinas para a construção de elementos considerados como símbolos ecológicos. As concepções colhidas nestas práticas pedagógicas foram analisadas em abordagem Fenomenológica, com uma leitura interpretativa quanto ao “pensar” e “agir” pedagógico do sujeito-professor para a Educação Ambiental, na formação ecológica dos educandos.

O estudo foi organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo, fez-se uma apresentação do sujeito ser-aí na temporalidade, diferenciando o sujeito-objeto do sujeito-ser. Ponderou-se a função da educação e da ação do professor na compreensão das linguagens simbólicas. No contexto, procuramos mostrar as relações entre a Educação e a Educação Ambiental, apresentando a necessidade do pensar e do agir quanto à cidadania, a interdisciplinaridade e à sustentabilidade no âmbito das práticas escolares.

No segundo capítulo, apresento o local do ser humano e o Meio Ambiente, a interconexão de enunciação ecológica. Enfoco também a Topofilia e seus conceitos teóricos, além do espaço “artificial criado” pelo ser humano, as cidades, ressaltando as correntes teóricas e metodológicas para uma prática de Educação Ambiental. Quanto ao local de estudo, apresento a cidade de Coxim-MS, um dos “Portais do Pantanal” sulmatogrossense.

No terceiro capítulo, trato da Fenomenologia, a história e compreensão do sujeito cognoscente, além da metodologia em suas análises Ideográficas e Nomotética. Neste capítulo, o desvelamento dos dados e a função do pesquisador na busca dos fenômenos com questões reflexivas foram à tônica que revelaram e desvelaram o trabalho do professor. A interpretação do todo para as partes e das partes para um todo mostraram o professor como um semeador e a educação como sua semente.

No quarto capítulo, analiso a semente lançada, como formadora do ideário do sujeito ecológico, e as intempéries do solo para sua fecundação e nutrição. Metaforicamente, a semente é um ideário e, o campo, o próprio ser humano que, nessa semente, permitiu realizar uma interpretação das práticas pedagógicas com ênfase do sujeito na educação e na educação ambiental, desvelando um indicativo de cidadania ambiental na escola. Trabalhou-se ainda o professor que deve compartilhar, junto aos educandos, a intencionalidade educativa, estimulando a dimensão ecológica, sendo um sujeito crítico, capaz de ler o ambiente e refletir as relações, os conflitos e os problemas presentes intra e extramuros escolar, na formação de uma ecologia consciente.



Figura 3 – Mandala II: Imagens simbólicas de pseudônimos e a percepção ambiental dos elementos.

O saber ambiental questiona todas as disciplinas e todos os níveis do sistema educacional. A formação ambiental implica assumir com paixão e compromisso a criação de novos saberes e recuperar a função crítica e prospectiva do conhecimento [...] e discutir os métodos tradicionais de ensino, colocando novos desafios à transmissão do saber, onde existe uma estreita relação entre pesquisa, docência difusão e extensão do saber. A Educação Ambiental exige, pois novas atitudes dos professores e alunos, novas relações sociais para a produção do saber ambiental e, novas formas de inscrição da subjetividade nas práticas pedagógicas. (MORALES, 2007, p. 81).



1 O SIMBOLISMO E O SI MESMO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

1.1 UM MOMENTO FILOSÓFICO, A EDUCAÇÃO E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: O SER HUMANO

No fluxo da vida, a luta pela existência e a busca da compreensão do si como um ser é um ir e vir das relações entre o ser humano e o ambiente, dando o sentido de si ao mundo. A avidez do ser-aí, o sujeito no tempo-espaço em busca do conhecimento e de interações socioambientais, desvela e revela um compreender-se a si mesmo e aos outros. É o ser humano, um sujeito em construção que tem em si mesmo uma vaga consciência de polo-sujeito, que se expressa pela linguagem como enunciação.

Paul Ricoeur foi um grande filósofo e hermeneuta que buscou a interpretação e o sentido do mundo vivido dos agentes. Autor de uma filosofia que se orienta na direção fenomenológica, buscando a essência das coisas. Observamos em seu estudo uma diferenciação de sujeito do modelo tradicional¹. Em contraposição, a concepção tradicional de sujeito, há sempre mais experiência vivida temporal que qualquer teoria poderá captar e tentar compreender dessa experiência. Há um excedente de significados disponível e uma abrangente realidade a que se refere, portanto, o seu pensamento se diferencia de Husserl, no sentido de que:

Husserl alegava ter descoberto um método capaz de levar a filosofia a um campo transcendental em que as coisas aparecem a um sujeito transcendental e podem ser conhecidas como realmente são [...] esse sujeito transcendental não era ninguém porque, como conhecedor puro, era qualquer um. (PELLAUER, 2009, p. 92).

¹ A Fenomenologia transcendental guarda toda a relação de intimidade com a filosofia reflexiva de Descartes, de Kant e de Hegel e centra o seu expoente em Husserl. O sujeito é um ser pensante integrando conceitos herdados do idealismo como condições concretas da existência, fazendo uma fenomenologia existencialista. A preocupação com o corpo, o seu conceito de existência encarnada defendida por Paul Ricoeur e em Merleau-Ponty alicerça-se no conceito de corpo-vivido. São versões diferentes da mesma fenomenologia. Husserl fala do regresso às próprias coisas e Merleau-Ponty mantém a primazia da percepção com o seu livro “*La phénoménologie de la perception*”, ambas filosofias valoram a percepção em detrimento de uma construção teórica e abstrata. Paul Ricoeur é precisamente o pensador na História da Filosofia como um crítico por excelência, procurando construir um terceiro caminho, sai da percepção e centra-se na linguística. (CASTRO, 2002, p. 30).

A concepção de sujeito proposto por Husserl não demonstra um caminho de volta ao mundo da experiência e da subjetividade vivida pelo ser. Na verdade, podemos questionar a experiência, mas nunca se pode escapar completamente ao mundo da vida cotidiana, a experiência de vida do dia-a-dia.

O sujeito defendido por Ricoeur não é um *cogito* proposto por Descartes, mas sim um ser personificado. Um ser existente que, paulatinamente, se desvela pela e na própria vida. Para tanto, a constituição de “si mesmo” acontece nos encontros das experiências, perfazendo assim a sua existência.

A existência do sujeito é encarnada, sendo o corpo² um centro vivo de sua própria experiência. O corpo possui uma duplicidade interativa, objetiva e subjetiva, e o “corpo é mais órgão de nossa atuação que objeto”. (PELLAUER, 2009, p. 35).

Embasado nessa concepção filosófica de pensar o sujeito, a ação vivificante do “ser-aí” o diferencia dos demais seres pela enunciação de si. A linguagem possui uma “reflexão, se volta para o corpo [...] extravasa os limites fenomenológicos: o corpo é visto não só como lugar do voluntário, mas também como lugar do involuntário”. (FRANCO, 1995, p. 41).

A percepção e a imaginação devem ser estimuladas na Fenomenologia Hermenêutica, porém deve-se reconhecer seus limites, pois o estímulo e uso de ambas em práticas educacionais necessita de um método e de uma metodologia processual. O campo do ensino não é monista, pois se centra no sujeito cognoscente e nos aspectos contextuais. O ser humano não pode ser conhecido pela introspecção e sim, por meio das intermediações, compreendendo a si e o mundo.

Paul Ricoeur apresenta uma diferença entre o sujeito-ser do modelo sujeito-objeto, proposto por Descartes. Para esse autor, o sujeito-objeto é problemático, pois não dá conta da experiência de si mesmo, nem do mundo em que vive e atua.

O *Cogito* cartesiano é medida e regra de certeza. Impõem-se, não por verificação ou por dedução, pois não pode ser verificado como um facto, nem deduzido como uma conclusão, mas, simultaneamente, como posição de uma existência - Ser pensante. Assim, existir é, para Descartes, pensar. (SUMARES, 1987 apud CASTRO, 2002, p. 27).

O sujeito do *cogito* cartesiano na modernidade não dá mais conta da pluralidade do ser humano, pois o sujeito é um ser dotado não apenas de razão, mas também de imaginação e de um intrínseco poder criador que têm em sua linguagem inúmeros símbolos, simbologias e

² O corpo é tratado objetivamente quando visto como um objeto entre outros no mundo. O corpo é tratado subjetivamente quando visto de modo pessoal. (FRANCO, 1995, p. 41).

simbolismos. Conseqüentemente, na busca da compreensão da hermenêutica, as interpretações se desvelam no ser, no lugar e na sua morada, o seu *ethos-oikos*. Contudo, o termo em si não evoca apenas o habitat ou a morada concreta, seu sentido vai além, tem profundidade reflexiva. Entre o habitat e a existência deve existir ressonância.

Nessa ressignificação de sentidos reflexivos, a cultura do ser em si surge como um ato de lavar-se e descobrir-se em transformação, as coisas e a interação precisam de interpretação. No entanto é preciso e necessário duvidar das aparências culturais e, mais do que isso, faz-se necessário duvidar da própria consciência e da linguagem humana. A cultura por si só camufla, disfarça, esconde aquilo que e como realmente é. O problema não é primeiramente epistemológico, mas sim, antes de tudo, é superar a ilusão, redescobrir a autenticidade do sentido, mediante a hermenêutica. Urge assim o desvelar do sujeito enunciado e o seu ser-aí na cultura em personificação do ser como um agente no tempo-espaço.

1.2 - O SER NA EDUCAÇÃO, IDENTIDADE, IMAGINAÇÃO E LINGUAGEM SIMBÓLICA

A reciprocidade e dialética entre o conhecer e o sentir deve educar o ser-aí para a liberdade e reconhecimento de identidade pessoal e social. A educação e a identidade podem ter por função a busca da mudança social. No percurso, deve estimular ao máximo as relações interativas possíveis, não apenas considerando a objetivação empregada para aquisição de conhecimento, mas aproximando-a da intencionalidade e do afeto, presentificando o sentimento e a personificação do ser.

As práticas educativas no âmbito escolar requerem uma abertura para a interpretação e as mediações oferecidas para compreensão do real, devendo ser revisada por meio da reciprocidade entre o sentir e o conhecer, com atitude de respeito, tornando factível o *locus* do reconhecimento. Durante a Eco-92, mediante os debates dos problemas ambientais, destacou-se a necessidade de mudança de comportamento socioambiental e a criação do ser ambiental ou sujeito ecológico. Uma busca identitária à medida que o ser se expande e busca uma legitimidade “[...] ao conjunto da sociedade como modelo ético para estar no mundo”. (CARVALHO, 2003, p. 285).

O reconhecimento da identidade ecológica e, em especial, do si-mesmo nunca é absoluto. A concretização se dá pelas mediações, permitindo sua compreensão. A auto-invenção de si traz consigo a invenção do “outro”, nas relações de alteridade e, portanto, de uma identidade permeando um campo intersubjetivo e cultural em um dado momento.

Essa construção identitária à ecologia é formada pelo ponto de vista do sujeito, possuindo um suposto ideal e ética ambiental, levando adiante e expandindo as crenças preconizadas pelo e no campo ambiental. Também pode promover sentidos e possibilidades no campo do sujeito ecológico.

A narrativa identitária é, ao mesmo tempo, autor e intérprete de si mesmo. É preciso uma clarificação e aprofundamento dos elementos polares constituintes da identidade (mesmidade; *idem*) e na identidade (ipseidade; *ipse*) pessoal do sujeito. O *idem* conota o “mesmo”, para o outro, ao contrário, o *ipse*, agrega o “pessoalmente”, o eu por mim mesmo. A identidade somente no aspecto da mesmidade (*idem*) não alcança o nível pessoal. Apresentam uma identidade impessoal, deixando de lado o aspecto ético e fundamental no campo da educação.

Na construção de uma identidade pessoal a ação é a uma dialética, uma identidade mantida e denominada de *idem* e a outra identidade designada de *ipse*. Vale ressaltar que essas conotações se dão por meio da temporalidade. Para tanto, o outro, a alteridade não é aquele que se opõe ao si mesmo, o outro faz parte do próprio sentido do mesmo. Essa ação é responsável pela manutenção e formação do outro si-mesmo, portanto há uma dialética recíproca entre o mesmo e o outro, “é tomada nesse momento como interna a própria consciência”. (STEFANI, 2006, p. 89).

A identidade pessoal constitui-se na intersecção entre dois pólos extremamente importantes, a *mesmidade* e a *ipseidade*. Cabe ressaltar que ambos constituem o si-mesmo e podem ser paradigmáticas:

O que a dialética com a alteridade traz aqui de contribuição é, antes de mais nada, o reconhecimento da polissemia da alteridade. Alteridade não se refere à alteridade de uma outra pessoa, mas também inclui a alteridade no cerne da individualidade, encontrada na tensão entre a identidade *idem* e identidade *ipse*. (PELLAUER, 2009, p. 145).

Uma dialética como caminho provedor do reconhecimento, do conhecer e do sentir, e por vez exige uma reflexão, solicitando um pensar no existir e no desejo de ser. Nas intermediações simbólicas, a reflexão e a atitude estão atentas, com pulsões de interpretar o “si-mesmo”, pois permite passar da consciência geral para a consciência de si. É um processo de duplicidade do *idem* e do *ipse*, atento ao momento preciso, ao tempo ideal, o *Kairós*, considerado como o tempo oportuno.

Na educação o tempo *Kairós* e a personalidade exercem uma função importante, pois vivem em constante movimento e pretendem sempre mudanças, mas nem sempre toda mudança é oportuna. A ação pedagógica deve voltar-se ao ambiente inter e extramuros

preparando o educando para o futuro e a escola para as mudanças. Assim, o tempo da sensatez, do imaginário, é o *Kairós* e sua temporalidade na ação humana é o de fazer história:

Kairós supõe então um domínio onde a temporalidade e o pensamento se encontram, onde o tempo objetivo do mundo encontra a subjetividade do homem. Implica na existência de um tempo favorável, mas também na possibilidade de perdê-lo e na necessidade de velar, de cuidar para não perder. (GARRIDO, 1994, p. 74).

É somente no campo da *ipseidade* que a alteridade encontra espaço e conceitos de responsabilidade e, estes, podem vir à tona. A alteridade nesse sentido é tomada como interna à própria consciência, como o diferente no si-mesmo, porém como alteridade diverso de si. É a constituição de um si mesmo aplicada tanto à identidade social quanto a noção pensada. Neste caso, como indivíduo movendo-se na compreensão de compromisso ético e de uma identidade no tempo. Nessa compreensão “a *ipseidade* é assim, a de um si instruído pelas obras da cultura que ele se aplicou a si mesmo”. (CARVALHO, 2003, p. 291).

A importância de esclarecimento do conceito de identidade como mesmidade e identidade proporciona uma possibilidade de trabalhar melhor o sujeito na Educação. No campo educacional não deve ser somente considerado a mesmidade, mas sim, a *ipseidade*. Neste processo estimulante ocorrem mudanças, emergindo valores, assumindo o diverso, o distinto como constitutivo de si. A *ipseidade* é compreendida como a identidade de um si relacional que marca abertura de um ser afetado pelo mundo, contrastando com a identidade fixa de sujeitos. As narrativas pessoais e ou históricas dão-se em colaboração mútua, a constituição entre sujeito e suas relações mundo. (RICOEUR, 1991).

O esforço de personificação ou da identificação propicia a liberdade ao ser-aí é a imaginação criadora do possível dando-lhe o sentido de apropriar-se de si-mesmo que “[...] o sentir se desdobra como conhecer, proporcionalmente ao conhecer, e, embora de forma distinta do conhecer, num modo não objetivo, que é o modo do conflito interior”. (GARRIDO, 1994, p. 72).

A identidade do sujeito é, em ação, a enunciação do ser pela linguagem. As linguagens, símbolos, mitos, metáforas e narrativas são elementos que promovem à dialética, pois não se esgotam e subsistem em si no mistério. (FRANCISCO, 2001). Na articulação da dialética e do mistério dá-se a constituição do si e a imaginação aparece como intermediadora criadora fundamental, ganhando a afirmação: eu sou a minha própria invenção³.

³ [...] é precisamente nesta capacidade que o homem tem de se construir a si próprio e de se superar a si mesmo, elevando-se acima da sua condição natural que reside a sua especificidade e, ao mesmo tempo, o grande desafio e a grande maravilha que o destaca de todos os outros seres. (CASTRO, 2002, p. 16).

A imaginação criadora facilita a apreensão do mundo do texto, enquanto que a imaginação produtora objetiva o mundo do texto, uma das dimensões para a inteligibilidade por inovação semântica e por identidade narrativa. É pela análise da experiência imaginária, ou seja, da imaginação real, ativa e criadora que se torna viável o conhecimento das estruturas humanas.

O ser-aí tem em si o ato de imaginar, estou presente e sou presente no que imagino estimulado pela percepção. A imaginação encontra-se no corpo-querer presentificado pelo sujeito em ação. É, também, reveladora de decisão e do projeto da necessidade do desejo e do prazer.

A imaginação re-presenta, isto é, torna presente a consciência, o objecto da necessidade (-de) que o consciencializa e o transforma em acção. Assim, é pela representação que a necessidade (-de) entra no ciclo da vontade, sendo pela imaginação que ela se transforma em saber. (CASTRO, 2002, p. 57).

A imaginação estimulada pelos símbolos pode transmitir verdades e valores fundamentais da humanidade (TEIXEIRA, 2006). Segundo Postic:

Ter imaginação é gozar de riqueza interior, de um fluxo ininterrupto e espontâneo... Etmologicamente, imaginação é solidária do imago, representação, imitação e de imitor (imitar, reproduzir). A imaginação imita modelos exemplares – as imagens – ela as reproduz, as reatualiza, as repete sem fim. Ter imaginação é ver o mundo em sua totalidade: porque faz parte do poder e da missão das imagens mostrar tudo o que se mantém refratário ao conceito. (POSTIC, 1993, p. 14)

Para Chevalier e Gheerbrant o símbolo é a expressão substitutiva que estimula a elevação da consciência, pois o mesmo camufla certos conteúdos que, por censura, não podem penetrar. Exprime o mundo percebido e vivido não em função de razão crítica, no nível de sua consciência, mas em função de todo o seu psiquismo, afetivo e representativo, principalmente no nível do inconsciente. Para tanto, sabe-se que:

Cada grupo, cada época têm seus símbolos; vibrar com esses símbolos é participar desse grupo e dessa época. Época morta = época sem símbolos; sociedade desprovida de símbolos = sociedade morta. Uma civilização morre quando não possui símbolos; muito em breve, dela nada se saberá, senão através da história. (CHEVALIER; GHEERBRANT; 2001, p. XXIX).

Estudar o teor dos símbolos não é algo inovador, pois o mesmo não se contenta em provocar ressonâncias; vai mais além, convida o ser a uma transformação em profundidade.

Em si, a elaboração de símbolos, encontra-se carregada de afetividade e dinamismo, tornando os sujeitos semelhantes aos outros, ao objeto da imagem, identificando o mundo imaginário.

Os símbolos como instrumento de intermediação promovem uma via de integração dos valores simbólicos, que por sua vez são expressas por meio das estruturas do imaginário, favorecendo assim a individuação do ser e resultando no desenvolvimento harmonioso das pessoas. Há uma assimilação interior do si mesmo e dos valores exteriores, manifestando de modo indireto o desejo ou os conflitos que unem.

O estudo dos símbolos e mitos permite assim superar a ingenuidade das linguagens primitivas, porém vale ressaltar que essas não são ingênuas. A linguagem é um texto carregado de palavras que necessitam ser ouvidas. No âmbito da Fenomenologia da religião, o símbolo apareceu unido aos ritos e aos mitos, enquanto linguagem ao sagrado. Aqui, na expressividade do mundo, chega de fato à linguagem por meio das expressões de duplo sentido.

A prática de usar símbolos na função pedagógica exerce um sentimento que nem sempre é o de identificação, pois promove uma participação numa força supra-individual. Ao se unir a elementos desiguais, o educando se percebe não como um ser isolado e perdido, mas em um vasto conjunto do seu entorno.

Para obter um resultado satisfatório na educação, não se deve confundir o símbolo com o ilusório, nem com a defesa de um culto do irreal. O símbolo exprime uma realidade que deve responder as múltiplas necessidades de conhecimento, ternura, segurança e sentido de uma energia física e psíquica que fecunda, cria e alimenta. (CHEVALIER; GHEERBRANT; 2001).

Vale ressaltar que o símbolo não é anterior a linguagem, entre ambos há uma relação mútua, a sua construção é um registro da própria linguagem. No entanto, o símbolo carrega em si uma palavra e uma manifestação, a ligação do ser humano com o todo, um processo registrado na própria linguagem.

Significar é tornar presente pela fala aquilo que é pensado. Assim (...) a significação pertence à estrutura do pensar, que pensa falando e que fala pensando [...] a linguagem define-se como função expressiva do homem mediante o sistema significativo da língua. [...] A palavra ou por si só, ou reunida em conjunto dotados de significação, constitui o elemento da língua; a linguagem (É) a caracterização da língua resultante da fala. (CASTRO, 2002, p. 84).

O símbolo⁴ manifesta-se no sujeito como um todo, porém sob três formas distintas: o cósmico, o onírico e o poético. O cósmico manifesta o sagrado, dando significado especial ao objeto. O onírico encontra-se relacionado aos sonhos e, por fim, o poético representado pelas metáforas. No âmbito de enunciação do ser por meio da metáfora, a palavra faz e traz consigo um sentido na e da presentificação da linguagem do sujeito. É um fenômeno de predicação e não de denominação. No contexto histórico da linguagem, a metáfora apareceu como uma figura ornamental destinada a tornar o discurso mais belo e agradável, concorrendo para sua persuasão.

A imaginação no campo metafórico desempenha um papel fundamental, como o artesanato da linguagem, suscitando e configurando novas imagens com novas significações. A metáfora é um poema em miniatura e o “sentido do enunciado metafórico é dizer suas pretensões de alcançar uma realidade extralinguística e, portanto, de sua pretensão de dizer a verdade”. (WACHS, 2004, p. 84). Assim, percebe-se a necessidade de compreender o sentido da linguagem, a enunciação do ser, um sujeito atuante em práticas pedagógica e nas temáticas ambientais.

1.3 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O SER EDUCADOR: ÊNFASE EM (IN)FORMAÇÃO DO SUJEITO ECOLÓGICO

Para alcançar os propósitos da Educação Ambiental e da formação do sujeito com ênfase ao ser ecológico se faz necessário compreender que a pessoa seja postulada como um sujeito que se distingue de outras com diferentes formações e experiências de vida. A invenção do sujeito ecológico não se trata, portanto, de “imaginá-lo como uma pessoa ou grupo de pessoas completamente ecológicas em todas as esferas sociais”. (CARVALHO 2004, p. 67).

Destarte, não existe um código normativo a ser seguido e praticado em sua totalidade, por todos os que nele se inspiram. Para definir uma compreensão do ser, sujeito ecológico, como um projeto identitário, deve-se apoiar em uma matriz de traços e tendências supostamente capazes de traduzir os ideais do campo ecológico existentes no sujeito.

O ser sujeito ecológico seria aquele sujeito do tipo ideal, capaz de encarnar os dilemas societários, éticos e estéticos configurados pela crise social, em uma tradução contracultural, socialmente emancipada e ambientalmente sustentável. (SATO; CARVALHO, 2005, p. 54).

⁴ A palavra símbolo é derivada do grego *symbolon* e do verbo *syballein* ou *symballesthai*, etimologicamente a palavra símbolo significa: lançar (*ballein*) junto (*syn*), portanto, lançar as coisas de tal forma que permaneçam juntas formando uma só, formando um reconhecimento mútuo. (WACHS, 2004, p. 85).

Na condição de modelo ideal é, pois, importante compreender quais são os valores e crenças centrais que constituem o tal sujeito ecológico e como operar uma orientação de vida ecológica. Educar ambientalmente é buscar a inteligência sensível, o coração e o espírito do educando.

Para efetivar a objetividade desse ideário no campo da educação, o ensino deve coadunar-se com treinamentos e com a emancipação responsável da ação nas mudanças de comportamentos. Quem se educa não aprende e, sim, apreende o ensino por meio dos sentidos. É o sujeito ser-aí que fora ensinado a buscar a beleza e a perfeição, a justiça ética e ambiental na forma de fazer e ou realizar-se como sujeito cognoscente. (SANTOS; SATO, 2003, p. 498).

A educação e o ato de educar fazem parte da ação humana e na evolução social em transformar a natureza em cultura. A ação-reflexão de vida interativa com o meio ambiente lhe atribui sentidos e atitudes interdisciplinares, trazendo-a e expondo-a para o campo da compreensão e da experiencição humana.

A sensibilização e conscientização para uma cultura ecológica podem ser originadas a partir do âmbito escolar, na interação do saber com o professor e o educando. Essa prática deve ser uma prática de educação transformadora de sujeito-objeto a sujeito-ser. Na prática pedagógica tradicional permeia um vício no qual as emoções do sujeito não são consideradas, priorizando, assim, a transmissão de informações teóricas, pela racionalidade, resultando em um pensar em agir ambiental sem prática vivencial.

Em busca da prática pedagógica ambiental deve ser dada às devidas considerações ao problema socioambiental, permitindo estruturar uma pedagogia ambiental na busca de formação ecológica do sujeito para uma Educação Ambiental e sustentabilidade planetária. (CARVALHO, 2001). Para efetivação dessa prática é necessário que o educador trabalhe intensamente a integração entre ser humano e o ambiente, e se conscientize de que o ser humano é natureza e não parte isolada da mesma, sendo que:

A ênfase dada pela humanidade em sua evolução histórica à parte, a separação entre ser humano e natureza, resultou em uma postura antropocêntrica em que o ser humano está colocado no centro e todas as outras partes que compõem o ambiente estão a seu dispor, sem se aperceber das relações de interdependência entre os elementos existentes no meio ambiente. (GUIMARÃES, 1995, p. 12).

O pensar e agir pedagógicos deve resultar em atitudes reflexivas por parte do educando, em consonância com as relações naturalmente existentes entre os elementos vivos e elementos não-vivos de um ecossistema dinamicamente equilibrado. No trabalho de

conscientização é preciso estar claro que conscientizar não é transmitir os valores verdes do educador para o educando. Essa é uma ação pedagógica de prática tradicional.

No processo pedagógico o professor reflexivo deve promover uma função de ser participante e atuante, com vivência para o educando, envolvendo integralmente o domínio afetivo, cognitivo e de conhecimento dos elementos e das funções da natureza. Para efetivar a ação pedagógica, deve-se perpassar no âmago do ser professor, uma mudança profunda na compreensão do “quefazer” em educação. Cabe ao professor instaurar novas buscas “pelo prazer e conhecimento interdisciplinar, promovendo a virtude do ser professor”. Para a construção do conhecimento e do sujeito socioambiental faz-se necessário incentivar a “criatividade, a introdução do prazer na prática docente”. (ROJAS; BASTOS, 1999, p. 433).

Assim, devem-se proporcionar condições de recriação de uma perspectiva intertextual de pensamento, de conhecimento e ação para o educando na elaboração do saber e ser socioambiental. O pensar e agir na educação ambiental, percebendo a escola, a interdisciplinaridade e o desenvolvimento sustentável. Os problemas ambientais sempre acompanharão o ser humano em sua história como resultado do viver e consumir os recursos naturais finitos para a sustentabilidade de vida.

De todas as revoluções conceituais poucas foram às concepções e atitudes que forjaram a necessidade de uma mudança tão universal e fundamental nos valores humanos quanto à mudança de comportamento ambiental pela sociedade. Atualmente a escola é chamada a pensar e disseminar a cultura ecológica no seu contexto de desenvolvimento, buscando assim as práticas educativas que possam alcançar seus objetivos, enfoques e níveis de compreensão para uma Educação Ambiental do ser-aí.

Segundo Effting (2007, p. 28) há três dificuldades a serem vencidas no processo da efetiva implementação da Educação Ambiental no âmbito escolar:

- i) A busca de alternativas metodológicas que façam convergir o enfoque disciplinar para interdisciplinar;
- ii) A barreira rígida da estrutura curricular em termos de grade escolar, horário, conteúdos mínimos, avaliação, etc.;
- iii) A sensibilização do corpo docente para a mudança de uma prática estabelecida, frente às dificuldades de novos desafios e reformulações que exigem trabalho e criatividade.

A Educação faz parte da ação humana e transformar a natureza é cultura e atitude motivada na construção de conhecimento. Nessa reflexão-ação, pensar e fazer Educação Ambiental atribui sentidos, trazendo-a e expondo-a para o campo da compreensão e da experiencição humana, o seu estar no mundo como um ser-aí, participante da vida.

Atualmente, para a prática do ensino de Educação Ambiental nas escolas, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) enfatizam a importância de uma reformulação no projeto pedagógico de cada escola, a fim de estabelecer um planejamento pedagógico adequado para a aprendizagem e superar as segmentações das várias formações profissionais educacionais. Para isso, a Educação Ambiental transformou-se em um dos temas transversais, devendo perpassar seus conhecimentos por todas as matérias a serem abordados em sala de aula (MEC/BRASIL, 1998). Além disso, a temática ambiental deve ser ensinada de forma interdisciplinar, permitindo à comunidade escolar compreender os diferentes aspectos dos problemas ambientais e, por conseguinte, conseguindo estabelecer os objetivos, enfoques, metas e níveis de compreensão de uma Educação Ambiental para resolução dos problemas humanos (Figura 4).

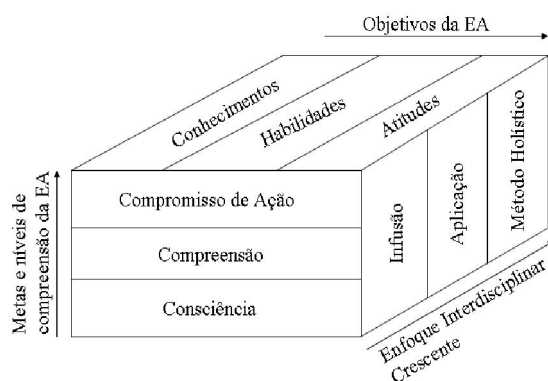


Figura 4 - Enfoque de ensino e metas da Educação Ambiental constitui um todo. (UNESCO – PIEA, 1987 in DIAS, 1994 p. 32).

A prática em si não se baseia em simples comunicação de idéias, deve ir mais além, é uma prática de integração recíproca de finalidades tais como: objetivos, conceitos, conteúdos, terminologia, metodologia, procedimentos, dados e forma de organização e sistematização no processo de elaboração do conhecimento.

Para construção de um conhecimento interdisciplinar há a necessidade do encontro e da partilha, da cooperação e do diálogo. Na ação conjunta dos professores, principalmente quando abordam as temáticas ambientais, requer-se:

[...] alternativas para conhecer mais e melhor; atitude de espera ante os atos consumados, atitude de reciprocidade que impele à troca, que impele ao diálogo [...] atitude de humildade diante da limitação do próprio saber, atitude de perplexidade ante a possibilidade de desvendar novos saberes, atitude de desafio – desafio perante o novo, desafio em redimensionar o velho – atitude de envolvimento e comprometimento com os projetos e com as pessoas neles envolvidas, atitude, pois, de compromisso em construir sempre da melhor forma possível, atitude de responsabilidade, mas, sobretudo, de alegria, de revelação, de encontro, de vida. (FERREIRA 2010, s/p.).

E nas relações interpessoais na sala de aula e na prática pedagógica interdisciplinar às atitudes que devem permear o ambiente,

[...] a autoridade é conquistada, enquanto na outra é simplesmente outorgada. Numa sala de aula interdisciplinar a obrigação é alternada pela satisfação; a arrogância, pela humildade; a solidão, pela cooperação; a especialização, pela generalidade; o grupo homogêneo, pelo heterogêneo; a reprodução, pela produção do conhecimento. [...] todos se percebem e gradativamente se tornam parceiros e, nela, a interdisciplinaridade pode ser aprendida e pode ser ensinada, o que pressupõe um ato de perceber-se interdisciplinar. [...] Outra característica observada é que o projeto interdisciplinar surge às vezes de um que já possui desenvolvida a atitude interdisciplinar e se contamina para os outros e para o grupo. [...] Para a realização de um projeto interdisciplinar existe a necessidade de um projeto inicial que seja suficientemente claro, coerente e detalhado, a fim de que as pessoas nele envolvidas sintam o desejo de fazer parte dele. (FAZENDA 1994 apud FERREIRA 2010, s/p.).

Muitos professores não se percebem em práticas interdisciplinares. O fato é que se faz necessário perceber-se interdisciplinar e, sobretudo, acreditar que o outro também pode ser ou tornar-se interdisciplinar. “A construção de uma didática interdisciplinar baseia-se na possibilidade da efetivação de trocas intersubjetivas”. (CÔRTE; VARELLA 2009, p. 17).

Segundo Varella (2008) a interdisciplinaridade é um caminho de diferentes atitudes, o ser deve se reconhecer e renovar-se interiormente. Ele é vida, renascimento e superação. O profissional experiente encara os novos desafios na busca solicitada na formação do ser ecológico. As mudanças atingem a todos, mexe com as estruturas mais íntimas do ser.

Na busca dessa superação o educador deve ser resiliente⁵ e não pode ficar na mesmice, com seus ranços. Ele deve rever seu ser-mundo que convive diariamente com vidas e que ambos, o educador e o educando, estão em constantes mudanças, em reflexão-ação, acreditando que toda pessoa deve ser:

Naturalmente resiliente, ou seja, alguém flexível, aberto, criativo, livre, inteligente, emocionalmente equilibrado, autêntico, capaz de resistir às mais variadas situações, sem perder o equilíbrio. Além disso, extrair maior resistência a condições negativas subsequentes. (VARELLA, 2008, p. 78).

O professor-educador resiliente, complexo, interdisciplinar é ousado e vive em ousadia para não se paralisar diante dos desafios impostos pela vida em todos os aspectos. É um ser reflexivo como um todo, o físico, mental, espiritual, sentimental e psíquico.

⁵ Na ecologia a resiliência é a capacidade da natureza se reorganizar mesmo tendo passado por devastações, envolvendo força e flexibilidade. (VARELLA, 2008, p. 75-80).

A comunicação no grupo interdisciplinar deve ser a pedra fundamental. Deve-se buscar forças na relação individual-coletiva e superar os incidentes pessoais e escolares que o processo de ensino-aprendizagem com ênfase de ser ecológico requer. (VARELLA, 2008, p. 127-128).

Tal comunicação, segundo Côrte e Varella (2009) como prática interdisciplinar deve envolver educadores de diferentes formações, para que na prática pedagógica de uma ação coletiva professores e alunos compartilhem o aprendizado e construam juntos os conhecimentos. Neste processo, os educadores devem re-orientar os alunos a readquirir a noção de sua vinculação com a natureza, o pertencimento. O pertencimento encontra-se ligado à Educação Ambiental, pois:

[...] qualificar o modo de relação entre os humanos e a natureza passa por uma diversidade de sentidos que vai desde a suposição de uma identidade imediata do humano com o biológico até as mais sofisticadas posições humanistas sobre autonomia e o poder de construção de uma nova natureza por parte da vontade humana. (SÁ, 2005, p. 247).

O pertencimento propicia às pessoas adotar uma posição participativa na resolução de problemas ambientais da comunidade, gerando valores e desenvolvendo práticas ambientais de modo crítico. No espaço formal e informal tais atitudes devem propiciar condições que permitam ao sujeito adotar um posicionamento crítico quanto ao uso dos recursos naturais, a melhoria da qualidade de vida, a eliminação da pobreza extrema, o consumismo desenfreado e a ética ambiental. Há que se perceber humano para poder entender a identidade ambiental, a disseminação do conhecimento e do esclarecimento das temáticas ambientais e da crise socioambiental que o planeta passa. Logo é no ambiente escolar, um dos locos o qual se permite repensar o atual modelo de desenvolvimento vigente da relação sociedade e natureza.

Identificamos que o atual modelo de desenvolvimento possui dois percursos antagônicos e complementares que culminam com um ciclo vicioso de degradação do ambiente: de um lado apresenta a exclusão social, que no contexto da miséria leva a necessidade de exploração ambiental, enquanto que, no outro, destaca-se a exploração opulenta dos recursos ambientais, também com a exploração da mão-de-obra das classes menos abastadas, para uma grande produção de bens de consumo, o qual leva a má distribuição de concentração de renda, o consumismo exacerbado e o desperdício (Figura 5).



Figura 5 - Esquema do Modelo atual de Desenvolvimento (DIAS, 2002, p. 33)

O termo Desenvolvimento Sustentável possui raízes históricas instituídas em 1972, durante a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, em Estocolmo (Suécia). Em 1992, realizou-se, no Brasil, a Conferência da ONU para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92). O evento foi reconhecido internacionalmente como a conferência mais importante do milênio passado, e orientou a necessidade de elaboração de uma Educação Ambiental voltada para o Desenvolvimento Sustentável (Figura 6).

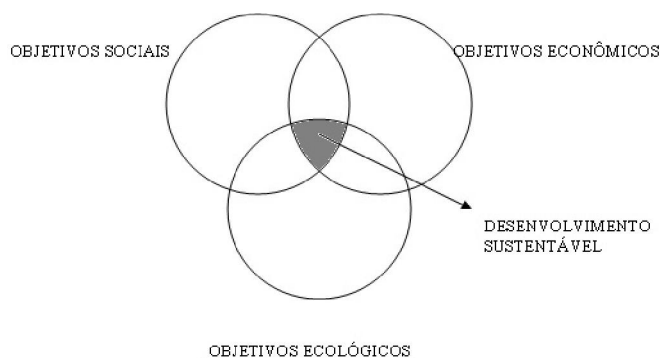


Figura 6 - Esquema das interações de esferas apontadas pelo Rio-92, para os problemas ambientais do mundo, ao lado da Educação Ambiental. (DIAS, 1994, p. XV).

Segundo Dias (2002, p. 62) tal conceito não abrangeu somente o campo econômico, mas também envolveu as áreas sociais e a necessidade de conhecimento ecológico. O conceito possui um alcance pluridimensional, cerne da necessidade de uma compreensão de Desenvolvimento Sustentável.

Hoje, a palavra sustentável qualifica o desenvolvimento aplicado a preocupação com a manutenção da vida presente e futura. A Educação Ambiental e o Desenvolvimento

Sustentável têm por necessidade a promoção enfática do sujeito ecológico. Para a formação desse sujeito, a escola é desafiada a ser mais do que um local de apropriação de conhecimento. A mesma deve apresentar um espaço social privilegiado para o diálogo entre os saberes científicos e sociais e, no seu interior, pode permitir gestar um movimento que articule às diferenças e a prática da cidadania, além de preservar e conservar o meio ambiente. (CARVALHO, 2004). Assim, repensar a ação pedagógica em educação ambiental com ênfase ao ser, sujeito ecológico é mais do que emissão de ideias em temáticas ambientais. Na sua prática são trocadas informações de forma crítica e deve haver uma compreensão de integração entre o cidadão e o ambiente.

A estrutura curricular para a formação do conhecimento não deve ficar circunscrita no isolamento das disciplinas e requer o uso de novas práticas pedagógicas para formação crítica do tal sujeito. A seleção de um método didático é considerada algo complexo e distinto da elaboração de um manual, portanto, não deve existir ações isoladas e pré-determinadas. Devem sim, existir diferentes atitudes, praticadas para as diferentes idades dos educandos em projetos construídos.

Logo, em um programa de Educação Ambiental Interdisciplinar, o componente chave é a formação integral do ser humano. Tal prática requer do educador um exercício de atitude ousada e nova, no qual permeia uma didática de ensino-aprendizagem, despertando a melhoria da qualidade de vida no ambiente.

Para tanto, o uso dos recursos didáticos deve estimular a formação de um saber em apreensão pelos sentidos, resultando em uma mudança comportamental de ação-reflexão no educando e a necessidade de intercâmbio ideológico com o ambiente em conservação e preservação.

Zeppone (1999) apresenta uma sugestão de uma didática pautada na Educação Ambiental. Esta didática promove um repensar do professor, envolvendo criatividade dos métodos em si, devendo mostrar: Rigor Científico, adequado a conhecimentos mais recentes das ciências aplicadas a interdisciplinaridade, bem como todas as disciplinas componentes auxiliares de um Programa de Educação Ambiental intra e extramuro escolar; Elementos Extra-Ecológicos, onde os recursos didáticos devem incluir informações relativas aos aspectos sociais, econômicos, estéticos e outros elementos. Não deve basear-se em transmitir apenas conceitos ecológicos. Necessita de uma ação congruente com as opiniões de cientistas sociais, dos poetas, dos artistas, de dirigentes religiosos e outros agentes sociais; Qualidade Didática, com os recursos sendo adaptados ao nível mental e físico dos alunos e serem ajustados a princípios pedagógicos. Reconhecer também a importância e o papel da própria sensibilidade e iniciativa dos educandos; Pensamento Crítico, onde os recursos utilizados devem ter como

ingrediente essencial o promover e repercutir a reflexão socioambiental, não devendo jamais empenhar-se na defesa de falsos interesses criados; e Máxima Eficácia e Mínimo Custo, com os recursos didáticos sendo os mais econômicos possíveis na obtenção e utilização. É necessário que o educador tenha habilidade para adaptar os materiais simples e fáceis de obter. Enfatiza-se ainda a importância de utilizar materiais recicláveis.

A solução didática mostra a significação das simbologias. Simbologias essas que podem fortalecer o lado crítico reflexivo do educador/educando levando-o a desafios pensantes e criativos. O desafio de exercer a criatividade pedagógica junto com os alunos, criando materiais didáticos a partir da realidade intra e extramuros da escola com ampla participação dos professores e educandos. Como exemplo: elaborar um projeto para se estudar a evolução dos impactos causados pelo desenvolvimento a partir da busca e seleção de histórias de vida e fotografias novas e antigas da cidade pela comunidade escolar.

Um outro exemplo, seria uma leitura crítica da realidade a partir de informações disseminadas pelos meios de comunicação locais, estimulando o debate quanto ao consumismo e o dilema entre o ter e o ser. Utilizar os recursos midiáticos, tendo a pedagogia da comunicação como conhecimento, permitindo ao professor o promover da leitura em imagens sob diferentes aspectos. Assim, o aluno também pode ser um recurso didático, pois se pode estimular a produção de sua autobiografia e de suas pegadas ecológicas que servirão como informações desveladas do si-mesmo.

Dentre outros recursos, podemos fazer o levantamento de revistas ecológicas, montar uma gibiteca com temáticas ambientais, promover palestras temáticas, elaborar um jardim e uma horta na escola, investigar um micro-ecossistema natural ou artificial no espaço escolar, montar uma coleção de frutos, folhas e sementes e com os mesmos estimular a produção de artesanatos. Todas essas ações como instrumentos pedagógicos do ato de ensinar, enriquecem o ambiente escolar. Além disso, cabe ao professor buscar conhecer os elementos do próprio local, demonstrando que a escola é um laboratório vivo de simbologia. (ZEPPONE, 1999).

Na área cultural podemos nos empenhar em conhecer os poetas e suas relações topofílicas com o ambiente e as letras de músicas relacionadas a temáticas ambientais. Desenvolver uma cultura ecológica musical, não deixando de lado os aspectos básicos da criticidade e cientificidade na análise. Tais práticas promovem o pertencimento dos educandos no lugar que vive, atuando com respeito e integrando à sabedoria popular com a tecnologia, fortalecendo a comunidade escolar como comunidade de aprendizagem.

Para ser ecologicamente alfabetizado, o ser humano necessita ter no mínimo conhecimentos básicos de ecologia e de conceitos de sustentabilidade com a promoção de qualidade de vida socioambiental. Qualquer corrente de Educação Ambiental deve chegar ao

complexo da vida-mente, do ser como pólo de consciência, “misterioso e fortuito, e um pouco influenciado pela Educação formal (às vezes sem nenhum efeito positivo). [...] e no nosso tempo somos uma parte inextricável da comunidade da vida, una e indivisível”. (STONE; BARLOW, 2006, p. 11).

Atualmente, o educador ambiental precisa ter uma compreensão sistêmica da vida e de três fenômenos básicos: o da organização da vida; a rede ou teia que interliga os elementos ambientais; e nessa teia compreender que todos os ciclos ecológicos são sustentados pelo fluxo de energia do sol. O professor, um interlocutor do processo de ensino-aprendizagem, deve despertar a afetividade, o cognoscente do ser e sua relação socioambiental em mudança de comportamento para a conservação sistêmica do planeta em sua função cíclica. Entender os fenômenos, entendendo-se nele, auxiliando a compreensão humana dos mesmos.



2 SER HUMANO E O MEIO AMBIENTE: A BUSCA DA VIVÊNCIA ECOLÓGICA

O ambiente é o conjunto de tudo o que existe na Terra. É o conjunto de todas as coisas vivas (os elementos bióticos), tais como flora e fauna, e não vivas (os abióticos), como o ar, solo e temperatura. (DIAS, 2002). Entre os elementos da fauna temos a existência do ser humano.

No contexto da evolução humana, uma das primeiras grandes civilizações que surgiram fixaram-se entre os rios Tigre e Eufrates, na região da Mesopotâmia, assim:

[...] iniciaram uma grande revolução de costumes, hábitos e crenças, quando começaram a se fixar na terra, dando início a um novo processo organizacional [...] por volta de 5,5 mil anos (3.500 a.C), desviando as águas dos rios para irrigar plantações de cereais, acumulando riquezas agrícolas, domesticando animais, sofisticando técnicas e tecnologias, criando as primeiras cidades, os templos e desenvolvendo o comércio. (OLIVEIRA, 1996, p. 74).

No discurso biológico, a ênfase sistêmica dos elementos da natureza foi introduzido por Uexküll⁶. Hoje compreendemos que o ambiente é:

[...] um conjunto dos elementos físicos-químicos, ecossistemas naturais e sociais que insere o Homem, individual e socialmente, num processo de interação que atenda ao desenvolvimento das atividades humana, a preservação dos recursos naturais e das características essenciais do entorno, dentro de padrões de qualidades definidos. (COIMBRA, 1985, p. 29).

As intermediações entre a natureza, o ser humano e a cultura é um processo de interdependência. Segundo Esbrana e Urt (2011, p. 11) é por meio “de trocas, de significados, nas situações práticas, numa dialética de enunciações que o homem constrói a cultura”. Portanto,

[...] a natureza nos contém, nós e nossas obras, daí porque continuamos a existir. A cultura não é mais que uma natureza cultivada, na qual esse produto da natureza, que é o homem toma sentido: se a natureza morre, então a cultura e todos os seus artefatos morrem também. (SILVA, 2007, p. 32).

⁶ Uexküll (1864 - 1944) entendia que o processo vital era um sistema coerente aberto, em que sujeito e objeto se definem como elementos interrelacionados no ambiente. (UEXKÜLL, 2004).

No debate epistemológico e conceitual sobre as questões ambientais, a função e noção humana e da natureza são centradas em torno de duas concepções: biocêntrica e antropocêntrica. Essas concepções buscam definir o lugar do ser humano e da natureza quanto à compreensão e as implicações de suas relações. (SILVA, 2007).

Na orientação biocêntrica⁷ permeia um discurso conservacionista com uma compreensão da natureza como o conjunto das relações entre todos os seres e o ambiente. A natureza se constitui em totalidade, um valor em si e que existe independente do ser humano, portanto, o homem necessita preservar e conservar os ecossistemas para garantir a sua própria sobrevivência. Na concepção antropocêntrica⁸ há uma relação de força desigual entre sociedade e a natureza. Sob essa visão, os elementos da natureza têm um valor condicionado às necessidades humanas como objeto de exploração.

Em busca de uma relação mais harmoniosa entre o homem e o ambiente, por meio da reflexão e sensibilização filosófica, Bachelard apresenta em “A Poética do Espaço” (1957) o termo biofilia, como o “espaço de nossa felicidade”. Outro estudioso a destacar-se pela busca da compreensão de relação social, ambiental e humana foi o geógrafo chinês Yi-Fu Tuan. Esse autor conceituou de Topofilia a relação interpessoal de sujeito e Meio Ambiente, destacando a percepção ambiental. O termo foi nominado em sua obra homônima em 1980 como o “elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”. (MARIN et al., 2003 p. 617).

Buscando uma melhor compreensão da perspectiva experiencial de interrelação ser humano e natureza, para Tuan, essa relação é oriunda de “experiências vivenciais e presenciais com os elementos da natureza e a cultura”. (TUAN, 1980, p. 19), conforme Marin, a biofilia e topofilia, embasada em Bachelard e Yi-Fu Tuan, referem-se a:

[...] ligação do ser humano com as outras formas de vida e a atração por componentes físicos do ambiente, respectivamente. A primeira caracteriza-se por ter uma base mais biológica, instintiva, enquanto que a segunda é visivelmente marcada por aspectos culturais como afetividade, memória e experiência interativa. (MARIN et al., 2003 p. 618).

A partir dessa diversificação do termo Melazo (2005) ressalta que os atos conceituais dessas relações mediativas implicam na capacidade de aprender a partir da própria vivência. A interação ambiental e a intermediação compreensiva dependem da visão humana sobre o mundo circundante e as diferentes maneiras de construir e ver a realidade (Figura 8).

⁷ [...] reconhecimento da interdependência existente entre todos os elementos que integram o meio, inclusive o ser humano. (SILVA, 2004).

⁸ O ser humano é posto num patamar superior à natureza e com uma postura de ser o centro de suas próprias preocupações: valoriza apenas a capacidade de uso humano dos recursos naturais. (SILVA, 2004).

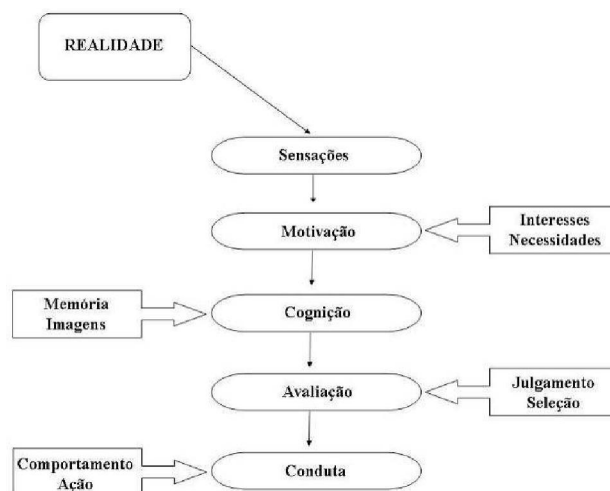


Figura 8 - Esquema do processo perceptivo humano e o Meio Ambiente. (OLIVEIRA; CORONA, 2008, p. 66)

Quando observamos a realidade nossa reação é sensitiva. Daí a importância do simbólico, aquilo que nos move. Tal sensibilidade é ação motivadora para uma exploração curiosa, logo uma cognição, entendendo melhor o nosso devir, o nosso entorno. Assim procedendo naturalmente podemos avaliar em grande aceitabilidade ou não daquilo que estamos presentificando. A situação presença é geradora de ação, logo de conduta e, portanto, de procedimentos e atitudes qualificadoras, educadoras, favorecendo o ambiente, naturalmente.

Na interação dessa intermediação, os sentimentos e pensamentos são registrados e o estado subjetivo reporta-se à realidade objetiva. A intermediação promove uma interação ambiental, perceptiva, com os elementos da natureza que poderão promover uma nova conduta.

Desde que se cunhou o termo Educação Ambiental, diferentes categorizações e denominações especificaram as concepções que preencheram de significados as práticas e reflexões pedagógicas relacionadas à temática ambiental. Na prática do viver socioambiental é apontada a necessidade de resignificar os sentidos identitários e fundamentais dos diferentes posicionamentos político-pedagógicos da Educação Ambiental.

No Brasil, na década de 1970 e meados de 1980, as primeiras práticas pedagógicas foram voltadas para a conservação dos recursos naturais e mudanças comportamentais

individuais. Essa prática foi denominada de ecologicamente correta e foi incluída no currículo do sistema escolar como disciplina, como um conteúdo basicamente de ciência ecológica. (CARVALHO, 2001).

Contudo, com a compreensão da importância da ação humana no desenvolvimento e seus consequentes efeitos na alteração das condições ambientais, surge a consciência da necessidade de uso de novas estratégias para manutenção da vida no planeta. Neste contexto de mudanças de paradigmas instituiu-se a Política Nacional de Educação Ambiental (Lei nº 9.795/99) que no artigo 1º, define a Educação Ambiental nos seguintes termos:

Art. 1º - Entende-se por Educação Ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. (FIGUEIREDO, 2010).

O termo ecopedagogia foi apresentado pela primeira vez na década de 1990 por Francisco Gutierrez. (GADOTTI, 2010, p. 20). A proposta pedagógica em Educação Ambiental reorienta os currículos escolares visando trabalhar os conteúdos de forma significativa, em um contexto mais amplo aos princípios da Pedagogia da Terra que são:

- I – O planeta como uma única comunidade;
- II – A Terra como mãe, organismo vivo e em evolução;
- III – Uma nova consciência que sabe o que é sustentável, apropriado, o que faz sentido para a nossa existência;
- IV – A ternura para com a casa, nosso endereço comum, a Terra;
- V – A justiça sócio-cósmica: a Terra, como organismo vivo, é também um oprimido;
- VI – Uma pedagogia que promova a vida: envolver-se, comunicar-se, compartilhar, problematizar, relacionar-se;
- VII – O conhecimento só é integral quando é compartilhado;
- VIII – Caminhar coerentemente e com sentido na vida cotidiana;
- IX – Uma racionalidade intuitiva e comunicativa, afetiva, não instrumental;
- X – Novas atitudes: reeducar o olhar, o coração;
- XI – Cultura da sustentabilidade: ampliar nosso ponto de vista.

No ato de seu exercício, a ecopedagogia deve promover a aprendizagem do sentido das coisas a partir da vida cotidiana. A prática não deve voltar somente a preservação da natureza (ecologia natural) ou no impacto das sociedades humanas sobre os ambientes naturais (ecologia social). Deve sim, centrar-se num novo modelo de civilização sustentável, do ponto de vista ecológico (ecologia integral) e implicar mudanças nas estruturas econômicas, sociais e culturais, mudar as relações humanas e o comportamento socioambiental.

O termo Pedagogia tem por referencial um paradigma antropocêntrico. A ecopedagogia, ao contrário, parte de uma consciência planetária e não está voltada para a formação do homem - a *paideia* -, como diziam os gregos. Em si, a Ecopedagogia busca superar o antropocentrismo das pedagogias tradicionais e conceber o ser humano em sua diversidade em relação com a complexidade da natureza.

O planeta passou a ser visto como um ser vivo, considerada como Gaia⁹, portanto, recebendo o nome de Pedagogia da Terra. Atualmente, a prática é voltada filosoficamente para um sentido mais profundo, a reflexão do que fazemos com a nossa existência a partir do cotidiano. (GADOTTI, 2010, p. 43, 44).

Na Ecopedagogia é de extrema importância desenvolver as potencialidades dos alunos, as posturas pessoais e os comportamentos sociais construtivos, colaborando para uma sociedade socialmente justa em um ambiente saudável. A construção de uma nova forma de existência no planeta implica um aprendizado no ambiente escolar e uma corresponsabilidade pela criação da vida que se vive. O desafio da Ecopedagogia é re-encantar os seres humanos para que percebam seu pertencimento ao planeta.

A prática pedagógica envolve, a partir do dia a dia dos educandos, a subjetividade acrescida da leitura de mundo de cada ser humano no seu contexto vivencial. É um desafio de educar e educar-se para a sustentabilidade de vida de todos, explorando os símbolos como instrumentos pedagógicos que facilitam a compreensão das leituras e atitudes dos processos metafóricos emergentes: um possível ensaio de proposta para se pensar e agir ecologicamente.

Destarte a Educação Ambiental é vista por esse ângulo quando apresenta uma cidadania que pode refletir no ambiente da escola. Segundo Loureiro, Layrargues, Castro (2002, p. 73), a noção de cidadania, possui diversas conotações. Na Grécia clássica do século VI a.C., por exemplo, o conceito de cidadania referia-se àqueles cidadãos que participavam da formação do governo, excluídos, entre outros, os escravos e as mulheres.

Atualmente, a cidadania traz a ideia de direitos individuais, o direito natural, para o qual os direitos têm o caráter de atemporalidade e imutabilidade, subsidiando-se, assim, a noção racional de um direito universalmente válido. O conceito filosófico e social de cidadania caracteriza e prevê a possibilidade de todos se considerarem cidadãos. Contudo, a noção moderna-naturalista mostra um equívoco decorrente da ahistoricidade de sua práxis, que ignora a procedência social e a estrutura de classes da sociedade. “Os direitos não são dados, mas conquistados: a garantia formal e legal não implica que a igualdade seja praticada

⁹ A Teoria Gaia foi divulgada no início da década de 1970 pelo cientista inglês James Lovelock. Esta teoria propõe um sistema cibernético que mantém o ambiente físico-químico da Terra sempre em ótimas condições para a existência de vida no planeta (MILAZZO; CARVALHO, 2008).

e o que foi entendido como válido hoje poderá não mais ser e vice-versa”. (LOUREIRO, LAYRARGUES, CASTRO 2002, p. 73).

A cidadania deve garantir os direitos civis e políticos (de primeira geração) e os direitos sociais (de segunda geração). Os direitos políticos, obtidos durante o século XIX, referem-se à liberdade de associação, de organização política e eleitoral. Os direitos sociais, conquistados no século XX, são obtidos a partir da luta de classes, vinculados ao direito ao trabalho e à educação, entre outros.

A universalização da cidadania plena não se limita à garantia dada pelas leis e ao crescimento econômico, mas pela:

[...] capacidade conquistada por alguns indivíduos, ou (no caso de uma democracia efetiva) por todos os indivíduos, de se apropriarem dos bens socialmente criados, de atualizarem todas as potencialidades de realização humana abertas pela vida social em cada contexto historicamente determinado. (LOUREIRO, LAYRARGUES, CASTRO, 2002, p. 74).

Compreende-se que a cidadania se constrói permanentemente e não possui origem divina ou natural, fornecida por governantes, mas sim, constitui-se ao dar significado de pertencimento de sujeito a uma sociedade, em cada fase histórica. A chamada sociedade civil, em luta social, abriu e abre espaço ao diálogo e reivindicações, possibilitando a satisfação básica, embora haja um processo conflituoso e desejoso de hegemonia.

O conceito de cidadania por meio da Educação Ambiental vem da incorporação de outras dimensões e significações. Ela decorre do fato de que vivemos num planeta fisicamente limitado. O termo ecocidadania ou cidadania planetária é um conceito de inserção ética ecológica e seus desdobramentos no cotidiano. Deve, portanto, possibilitar à tomada de consciência individual e coletiva socioambiental. Deve estar voltada para a responsabilidade tanto local quanto comunitária na busca de uma nova interação socioambiental dos problemas que o planeta passa, tendo como eixo norteador o respeito à vida.

A ciência mecânica instrumentou de saber linear a compreensão do funcionamento do mundo. O paradigma emergente no campo ambiental abre um caminho para uma nova compreensão e expressão do universo como consequência da teoria da relatividade e da dimensão quântica da realidade. Estas profundas mudanças contribuirão para um “novo paradigma científico, provocando uma mudança em nossa visão do mundo que passou da concepção mecanicista de Descartes e Newton para uma visão holística e ecológica”. (GUTIERREZ; PRADO, 2008, p. 29).

Ao abandonar antigos pontos de vista apodera-se de novos espaços que requerem novas respostas em todos os âmbitos de conhecimento político, econômico, cultural,

educativo, científico e espiritual. O processo em si, para a efetivação de sujeito planetário ou ecológico, requer uma tomada de consciência indivíduo-coletivo. Essa mudança conceptual permite alçar um estágio emergente da humanidade, destacando-se um novo comportamento socioambiental relativo a: buscar e sentir-se em contato e comunhão com a natureza. Na vida prática, uma releitura interpretativa do mandamento bíblico de respeito e desenvolver sua diversidade; viver a vida como processo, fluxo permanente de energia, capazes de viver a incerteza e se afastam de concepções rígidas e estáticas da vida; propor para si um novo tipo de educação, permitindo construir o poder a partir de si mesmo, controlar sua própria vida, preocupando-se com a comunidade humana e com veículos adequados de distribuição social do poder; procurar elementos integradores, tais como: ciência e senso comum, ação e reflexão, mente e corpo, objetividade e subjetividade; interessar-se por perguntas em vez de respostas prontas, pois pesquisam de forma permanente; os símbolos de status social, os bens materiais, são menos absorventes e dominantes; os sujeitos são abertos ao novo, não são dogmáticos e nem rígidos, permitem-se avançar em conhecimento e na vida; nas práticas da solidariedade e colaboração, tentam ser pessoas menos egoístas e paternalistas; desconfiar da burocracia como forma institucional que dá privilégio aos burocratas sobre os outros; ter autoconfiança no valor de sua própria experiência e desconfia da autoridade que se erige como superior.

Os traços do perfil descrito acima pedem uma dimensão coletiva com a criação e recriação das relações dos indivíduos em grupos, coletividades, instituições, governos locais e regionais e demais organizações, para a concretude de cidadania social e ambiental. Vale destacar que se devem: assegurar e incrementar os laços de comunhão entre os grupos, as instituições e as organizações; fazer da vida humana a celebração prazerosa que supõe o processo permanente de aprendizagem e transformação; integrar a vida com a solidariedade e trabalho participativo e do desenvolvimento dos recursos não-convencionais exigidos para uma autodependência.

O processo educativo deve estar sempre presente na construção destas ações. A dimensão pedagógica deve ser interpretada como um afazer, vivido e experienciado no e do cotidiano. Por meio desta, deve-se sentir a necessidade e perceber o problema, conhecer objetivamente a realidade, atribuir um significado, analisar as causas e consequências e propor os elementos de satisfação em sua resolução.

Na dimensão espaço-temporal, a educação é consumidora do tempo. Na intermediação pedagógica, deve-se saber esperar, pois o processo educativo implica diferentes ritmos e esses devem ser respeitados. Também, não se deve confundir os propósitos institucionais com o fazer a partir do cotidiano, pois desse modo não haverá experiência.

Na prática educativa não deve haver pressa, não interessa tanto o acúmulo da informação e dos produtos programados, mas sim estimular os processos de ação-reflexão. Para a efetivação da ação ecopedagógica convém, em atividades inseridas em chaves pedagógicas, garantir a legitimidade e intencionalidade do processo.

A proposta pedagógica é um fazer, os caminhos são construídos e percorridos no fazer do cotidiano com sua permanência, sendo necessário encontrar um sentido para o caminhar da ação e da aprendizagem que estimule a construção da ecocidadania.

O educador deve orientar-se sob as tendências e os indicadores inerentes à marcha da cidadania ambiental e apoiar-se nos instrumentos e estratégias conforme a nova realidade vivida ou experienciada. Para concretizar o aprendizado o educando deve estar aberto e receptivo a grande quantidade de informação do mundo atual e a problemática socioambiental.

Individualmente, para Gutierrez e Prado (2008, p. 65), as mediações pedagógicas devem fazer referência a capacidade de: sentir, intuir, vibrar emocionalmente (emocionar); imaginar, inventar, criar e recriar; relacionar e interligar-se, auto-organizar-se; informar-se, comunicar-se, expressar-se; localizar, processar e utilizar a imensa quantidade de informação da “aldeia global”; buscar causas e prever consequências; criticar, avaliar, sistematizar e tomar decisões; pensar a totalidade (holisticamente).

Tal ação pedagógica implica no desenvolvimento das próprias capacidades, pois o educador rompe com moldes estereotipados, improdutivos e reprodutivos. O desenvolvimento do ser humano e à transformação social vai do individual ao coletivo transformando os recursos internos da pessoa, o cognitivo passa a ser uma sinergia social transformadora.

Apesar de o diálogo ser parte necessária da aprendizagem, faz-se necessário reconhecer que no mecanismo de comunicação o educador atua como o emissor-perceptor e, o educando, é o perceptor-emissor. Pode-se, então, afirmar que a educação e comunicação são um mesmo e único processo de co-participação, de co-produção, de co-entendimento e de comunhão interativa com o devir.

A ação interativa, o diálogo de saber e apreender a temática ambiental são a essência do ato educativo e com a interlocução há o encontro do outro e ambos partilham experiências. Embora nessa troca de diálogo o educador deva ter um cuidado com a linguagem, estilo e presença. A linguagem permite-nos dizer do outro. O estilo é a presença interior e particular do ser. A presença é o momento vivido pelo ser aí, pleno e convencido no processo da ação identitária e ética.

Não estamos mais num mundo com fronteiras geopolíticas, faz-se necessário destacar o sentimento de pertencimento de humanidade e de ética. A ecocidadania é um exercício

individual-social e de poder. Na prática educativa, o educando deve compreender a efetivação da não exploração dos seres humanos, a destruição progressiva do planeta, a promoção da concentração de riquezas e a exclusão social dos caminhos tortuosos do modo de vida capitalista. Neste sentido, faz-se necessário promover a prática do consumo solidário, do bem viver das coletividades, gerando um desenvolvimento não configurado pela formação de uma sociedade sustentável capitalista. (LOUREIRO, LAYRARGUES; CASTRO 2002, p. 76).

Vale ressaltar que uma sociedade sustentável ajuda o ser em sua humanização e promove a construção de novos conhecimentos pesquisáveis, formativas e reflexivas em diferentes espaços e contextos de exploração.

2.1 COXIM-MS, UM DOS PORTAIS DO PANTANAL: A INTERCONEXÃO AMBIENTAL E O LOCAL DA PESQUISA

A cidade é um socioecossistema artificial caracterizado pela:

[...] forte presença da atividade humana transformando o ambiente natural, pela produção e consumo constante e pelo estabelecimento de fluxos internos de toda ordem (fluxos de pessoas, de energia, recursos econômicos e relações sociais). (VARGAS; RIBEIRO, 2004, p. 15).

A cidade de Coxim¹⁰-MS foi fundada no norte de Mato Grosso do Sul, na região de transição entre o cerrado e o pantanal, às margens do rio Taquari. Atualmente é considerada um dos “Portais do Pantanal”. No entorno da cidade encontram-se marcas dos passos dos homens primitivos que habitaram a região há aproximadamente 10.000 anos (Figura 9).

Durante o século XVIII diversas tribos habitaram a região. (MORAES, 1998). Os índios Guaicurús habitavam a margem esquerda do Rio Coxim e Taquari, logo após a sua confluência, os Bororós a margem direita e os Caiapós na região a montante da confluência



Figura 9 – Imagem rupestre da caverna existente na propriedade particular de Djalma Florício de Souza (Acervo do pesquisador).

¹⁰ Segundo a historiografia da cidade, há diversos significados para o topônimo Coxim. Venturrelli (1998) atribuiu à palavra o significado de cajueiro e Silveira (1995) o de peixe. Destaca-se ainda um termo contemporâneo onde, segundo a história popular, o termo designa também a pequeno coxo. O significado é atribuído à cidade ter sido fundada como um entreposto onde várias comitivas de gado se misturavam, sendo, portanto, abundantes os coxins de sal (SILVEIRA, 1995).

entre os rio Coxim e Taquari. No século XVIII a cidade de Coxim-MS também foi um entreposto da Rota das Monções, ligando as Capitânicas de São Paulo e Mato Grosso. Os Bandeirantes pertencentes às capitânicas de São Paulo vinham para região a procura das minas de Ouro. (RIBEIRO, 1993). Entre as décadas de 1970 e 1980, a cidade foi considerada a “Capital do Peixe” e dos diamantes (Figura 10). Atualmente é conhecida como a terra do pé-de-cedro de Zacarias Mourão, dos cajueiros, das piracemas e das tradicionais Festas do Peixe e do Divino Espírito Santo. No cotidiano da cidade há a prática cultural de queima das folhas de árvores e a exclusão social mostra-se presente na figura do coletor de materiais recicláveis.

O Pantanal é conhecido pela exuberância de sua biodiversidade e por ser a maior planície inundável do planeta. No período das chuvas, os rios pantaneiros transbordam pela sua planície formando extensas áreas inundadas. Apesar de a área ter sido denominada Pantanal:

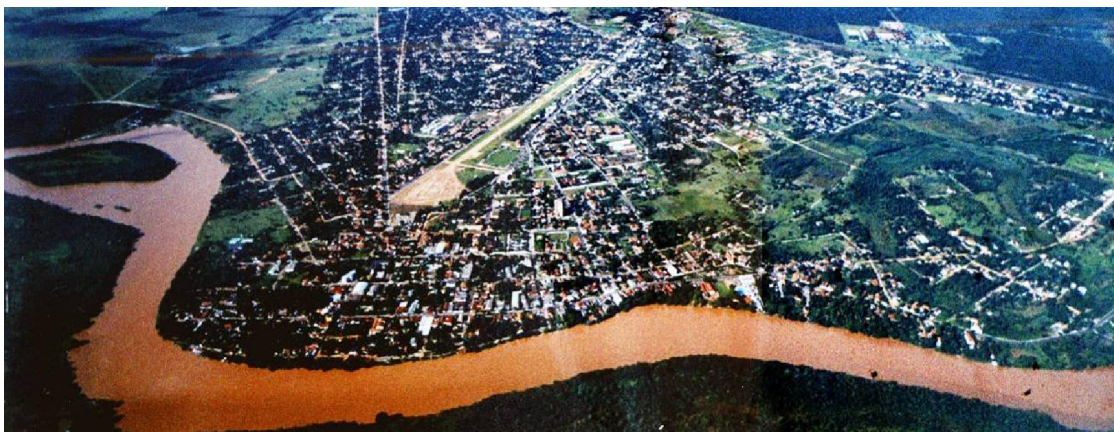


Figura 10 – Vista aérea da cidade de Coxim, MS (Fonte: Consórcio Intermunicipal para o Desenvolvimento Sustentável da Bacia Hidrográfica do Rio Taquari).

O termo Pantanal não significa, na região, pântano ou terreno brejoso. Identifica uma vasta planície bem drenada, inundada periodicamente pelo Rio Paraguai e afluentes, compondo um sistema hidráulico natural de compensação e vazão (ROSSETO; BRASIL JUNIOR, 2002, p. 86).

A biodiversidade deste bioma é composta por aproximadamente 2.000 espécies de plantas, 270 de peixes, 90 de mamíferos, 45 de anfíbios, 160 de répteis e 700 de aves. Alguns animais, como o tuiuiú (*Jabiru mycteria*) e o jacaré (*Caiman yacare*), tornaram-se verdadeiros símbolos da região. (ROSSETO; BRASIL JUNIOR, 2002, p. 87). As principais espécies de peixes são o dourado (*Salminus brasiliensis*), o pintado (*Pseudoplatystoma coruscans*), o curimatá (*Prochilodus*) e o pacu (*Piaractus mesopotamicus*).

Entre os mamíferos destacam-se as capivaras (*Hydrochaeris hydrochaeris*), ariranhas (*Pteronura brasiliensis*), onça-pintada (*Panthera onca*), macaco-prego (*Cebus apella*), veado-campeiro (*Ozotocerus bezoarticus*), lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*), cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*), tatu (*Priodontes* sp.), bicho-preguiça (*Bradypus tridactylus*) e tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*).

Dos répteis são comuns os cágados (*Mauremys caspica*), jabutis (*Geochelone* sp.), cobras, principalmente a jibóia (*Boa constrictor*) e a sucuri (*Eunectes murinus*).

As aves representam o grupo mais abundante, sendo conhecidos o tuiuiú (*Jabiru mycteria*), o tucanuçu ou tucano (*Ramphastos toco*), as emas (*Rhea americana*), as garças (família Anhingidae), papagaios e araras (Psittacidae) e gaviões e falcões (Accipitridae e Pandionidae, respectivamente).

Recentemente, o bioma pantaneiro foi designado como Patrimônio Natural Mundial e Reserva da Biosfera pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). A beleza cênica do Pantanal e o rio Taquari também contribuíram para tornar o turismo uma atividade econômica e social importante na região.

Entre as atividades antrópicas que ameaçam o equilíbrio natural do Pantanal, destacam-se o desmatamento, as queimadas, a introdução de espécies exóticas, o assoreamento dos rios e a pesca clandestina. A exceção da pesca clandestina, os demais problemas estão associados principalmente ao desenvolvimento da pecuária no pantanal.

O desmatamento para a introdução de novas pastagens e a substituição da pastagem nativa por pastagens exóticas causa um impacto expressivo no ambiente pantaneiro, sendo a gramínea do gênero *Brachiaria*, natural da África, muito utilizada como forrageio do gado. Em Mato Grosso a formação de pastagens causou 52,3% do desmatamento total no Pantanal e em Mato Grosso do Sul contribuiu com 47,7%. (ABDON et al. 2007, p.18-19). Entre as espécies mais sensíveis a destruição das matas e propícias a extinção estão a Aroeira (*Astronium urundeuva*), pequi (*Caryocar brasiliensis*), pau-ferro (*Caesalpinia ferrea*), jatobá-mirim (*Hymenaea stilbocarpa*), entre outras.

Além dos efeitos antrópicos, o clima seco do outono e inverno favorece o aparecimento de focos de incêndio acidentais no Pantanal, decorrente do acúmulo de capim seco na área.

O desmatamento é a principal causa antrópica do assoreamento nos rios Taquari e Aquidauana. Apesar de o processo ocorrer naturalmente na região, devido à fragilidade do solo arenoso, o desmatamento desnuda uma maior área de solo causando o lixiviamento e as voçorocas que aceleram a deposição de areia na região. A diminuição da qualidade das águas

ocorre também pela contaminação de águas superficiais por produtos químicos originados do mercúrio dos garimpos e dos defensivos agrícolas.

Em decorrência da percepção de degradação das condições ambientais, baseado no comportamento de aumento constante da produção e na promoção do consumo para manutenção do desenvolvimento econômico, surge uma nova atitude humana onde se avaliam os problemas da finitude dos recursos utilizados:

[...] onde reinam a produção em série e a distribuição massiva de produtos e serviços. O consumo desnecessário, a produção e o lixo contribuem para um dos mais graves problemas no mundo atual: o esgotamento e a contaminação dos recursos naturais (ZACARIAS, 2000, p. 73)

O investimento na educação em práticas pedagógicas com interface ao ambiente natural e a sociedade são de certa forma uma estratégia necessária na construção de um espaço de consciência ecológica, sendo que a “[...] a educação ambiental adquire um sentido estratégico na condução do processo de transição para uma sociedade sustentável” (OLIVEIRA; CORONA, 2008, p. 62).

A Educação e a Educação Ambiental em práticas educativas podem promover uma aprendizagem, atribuindo sentido às ações cotidianas do educando no pensar e no agir da dimensão socioambiental e cultural ecológica. Em resumo, essa é uma ação exigente que se impõe neste século à escola, a transformação social, tendo como base o conhecimento de uma interdisciplinaridade e a invenção enfática desse sujeito ecológico, o professor, como um si-mesmo como outro. Para efetuar tal mudança comportamental, Leff ressalta que: “[...] a educação ambiental adquire um sentido estratégico na condução do processo de transição para uma sociedade sustentável”. (2001 apud OLIVEIRA; CORONA, 2008, p. 62).



Figura - 11 Mandala IV – A fenomenologia e o desvelamento do fenômeno: análise e reflexão.

[...] se busca esse olhar mais acurado sobre os educadores – um olhar sensível à pluralidade de suas concepções, as ambiguidades e ambivalências – aprofunda-se o olhar sobre si mesmo, percebendo caminhos e descaminhos, nesse dialético devir, nesse eterno recomeço, tão propulsor de eterna auto-organização evolutiva. (TAINO, 2008, p. 67).



3 A FENOMENOLOGIA E O DESVELAMENTO DO FENÔMENO: ANÁLISE E REFLEXÃO

A fenomenologia é uma das mais importantes correntes de pensamento ligadas à aprendizagem humanista. Nesta linha de pensamento, o ser humano não é compreendido a partir de uma visão mecanicista, mas como um ser que evolui, procura construir valores, busca realização pessoal e o bem-estar no mundo.

Na perspectiva fenomenológica, o ato de educar “não pode ser apreendido na separação sujeito/objeto, tal como se dá na visão cartesiana que invoca a cisão entre o sujeito e o mundo a ser percebido”. (PEIXOTO, 2003 p. 66) e o professor deve focar o ser, o modo e a possibilidade de vir-a-ser na realidade vivida como sujeito-ser.

A educação é tida como uma experiência profundamente humana que discute o mundo que se conheceu com aquele que se almeja, cedendo lugar a um novo ver, compreender e conscientizar. É uma intencionalidade circunscrita numa realidade social vivenciada pelo ser humano, seja formal ou informal e que implica considerar uma série de matizes do ser-aí que abrangem o desenvolvimento e sua compreensão de sociedade e cultura.

A dimensão do educador no escopo da educação como fenômeno é essencialmente humana, contida nas relações presentificadas entre si e com o mundo, pois:

[...] A educação como fenômeno, devemos começar por reconhecer que se trata de uma experiência profundamente humana. Em sentido forte, é mesmo uma experiência universal e exclusivamente humana: todos os homens se educam, e só eles o fazem. [...] tanto os indivíduos como os grupos, a família, a sociedade e o mundo estão implicados na estrutura educacional. (PEIXOTO, 2003 p. 80).

O encontro da educação com a fenomenologia redimensiona a nossa visão, nossa percepção do ato de educar. Nesse encontro, percebe-se a idéia da intencionalidade presente no educador e no educando, ambos se utilizando deste elemento significativo para a apreensão do aprendizado que se dá nas relações estabelecidas pelos seres humanos com o mundo. A intencionalidade é a relação consciência-mundo, a interação sujeito e mundo. Nesse aspecto, o ato de educar ganha uma experiencição: a experiência do vivido na temporalidade, devendo estar comprometida com a pessoa, com a vida e com a existência humana.

O educador, buscando compreender a prática de ensinar-educar, deve estimular no educando a busca pela completude da pessoa; como união do sujeito-mundo comprometido a promoção de condições de transformar a realidade vivenciada, neste sentido “a tarefa da fenomenologia é revelar este mundo vivido antes de ser significado, mundo onde estamos, solo de nossos encontros com o outro, onde se descortinam nossa história, nossas ações, nosso engajamento, nossas decisões”. (PEIXOTO, 2003, p. 83).

Não existe educação desvinculada do mundo e toda forma de educação pressupõe uma intencionalidade. O educador comprometido com a humanização necessita avaliar e refletir sua prática pedagógica, rever as teorias que o orienta, para assim redimensionar a compreensão de mundo, sua prática pedagógica e a si mesmo. A educação contribui para que o pensar do sujeito descubra tudo que lê, vê e ouve, decodificando a mensagem oculta que está implícita no texto ou na fala. O desocultar deve elaborar um trajeto do fenômeno vivido. “Compreender é, pois, um estado constante de projeção em direção às diversas possibilidades que vão sendo despertadas à medida que o homem se encontra com o mundo e o interroga”. (FALEIROS, 1999, p. 31).

Pensar a pesquisa no enfoque fenomenológico é interrogar o mundo vida a partir da intencionalidade do sujeito. A Fenomenologia tem por origem o pensamento de Husserl (1859-1938). O termo foi empregado no século XVIII quando foi aplicado à Teoria do Conhecimento, buscando evidenciar a verdade da ilusão e do erro pelo alemão Heinrich Lambert (1728-1777). A Fenomenologia tem como pedra angular a intencionalidade¹¹ e como núcleo a própria consciência.

Em estudos fenomenológicos a consciência é considerada como um todo absoluto que não é dependente de outro *ente*, não tem nada fora de si, e na consciência do sujeito há um movimento de estender-se, abarcando a circunvisão como o ato de estar atento ao percebido. Correlato a essa concepção entende-se que a *coisa* não está além de sua manifestação e, portanto, é relativo à percepção e é dependente da consciência, que é “modalidade de explicitação que a manifestam, nos conduzem ao conhecimento intersubjetivo e a uma objetividade possível, os quais são tramados por uma rede de compreensão e de manifestação expressa por meio da linguagem”. (BICUDO, 2000, p. 73).

Toda linguagem, ao dizer, interpreta. (RICOEUR, 1990). Ela é, ao mesmo tempo, comentário de uma realidade e de uma interpretação, a auto-interpretação daquele que fala uma realidade. A investigação fenomenológica trabalha com o qualitativo, com o que faz

¹¹ Intencionalidade é o movimento da consciência que sempre está atenta dirigindo-se para algo. (BICUDO, 2000, p. 39).

sentido para o sujeito, como significativo no qual a percepção e a manifestação ocorrem. É o estudo das essências, ligando os *eidós*¹² através de seus pontos fundamentais e não a partir de explicações ou análises de uma descrição passiva. Ele busca os sentidos onde há sentido e mesmo em que sentido há sentido. No método percebe-se que há sempre mais sentido além de tudo que se pode dizer. (FALEIROS, 1999; BICUDO, 2000; PELLAUER, 2009).

Epistemologicamente, a palavra Fenomenologia é composta por *Fenômeno* mais *logos*. O fenômeno é uma palavra de origem grega, *faínomenon*, derivada do verbo *faínestai*, que significa o que se mostra, manifesta, aparece. O fenômeno refere-se aquilo que se revela em si mesmo, expõem-se à luz, sem obscuridade.

Para muitos pesquisadores, o método é o modo como as ciências positivistas buscam atingir as metas. Entretanto, para a fenomenologia o método deve ser interpretado como a metodologia para além do caminho ou para o continuar do caminho.

Pesquisar fenomenologicamente quer dizer ter uma interrogação e andar em torno dela, em todos os sentidos, sempre buscando todas as suas dimensões e, andar outra vez e outra ainda, buscando mais sentido, mais dimensões. A interrogação se mantém viva porque a compreensão do fenômeno não se esgota nunca. (FALEIROS, 1999, p. 32).

O método fenomenológico da ênfase ao mundo da vida, o cotidiano dos sujeitos, um retorno à totalidade do mundo vivido do ser-aí. Não se atem somente as coisas factualmente observáveis. Vai mais longe, busca o significado e, dentro de um contexto, sempre há necessidade de um refinamento maior, alcançando assim uma compreensão dos fenômenos por meio de relatos descritivos da vida social, portanto a fenomenologia “busca uma compreensão particular daquilo que estuda... Ela não se preocupa com generalizações, princípios ou leis... O foco da atenção é centralizado no específico, no peculiar, no individual, almejando sempre a compreensão”. (COLTRO 2000, p. 38).

Em ciências sociais, o pensamento não pode ser reduzido à operacionalização de variáveis, mas sim à qualidade e à intensidade dos acontecimentos de um fenômeno, preocupando-se com um nível de realidade que não poderá ser estritamente quantificado. Deste modo, não se concebe um método em si, mas uma postura e atitude filosófica com rigor científico. (MINAYO, 1994; GARNICA, 1997).

¹² *Eidós* significa o que há de essencial, de característico no percebido em várias experiências vividas de diferentes perspectivas. Para Husserl, a atividade que reúne a multiplicidade, de modo que o idêntico seja percebido, é a intuição essencial. É nesse ato que a essência, ou o *eidós*, é intuída, possibilitando a evidência da característica essencial do fenômeno. (BICUDO, 2000, p. 35).

A postura e atitude filosófica da Fenomenologia emergem de questões de natureza não-fáticas, voltadas para as ciências sociais, assim a “objetividade da ciência do homem é uma objetividade diferente: os seres humanos não são objetos e suas atividades não são simples reações. Em síntese, a reação básica, neste caso, não é de sujeito-objeto, mas de sujeito-sujeito”. (COLTRO, 2000, p. 38).

A trajetória do pesquisador fenomenológico é um complexo “ir à coisa mesma”, à volta ao mundo anterior à reflexão, à volta proposta ao irrefletido e ao mundo vivido, sobre o qual o universo desta ciência é construído. Durante o percurso do pensar e agir, o pesquisador deve livrar-se dos conceitos teóricos prévios, um cuidado necessário para que não se crie um obstáculo no processo de conhecimento do fenômeno. Ao abandonar o conhecimento prévio familiar, corre-se o risco de caminhar em uma grande obscuridade. Uma obscuridade essencial e temporária que fará parte de um momento de compreensão do conhecimento.

Pelo estado de obscuridade, sente-se a necessidade de buscar a iluminação, um esclarecimento daquilo que para o pesquisador permaneceu oculto, iluminando e esclarecendo o mundo como ele é e se apresenta. Contudo, “Isso não quer dizer que não trabalhe com experiências prévias do pesquisador, as quais constituem o pré-reflexivo que busca tornar-se reflexivo durante a trajetória da pesquisa”. (FALEIROS, 1999, p. 34).

O processo metodológico é iniciado pelo movimento da *epoché*,¹³ a suspensão de referenciais teóricos prévios e explicações apriorísticas. A *epoché* ou redução eidética tem várias regras. (COLTRO, 2000, p. 43), sendo que o primeiro momento ou condução para a compreensão das concepções a serem estudadas são de: eliminação do subjetivo: assumir atitude objetiva frente ao dado; exclusão do teórico: eliminação momentânea de toda hipótese, teoria ou qualquer conhecimento prévio; e suspensão da tradição: exclusão das tradições das ciências e das autoridades humanas. Em um segundo momento, o pesquisador deve percorrer os seguintes passos: ver todo o dado e não somente alguns aspectos do objeto; e descrever todo o dado, analisando as suas partes.

Na Análise Ideográfica analisam-se os discursos dos sujeitos, buscando suas Unidades de Significados e na Análise Nomotética busca-se a formação de Confluências Temáticas e Categorias Abertas que são os agrupamentos cada vez mais gerais de ideias mineradas do estudo apurado das unidades dos discursos dos sujeitos, os quais auxiliam a desvelar um arcabouço teórico do fenômeno estudado. Esse processo hermenêutico é um movimento

¹³ É uma palavra grega que significa “suspensão”, “cessação”, ou seja, a colocação entre parênteses de todo interesse naturalmente orientado, evitando assim as ideias pré-formadoras e apreender as “coisas em si”. (PEIXOTO, 2003, p. 25).

interpretativo, resultando na interpretação do fenômeno, revelando uma intencionalidade da consciência do sujeito, um mundo-vida no tempo e espaço e um ser-aí cognoscente. (FRANCO, 1995; BICUDO, 2000).

Para o desenvolvimento deste estudo foram convidados os professores participantes do Projeto de Extensão “Coletando saberes, obtendo valores: Educação Ambiental e a formação do sujeito ecológico para uma práxis pedagógica”, realizado em 2008, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, na Unidade Universitária de Coxim/MS. Em atenção ao convite, quinze professores compareceram para participação do projeto, sendo que dez efetivamente o concluíram (APÊNDICE A). Os professores participantes atuavam na Rede de Ensino Estadual, Particular e Municipal (Centro de Educação Infantil) do Município de Coxim-MS, perfazendo um grupo de estudo interdisciplinar.

A dinâmica do trabalho em busca das concepções dos professores ocorreu em quatro encontros, em sábados alternados, durante os meses de junho e agosto de 2009, com uma carga horária total de 12 horas/aula.

No primeiro encontro ocorreu a apresentação e o estabelecimento dos propósitos do projeto. O pesquisador ressaltou que as concepções relacionadas às práticas pedagógicas seriam subsídios para uma pesquisa de doutoramento na linha de Pesquisa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Campo Grande.

A primeira dinâmica teve como objetivo apresentar e relacionar sessenta e cinco imagens da fauna e flora pantaneiras com a biofilia dos professores. Neste sentido, as figuras serviram tanto como elementos naturais sensibilizadores que deveriam ser escolhidos para gerar pseudônimos que iriam ocultar a identidade do professor, como componentes que deveriam instigar os campos da imaginação e da biofilia do sujeito, estimulando o imaginário das riquezas interiores. (POSTIC, 1993, p. 14). As imagens passaram a ser objetos simbólicos que incentivariam a busca do si-mesmo dentro das expressões naturais tocadas pela emoção.

Entre os elementos da flora pantaneira foram selecionados a orquídea – planta da ordem Asparagales, família *Orchidaceae*; uma das maiores famílias de plantas existentes – a açucena (*Hippeastrum hybridum*), o aguapé (*Eichhornia crassipes*), as bromélias (Bromeliaceae), a flor do maracujá (*Passiflora edulis*), a quaresmeira (*Tibouchina granulosa*) e os ipês amarelo (*Tabebuia chrysotricha*) e roxo (*Tabebuia avellaneda*).

Da avifauna pantaneira contemplaram-se a arara-azul (*Anodorhynchus hyacinthinus*), a arara-canindé (*Ara ararauna*), a arara-vermelha (*Ara chloroptera*), os tucanos (*Ramphastos toco*), os pica-paus-do-campo (*Colaptes campestris*), os tuiuiús (*Mycteria americana*), a coruja-buraqueira (*Athene cunicularia*), o araçari-castanho (*Pteroglossus castanotis*), o mutum (Cracidae), o carcará (*Polyborus plancus*), a maria-faceira (*Syrigma sibilatrix*), a

pipira-da-toça (*Eucometis penicillata*), o surucuá (*Trogonidae*), o udu (*Momotus momota*) e o martim-pescador (*Chloroceryle americana*).

Entre os répteis observamos os jacarés (*Alligator* sp.) e a iguana (*Iguanidae*). Dos anfíbios visualizamos uma perereca (Hylidae) e o sapo-cururu (*Bufo* sp.). Entre as cobras, observamos a sucuri (*Eunectes notaeus*), a mata-cavalo (*Liophis poecilogyrus*), falsas corais dos gêneros *Micrurus*, *Erythrolamprus*, *Oxyrhopus* e *Anilius* e cobras de pequeno porte, facilmente reconhecidas por seu colorido vivo.

Quanto aos mamíferos apreciamos as onças-pintadas (*Panthera onca*), a anta (*Tapirus terrestris*), o cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*), o macaco-prego (*Cebus apella*), a jaguatirica (*Leopardus pardalis* ou *Felis pardalis*), as capivaras (*Hydrochoerus hydrochaeris*), o lobos-guarás (*Chrysocyon brachyurus*) e os tamanduás-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*).

Entre os peixes vimos o dourado (*Salminus brasiliensis*) e os insetos foram representados por uma borboleta na crisálida (pertencente à família dos lepidópteros) e uma cigarra (da família dos cicadídeos). No final da apresentação foram colocadas duas imagens panorâmicas da região pantaneira.

Após a apresentação das imagens, cada professor recebeu uma ficha para escolher um pseudônimo entre as imagens exibidas (Apêndice B). No momento imagético de sua escolha, solicitamos a elaboração de um desenho e a pintura em prato de papelão do elemento com qual cada sujeito se identificou (Figura 12).

Feito isso, os participantes dissertaram sobre a questão: qual é a relação do pseudônimo escolhido e sua pessoa? (Apêndice C).

O segundo encontro ocorreu no Sítio Arqueológico da Fazenda Nordestina¹⁴, um local a ser preservado e propício à realização de atividades biofílicas de percepção ambiental.

Para iniciar a sensibilização do grupo, foi realizada uma breve apresentação histórica do local. Após a atividade, os professores foram dispostos em círculo e o pesquisador



Figura 12 – A escolha do pseudônimo por meio de imagens (Acervo do Pesquisador).

¹⁴ Propriedade particular de Djalma Florício de Souza, localizado no município de Rio Verde-MT/MS, a 23 km da cidade de Coxim-MS, pela estrada vicinal, tendo como divisor o Rio Taquari-MS. Nesse espaço há uma caverna onde se encontram pinturas rupestres. Para segurança de todos solicitamos a presença da Polícia Militar Ambiental e do Técnico Nilo Peçanha representante do COINTA (Consórcio Intermunicipal para o desenvolvimento Sustentável da Bacia do Rio Taquari).

apresentou uma cebola¹⁵ (*Allium cepae*) como objeto simbólico¹⁶ capaz de ligar o elemento natureza ao homem – pois ela acentua novos sabores aos alimentos – e ao desenvolvimento do conhecimento – representada pelas interligações das camadas de seu bulbo. A cebola cortada na horizontal e vertical foi passada entre os professores para que pudessem refletir sobre as relações entre sua forma e o processo educativo: as túnicas (rodela) unidas compõem a cebola em si, simbolizando as interrelações entre as partes e o todo.

O terceiro encontro contou com o apoio do grupo de Estudos e Pesquisa FLLIPE¹⁷ da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Campo Grande (MS), que coordenou o seminário “A fenomenologia, educação e meio ambiente: a cultura pantaneira e a invenção do sujeito ecológico” realizado nos dias 26 e 27 de junho de 2009 (Apêndice D). Durante o evento, ministraram-se palestras e oficinas lúdicas (Apêndice E), que culminaram com uma apresentação-avaliação teatral espontânea dos participantes, voltado para o pensamento ecológico, o Pantanal e os problemas socioambientais.

No quarto encontro foi proposto um desafio: a criação de símbolos ecológicos com a utilização de variados materiais orgânicos (tais como flores, frutos e folhas secas, além de sementes do cerrado), materiais recicláveis (como revistas, jornais e embalagens), materiais de festas (balões e pratinhos de papelão), tinta guache, cola, tesoura e pincéis. Na atividade surgiram elementos simbólicos ecológicos, elaborados pelos professores, tais como máscaras¹⁸ e mandalas¹⁹ (Figura 13).

¹⁵ Para algumas culturas, a cebola tem uma importância simbólica relacionadas a cultos e foram espalhados pelo mundo. Ramakrishna compara a estrutura folhada do bulbo, que não chega a nenhum núcleo, à própria estrutura do ego, que a experiência espiritual debulha camada por camada até a vacuidade. A partir daí nada mais se constitui obstáculo ao espírito universal, à fusão com Brama. No plano mágico os egípcios se protegiam de certas doenças com as hastes de cebola. Os latinos, segundo Plutarco, proibiam o uso do bulbo, porque acreditavam que ele crescia quando a lua diminuía. Quanto ao cheiro, provocava um sentimento de força vital. Virtudes afrodisíacas lhe são igualmente atribuídas, tanto por sua composição química quanto por suas sugestões imaginativas. (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2001)

¹⁶ O símbolo por um lado repete nossa infância, neste estudo além de apresentar o ser, explora vida adulta, seu pensar e agir, observa-se que durante a apresentação dos símbolos, sua apresentação promoveu funções progressivas, tais como, regressivas e progressivas, reminescente e antecipação, arcaísmo e profecia, existente no sujeito e para o sujeito. (FRANCO, 1995, p. 80)

¹⁷ FLLIPE - Formação, Fenomenologia, Linguagens Lúdicas Interdisciplinares, Pesquisa e Educação, grupo de Estudo e Pesquisa registrado no CNPq coordenado pela Prof. Dra. Jucimara Rojas.

¹⁸ A máscara é um instrumento simbólico que se firmou nos cenários da vida cotidiana, desde os tempos mais ancestrais, exemplificado como o rito da cara. Esse símbolo é dedicado a um dos deuses mais antigos da Antiguidade, *Porsen*, deus dos mortos que zelava pelo destino dos vivos, assim surgiram às máscaras. Era um objeto usado em ritos funerários, e após o uso dependuravam na “árvore sagrada” (a árvore da vida) para balançar (rito de oscilação). Com esse ato, promovido pelo vento, acreditava-se que influenciado pelo deus, ao mover as máscaras, libertava os fluidos negativos, os destinos nefastos. Essas máscaras eram ofertadas a *Porsen*, as máscaras, também foram utilizados pelos gregos no teatro e passou também a ser chamadas de *persona*, derivado do latim como termo personalidade. (PAIS, 2008, p. 9).

¹⁹ A expressão “Mandala” provém de uma palavra de língua sânscrita (um termo composto, *manda* = essência e *la* = conteúdo) compreende-se como “o que contém a essência” ou “a esfera da essência ou, ainda, o círculo da essência que significa “círculo”, mais precisamente, “círculo mágico”. É um símbolo antiquíssimo e uma das mais remotas expressões universais da mente humana. (DIBO, 2010, s/p).

Aproveitando a motivação, apresentamos a pergunta que ajudou a descrever a práxis pedagógica do professor: quais são as relações dos símbolos evidenciados com sua prática pedagógica, com ênfase de sujeito ecológico? (Apêndice F).

As asserções foram registradas por escrito, promovendo a enunciação do sujeito. “A grande mutação que a escrita promove no discurso é que, enquanto a fala dirige-se a um interlocutor ou a um pequeno grupo de interlocutores, o texto escrito dirige-se, potencialmente a todos que saibam ler” (BONA, 2010, p. 77).

Para encerramento das atividades, os professores trocaram aleatoriamente os registros dos depoimentos e realizaram apresentação verbal do texto recebido para o grupo. Nesse ato, a realidade de mundo vivido dos professores serviram como estratégia para a enunciação de si-mesmo como um outro. De posse das concepções e dos materiais elaborados pelos professores, o pesquisador norteou o trabalho de investigação fenomenológica, utilizando as análises ideográficas e nomotética.



Figura 13 – Psicodinâmica: a construção de máscara ecológica (Acervo do Pesquisador).

3.1 O GRUPO DE PROFESSORES: OS SEMEADORES DO IDEÁRIO ECOLÓGICO

Os sujeitos professores são os protagonistas que, com sua criatividade, semeiam naturalmente processos de ação na prática pedagógica. A idade dos professores variou de 23 a 44 anos, sendo que se observou apenas um indivíduo do sexo masculino. A maioria dos professores nasceu em Mato Grosso do Sul, sendo seis naturais da cidade de Coxim-MS, um de Campo Grande e três da região sul do país (Quadro 1).

Quadro 1 - O grupo de professores: pseudônimo, gênero, naturalidade e graduação.

Pseudônimo	Idade	Sexo	Naturalidade	Graduação	Pós-Graduação
Peixe-Dourado	33	Fem.	Campo Grande-MS	Biologia	Gestão e Planejamento ambiental
Orquídea	44	Fem.	RS	Artes Plásticas e Pedagogia	Planejamento Educacional
Borboleta	35	Fem.	Coxim-MS	Pedagogia	-
Tucano I	41	Fem.	PR	Pedagogia	-
Tucano II	39	Masc.	Coxim-MS	Letras	-
Tucano III	28	Fem.	Coxim-MS	Normal Superior	Gestão Escolar
Tucano IV	29	Fem.	Coxim-MS	Biologia	-
Pseudônimo	Idade	Sexo	Naturalidade	Graduação	Pós-Graduação
Jacaré	23	Fem.	PR	Biologia	Psicopedagogia
Onça Pintada	40	Fem.	Coxim-MS	Geografia e História	-
Ipê Rosa	28	Fem.	Coxim-MS	História	-

Fonte: Pseudônimos e escrita dos Professores da Rede, Estadual, Municipal e Particular da cidade Coxim-MS (Organizado pelo Pesquisador).

Os professores graduaram-se principalmente em pedagogia, havendo ainda profissionais formados em outras áreas humanas, em Biologia e em Geografia.

3.2 ANÁLISE IDEOGRÁFICA E NOMOTÉTICA: UM PERCURSO DOS SEMEADORES COM A SEMEADURA

A análise ideográfica é uma análise individual das concepções dos sujeitos do estudo. Também é denominada de idiográfica ou ideográfica²⁰, em si, apresenta os invariantes ou as características de cada descrição. A interrogação do pesquisador é o indicador principal do percurso em pesquisa fenomenológica, pois “é o ponto de maior importância nesta modalidade de pesquisa, pois ela indica a trajetória a ser percorrida pela investigação, definindo procedimentos e sujeitos e apontando a direção e respectiva interpretação” (BICUDO, 2000, p. 81).

²⁰ Idiográfica: vem do termo idiosincrasia, do que é muito individual. Ideográfica: representação de ideias. (BICUDO, 2000, p. 92)

A Análise Ideográfica possui três momentos didáticos: o Discurso do Sujeito, que apresenta os discursos dos sujeitos relacionados à temática estudada; a Unidade de Significado do Discurso, onde o discurso é fragmentado em unidades de significados, sendo atribuído a cada fragmento uma ordem numérica de acordo com cada indivíduo (ex., S1 = peixe dourado). As Unidades de Significados surgiram após várias leituras de cada resposta, buscando sua familiarização; e o Discurso Articulado, que é uma apresentação sintética das asserções dos sujeitos, uma transcrição para a linguagem do pesquisador. É um discurso mais próprio da área na qual a pesquisa se insere. É um movimento efetuado à redução fenomenológica, a invariante é cada vez mais abrangente.

A análise nomotética é uma ação voltada aos discursos dos professores com base nas divergências e convergências expressas pelas Unidades de Significados, gerando as Confluências Temáticas e as Categorias Abertas²¹. Neste processo, há uma redução do discurso para formação de grupos de ideias cada vez mais gerais, que expressarão uma síntese organizada da análise dos pensamentos. As categorias são generalidades resultantes das análises, clarificado, apresentando assim um caráter perspectival.

Esta etapa é considerada como o momento em que o pesquisador acessa o mundo-vida do sujeito, por meio dos discursos alçados. Esse processo parte da enunciação do ser, selecionado nas Unidades de Significado, para uma ordem geral do fenômeno estudado.

Vale ressaltar que os significados não pertencem a uma única realidade, ou seja, não se limitam à experiência de um único sujeito, mas sim, são de vários outros, sem que seja necessário pertencer a todos os sujeitos, pois a “a análise nomotética não é apenas uma verificação cruzada de correspondência de afirmações reais, mas uma profunda reflexão sobre a estrutura do fenômeno”. (FALEIROS, 1999 p. 66).

A busca do desvelar de um fenômeno não significa o fim da análise, mas sim, é um método do qual traz à luz, as relações vividas pelos sujeitos de aspectos idiossincráticos. A partir de então o revelar das categorias abertas, evidentes, mostra-nos o fenômeno desvelado na intencionalidade de pesquisa e do pesquisador para busca interpretativa fundamentada.

²¹ As Confluências Temáticas e as Categorias Abertas são duas etapas do *constructo* que apresentam uma primeira aproximação – as Confluências Temáticas – e a síntese geral – Categorias Abertas – das grandes convergências de significados analisadas e interpretadas. Indicam os aspectos estruturantes do fenômeno investigado, o percebido, o analisado, o diálogo estabelecido na intersubjetividade autor/sujeitos/autores/região de inquérito. (BICUDO, 2000, p. 82).

3.3 ANÁLISE IDEOGRÁFICA DOS PSEUDÔNIMOS DA BIOFILIA PANTANEIRA

As imagens e as análises das relações biofílicas dos professores com a fauna e flora pantaneira são dadas na Figura 14 e nos Quadros 2 a 11.



Figura 14 – Imagens estimuladoras dos discursos dos sujeitos em pseudônimo e a relação topofilica com a flora e fauna pantaneira.

Quadro 2 – Análise Ideográfica do discurso Biofílico do pseudônimo escolhido pelo professor: Peixe-Dourado.

DISCURSO DO SUJEITO	UNIDADES DE SIGNIFICADOS	DISCURSO ARTICULADO
Peixe-Dourado	Sujeito 1 – Peixe-Dourado	Sujeito 1 – Peixe-Dourado
Minha relação com o peixe se dá por meio de sua agilidade no nado, o colorido de suas escamas. Também por meio de sua fragilidade no ecossistema aquático e sua liberdade no mesmo. Ainda não sei por que o escolhi, talvez seja pelo estado de espírito que me apresento hoje. Também gosto muito de saboreá-lo, mas não de pescá-lo, só vislumbrar sua beleza!	<ol style="list-style-type: none"> 1) Se dá por meio da agilidade, o colorido de suas escamas. 2) A fragilidade no ecossistema aquático e sua liberdade. 3) Não sei por que o escolhi, talvez pelo estado de espírito. 4) Gosto de saboreá-lo, mas não de pescar, só vislumbrar sua beleza. 	O S1 apresenta o comportamento do peixe no seu Habitat, ressaltando a morfologia, o colorido da escama, e a percepção de liberdade, enfatiza também sua fragilidade no rio. Não sabe o porquê da escolha, talvez seja pelo estado de espírito. Gosta de vislumbrar sua beleza, de saboreá-lo, porém não de pescar

Quadro 3 - Análise Ideográfica do discurso Biofílico do pseudônimo escolhido pelo professor: Orquídea.

DISCURSO DO SUJEITO	UNIDADES DE SIGNIFICADOS	DISCURSO ARTICULADO
Orquídea	Sujeito 2 – Orquídea	Sujeito 2 – Orquídea
A orquídea é uma flor de beleza indescritível, misteriosa e única, chama atenção em qualquer ambiente, especificamente a do Pantanal pelo seu encantamento natural. É majestosa, poderosa. Faz com que as pessoas se apaixonem por ela, não importando sua cor, forma ou tamanho. Resisto a muitas coisas, porém, não a ela. É assim que eu gosto de me sentir.	<ol style="list-style-type: none"> 1) A orquídea é uma flor de beleza indescritível, misteriosa e única. 2) Chama a atenção especificamente a do Pantanal pelo seu encanto natural. 3) É majestosa, poderosa. 4) As pessoas se apaixonam por ela, não importa a cor, forma ou tamanho. 5) É assim que eu gosto de me sentir. 	A orquídea para o S2 é uma flor indescritível, misteriosa e única, chama atenção no ambiente pantaneiro são todas as plantas que compõem a família <i>Orchidaceae</i> , pertencente à ordem <i>Asparagales</i> , muito apreciada por colecionadores, e demonstra uma relação perceptiva de sentir-se como a mesma.

Quadro 4 - Análise Ideográfica do discurso Biofílico do pseudônimo escolhido pelo professor: Borboleta.

DISCURSO DO SUJEITO	UNIDADES DE SIGNIFICADOS	DISCURSO ARTICULADO
Borboleta	Sujeito 3 – Borboleta	Sujeito 3 – Borboleta
Bom. Eu escolhi a borboleta porque ela é transformação na primavera, nascendo da crisálida e após voando, dá a sensação de liberdade, tranquilidade e cores, vida. Isso faz com que eu perceba como a vida é maravilhosa, e que são nas pequenas coisas que vemos a presença de Deus e que temos que valorizar e cuidar da natureza.	<ol style="list-style-type: none"> 1) A borboleta é transformação na primavera, nascendo da crisálida e após voando, dá a sensação de liberdade, tranquilidade e cores. 2) Faz com que eu perceba que a vida é maravilhosa. 3) Nas pequenas coisas que vemos a presença de Deus. 4) Temos que valorizar e cuidar da natureza. 	O S3 apresenta a borboleta no seu desenvolvimento, a metamorfose e após o processo, o vôo que estimula a percepção pelos campos da imaginação, a sensação de liberdade, tranquilidade e cores. E simbolicamente uma imaginação cósmica vê a presença de Deus, portanto deve-se valorar e cuidar da natureza.

Quadro 5 - Análise Ideográfica do discurso Biofílico do pseudônimo escolhido pelo professor: Tucano I.

DISCURSO DO SUJEITO	UNIDADES DE SIGNIFICADOS	DISCURSO ARTICULADO
Tucano I	Sujeito 4 – Tucano I	Sujeito 4 – Tucano I
O tucano pra mim representa liberdade, cores fortes e alegria. Desde a infância tinha curiosidade para conhecer, hoje em dia sempre aparece um no meu quintal para comer caju, goiaba e mamão.	<ol style="list-style-type: none"> 1) O tucano representa liberdade, cores fortes e alegria. 2) Desde a infância tinha curiosidade para conhecer. 3) Hoje em dia sempre aparece um no meu quintal para comer caju, goiaba e mamão. 	O tucano para o S4 estimula a percepção cognitiva, a liberdade e alegria, cores fortes, a morfologia da ave, tinha curiosidade desde a infância em conhecer e atualmente aparece no quintal para comer caju, goiaba e mamão.

Quadro 6 - Análise Ideográfica do discurso Biofílico do pseudônimo escolhido pelo professor: Tucano II.

DISCURSO DO SUJEITO	UNIDADES DE SIGNIFICADOS	DISCURSO ARTICULADO
Tucano II	Sujeito 5 – Tucano II	Sujeito 5 – Tucano II
O tucano é um animal que tem um bico lindo, mas que lhe dá muito trabalho para comer. Ele gosta de frutas, voa, vivem nas árvores, suas cores são muito atraentes, o preto e o branco que destaca o bico. Emite um barulho peculiar, um som grosso. Parece que o seu bico dificulta para enxergar lateralmente. Com o desmatamento ele sempre está saindo do seu Habitat para encontrar o seu alimento.	<ol style="list-style-type: none"> 1) É um animal que tem um bico lindo, mas que lhe dá muito trabalho para comer. 2) Gosta de frutas, voa, vivem nas árvores, suas cores são muito atraentes, o contraste do preto com o branco e a cor do bico. 3) Emite um barulho peculiar, um som grosso. 4) Parece que o seu bico dificulta para enxergar lateralmente. 5) Com os desmatamentos ele sempre está saindo do seu Habitat para encontrar o seu alimento. 	O S5 enfatiza uma parte morfológica do animal, o bico, que deve dificultá-lo para enxergar, comer e gosta de fruta, emite um som peculiar, vivem em árvores, devido ao desmatamento sai do seu Habitat o Pantanal para encontrar o alimento.

Quadro 7 - Análise Ideográfica do discurso Biofílico do pseudônimo escolhido pelo professor: Tucano III.

DISCURSO DO SUJEITO	UNIDADES DE SIGNIFICADOS	DISCURSO ARTICULADO
Tucano III	Sujeito 6 – Tucano III	Sujeito 6 – Tucano III
O tucano é um animal bonito e sofisticado, sua plumagem colorida lembra a alegria. Minha relação com o tucano é a seguinte: gosto muito do colorido da vida, o amor, a paz, a esperança e a alegria.	1) É um animal bonito e sofisticado, sua plumagem colorida lembra alegria 2) Gosto muito do colorido da vida, o amor, a paz, a esperança e a alegria.	A morfologia da ave para o S6, as plumagens são bonitas, sofisticadas e coloridas que lembra a alegria, vida, amor, paz, esperança.

Quadro 8 - Análise Ideográfica do discurso Biofílico do pseudônimo escolhido pelo professor: Tucano IV.

DISCURSO DO SUJEITO	UNIDADES DE SIGNIFICADOS	DISCURSO ARTICULADO
Tucano IV	Sujeito 7 – Tucano IV	Sujeito 7 – Tucano IV
O desenho do tucano representa liberdade, alegria, agilidade e traz tranquilidade. As cores de seu bico têm um lindo colorido. É uma ave que não incomoda ninguém, sempre na sua e vive na região do Pantanal.	1) Representa liberdade, alegria, agilidade e traz tranquilidade. 2) As cores de seu bico têm um lindo colorido. 3) É uma ave que não incomoda ninguém e vive na região do Pantanal.	O S7 demonstra um sentimento perceptivo relacionado ao tucano, tais como: liberdade, alegria, agilidade e traz tranquilidade, apresenta o bico uma parte morfológica da ave, o colorido, além do Habitat natural, o Pantanal

Quadro 9 - Análise Ideográfica do discurso Biofílico do pseudônimo escolhido pelo professor: Jacaré.

DISCURSO DO SUJEITO	UNIDADES DE SIGNIFICADOS	DISCURSO ARTICULADO
Jacaré	Sujeito 8 – Jacaré	Sujeito 8 – Jacaré
O jacaré do meu ponto de vista é um animal muito voraz do Pantanal. Este animal é imponente no meio onde vive, sendo geralmente no topo da cadeia alimentar, e eu me sinto várias vezes uma pessoa persuasiva, sempre agindo “superiormente” devido as minhas próprias decisões, “Bato o pé” para defender minhas idéias eu tento convencer os que me rodeiam.	1) O jacaré do meu ponto de vista é um animal muito voraz do Pantanal. 2) Este animal é imponente no meio onde vive, sendo geralmente no topo da cadeia alimentar. 3) Eu me sinto várias vezes uma pessoa persuasiva. 4) Sempre agindo “superiormente” devido as minhas próprias decisões. 5) “Bato o pé” para defender minhas idéias. 6) Eu tento convencer os que me rodeiam.	O S8 compara-se com o jacaré defende suas idéias convencendo os que a rodeia, este é um animal voraz em seu habitat o Pantanal, imponente onde vive, pertence à cadeia alimentar.

Quadro 10 - Análise Ideográfica do discurso Biofílico do pseudônimo escolhido pelo professor: Onça Pintada.

DISCURSO DO SUJEITO	UNIDADES DE SIGNIFICADOS	DISCURSO ARTICULADO
Onça Pintada	Sujeito 9 – Onça Pintada	Sujeito 9 – Onça Pintada
A minha relação com a onça é que gostaria de me considerar como tal, com características de: poderosa, charmosa, imponente, destemida e corajosa. Ela é um animal presente no Pantanal, porém encontra-se em extinção.	1) Gostaria de me considerar como tal. 2) Com características de: poderosa, charmosa, imponente, destemida e corajosa. 3) Ela é um animal presente no Pantanal e encontra-se em extinção.	Para o S9 a escolha do pseudônimo, Onça Pintada, na sua percepção imaginária gostaria de sentir-se como a mesma poderosa, charmosa, imponente, destemida e corajosa desejando o comportamento do animal em seu Habitat o Pantanal, porém encontra-se em extinção.

Quadro 11 - Análise Ideográfica do discurso Biofílico do pseudônimo escolhido pelo professor: Ipê Rosa.

DISCURSO DO SUJEITO	UNIDADES DE SIGNIFICADOS	DISCURSO ARTICULADO
Ipê Rosa	Sujeito 10 – Ipê Rosa	Sujeito 10 – Ipê Rosa
O Ipê Rosa trás a mim a memória dos tempos de infância, onde eu avistava ao longe, nas serras pantaneiras a florada dos ipês no mês de julho e agosto, suas cores, rosa, amarelo, me trazem as recordações do local em que fui criado. E mesmo entre as queimadas era possível notar o ipê florido, e então confirmar o pensamento de “Che Guevara” que “O homem é capaz de acabar com uma, duas ou mais rosas, mas não é capaz de acabar com a primavera”.	1) Trazem a mim a memória dos tempos de infância; 2) Nas serras pantaneiras, a florada dos ipês no mês de julho e agosto, suas cores, roxo, amarelo; 3) Trazem as recordações do local em que fui criado; 4) Mesmo entre as queimadas era possível notar o ipê florido; 5) E confirmar o pensamento de “Che Guevara”, “O homem é capaz de acabar com uma, duas ou mais rosas, mas não é capaz de acabar com a primavera”.	O pseudônimo escolhido pelo S10 a lembrança estimula a memória pessoal, a infância, as serras pantaneiras e a época da florada dos ipês, julho e agosto e ressalta as queimadas e o ipê florido, além da imaginação poética: “O homem é capaz de acabar com uma, duas ou mais rosas, mas não é capaz de acabar com a primavera” Che Guevara.

3.4 ANÁLISE IDEOGRÁFICA RELACIONADA AOS SÍMBOLOS – CEBOLA, MÁSCARAS E MANDALAS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

As imagens das atividades e as análises dos discursos relacionados aos símbolos e a sua relação com o trabalho pedagógico com ênfase no sujeito ecológico são dados na Figura 15 e nos Quadros 12 a 21.



Figura 15 – Imagens das atividades: passeio ecológico, oficina de máscaras, mandalas e o grupo de Estudo e Pesquisa FLLIPE e os participante da pesquisa. (Acervo do Pesquisador).

Quadro 12 – Análise Ideográfica do discurso das relações simbólicas: cebola, máscara, mandala e a prática pedagógica em ênfase de formação do sujeito ecológico: Peixe-Dourado.

DISCURSO DO SUJEITO	UNIDADES DE SIGNIFICADOS	DISCURSO ARTICULADO
Peixe-Dourado	Sujeito 1 – Peixe-Dourado	Sujeito 1 – Peixe-Dourado
<p>Cebola</p> <p>A cebola representa tempero, união entre as partes = todo. Procuo a partir de mim, o sujeito ecológico, surgir através do meu exemplo/prática de vida, com certeza como pessoa humana tenho muitas limitações, porém com grande capacidade de mudanças, procuro passar isso aos alunos; tentando a interdisciplinaridade, tão requerida na Educação Ambiental, incentivando a limpeza no próprio ambiente escolar, o re-uso da água; a economia da energia; o valor do ser humano, mas infelizmente é um trabalho árduo e um tanto difícil, principalmente quando se luta contra esse modelo de sociedade que massacra o humano. Enquanto pessoa confesso que não tem sido fácil, principalmente, quando a mudança tem que partir de nós mesmos! Reinventar esse sujeito.</p> <p>Máscara</p> <p>A minha máscara representa “amor/carinho/respeito/cuidado”, para que ela esteja presente em</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1) União entre as partes = todo. 2) Apresento com exemplos e prática de vida. 3) A interdisciplinaridade, tão requerida na Educação Ambiental. 4) A limpeza no ambiente escolar, o re-uso da água, a economia da energia. 5) Confesso que não tem sido fácil, a mudança tem que vir de nós, reinventar esse sujeito. 	<p>Para o S1, a prática pedagógica exige mudanças, compromissos através de exemplos e da própria prática no ambiente escolar, a limpeza, no reaproveitamento do re-uso da água e economia da energia, faz necessário um trabalho em conjunto, união, uma soma de esforços, com uma ação e atitude, para a prática interdisciplinar.</p>

<p>todos os momentos em sala de aula, trazendo a mãe Terra não como inabalável e resistente, mas sim, como algo sensível e que necessita de muitos cuidados. Ela irá espantar a desesperança, o desamor, o descuido, a insensibilidade, ou seja, tudo aquilo que nos afasta do “cuidado” com o próprio ser e para com o planeta em que vivemos, e que também dependemos para a própria existência.</p> <p>Mandala</p> <p>A mandala representa a ligação que temos com o meio ambiente, a interdependência de tudo o que tem vida. A consciência do “despertar ecológico” desde a tenra idade e compromisso com a vida até o fim, ou melhor, até sua transformação em outro tipo de energia. Com relação a minha prática pedagógica a interdisciplinaridade que é algo muito difícil para transmitir conhecimentos à criança, e também eu fico relacionando a nossa atitude que esta ligada ao meio ambiente, a degradação um resultado de nossa ação, o consumo exagerado que atinge a nossa vida.</p>		
---	--	--

Quadro 13 - Análise Ideográfica do discurso das relações simbólicas: cebola, máscara, mandala e a prática pedagógica em ênfase de formação do sujeito ecológico: Orquídea.

DISCURSO DO SUJEITO	UNIDADES DE SIGNIFICADOS	DISCURSO ARTICULADO
Orquídea	Sujeito 2 – Orquídea	Sujeito 2 – Orquídea
<p>Cebola</p> <p>A cebola, tempero da vida = sabor. Podemos comparar a casca da cebola como um ambiente escolar, as camadas e o centro como professor e alunos, onde o professor é um mediador de conteúdos, conhecimentos e experiências, interagindo na construção da aprendizagem do aluno, a necessidade da interdisciplinaridade. Para que isso realmente aconteça, deve ser levada em consideração a bagagem de conhecimento que o aluno traz consigo, atribuindo significados, utilizando-se das mais variadas estratégias, visando à formação de um indivíduo crítico, consciente, ecológico, capaz de visualizar o mundo de hoje, buscando e construindo um mundo melhor para o amanhã.</p> <p>Máscara</p> <p>A máscara que criei tem como símbolo principal a borboleta no seu meio natural. Ela representa a transformação. As sementes a reprodução. As flores, a beleza da natureza como também as folhas representa a vida. Enquanto professor, um ser ecológico, sempre em busca de novos saberes, aperfeiçoamento, troca de experiência, explorar e procurar entender o que nos cerca, buscando a aprendizagem, conhecimento interdisciplinar, rompendo obstáculos, superando desafios. A proteção do professor está na sabedoria, com o qual lida com muitas e diferentes situações no ambiente escolar, sabendo conduzir de maneira sábia o caminho a ser seguido, solucionando harmoniosamente os conflitos pessoais e o coletivo do grupo, para atingir os objetivos traçados.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1) O professor deve ser um mediador de conteúdos, conhecimento e experiências. 2) Reconhecer o conhecimento do aluno e atribuir significados. 3) Promoção de um indivíduo crítico, capaz de visualizar o mundo e promover mudanças para um mundo melhor. 4) Novos conhecimentos interdisciplinares, romper obstáculos, superando os desafios. 5) Prática pedagógica: ação e reflexão. 6) Conservar o Meio Ambiente. 7) Com pequenos gestos, economizar energia elétrica, água, reciclar o nosso lixo. 8) A escola deve contribuir nessa ação, sensibilizar e conscientizar para uma cultura ecológica do e no Pantanal. 	<p>O educador com ênfase de sujeito ecológico, segundo o S2, o professor deve ser um mediador que sensibilize e conscientize seus alunos para uma ação-reflexão de sujeitos críticos, considerando o prévio conhecimento dos mesmos, de forma interdisciplinar, ressaltar a necessidade de conservação da natureza, economia doméstica, o que não é fácil, porém necessário e a escola deve participar nesse processo de sensibilização e conscientização para uma cultura ecológica do e no Pantanal.</p>

<p>Mandala</p> <p>A mandala representa minha prática pedagógica: ação e reflexão. Sabemos quase tudo sobre a preservação do meio ambiente. Uma teoria, na qual passamos para nossos alunos, filhos, enfim, para as pessoas que vivem ao nosso redor. Mas a maioria das vezes, em nosso cotidiano praticamos algumas ações contrárias. Temos que repensar nossas ações pedagógicas, pois só por meio delas é que podemos ajudar a conservar o meio ambiente. Como professora, tenho dupla função: em casa e na escola. Com pequenos gestos, economizar energia elétrica, água, reciclar o nosso lixo, entre outras que poderão mudar o nosso futuro está “incerto”. Se cada um fizer a sua parte praticando pequenas ações, poderemos contribuir para um futuro melhor e a escola deve contribuir nessa ação: sensibilizar e conscientizar os alunos e os professores a trabalharem nos conteúdos do Meio Ambiente e da cultura ecológica do e no Pantanal.</p>		
---	--	--

Quadro 14 - Análise Ideográfica do discurso das relações simbólicas: cebola, máscara, mandala e a prática pedagógica em ênfase de formação do sujeito ecológico: Borboleta.

DISCURSO DO SUJEITO	UNIDADES DE SIGNIFICADOS	DISCURSO ARTICULADO
Borboleta	Sujeito 3 – Borboleta	Sujeito 3 – Borboleta
<p>Cebola</p> <p>Tempero. Eu penso que apesar de todas as dificuldades, barreiras que existe na educação, eu enquanto professora, tenho a responsabilidade de ser um agente de transformação, eu preciso construir cidadãos conscientes, sabendo dos seus direitos e deveres, respeitar cada educando no seu jeito de ser e estar. Eu procuro aulas motivadoras, usando os recursos que temos e construindo novos, passo alguns filmes, convido algumas pessoas para dar palestra, os acadêmicos da UEMS. Independente dos outros, eu tenho que avaliar o meu trabalho, reconhecendo o sucesso e o fracasso. É necessário cursos de capacitação e outros, mas eu também tenho que querer mudar, pois senão, nada faz sentido.</p> <p>Máscara</p> <p>A minha máscara representa a natureza, a vida. Acredito que enquanto pessoa vejo a importância da preservação, do cuidado que devo ter com a natureza para construir pessoas transformadoras de opinião e construtivas enquanto cidadão. Nós devemos mudar nossa postura, pois a natureza pede socorro, e quem pagará um preço muito alto somos nós, pois sem a natureza teremos a nossa destruição.</p> <p>Mandala</p> <p>A mandala representa minha prática pedagógica na invenção do sujeito ecológico, o “tempo”. Tempo que temos tão pouco para revertermos todo o processo de degradação que foram anos para chegarmos ao estado crítico, ou seja, quase final. O tempo da natureza não é o mesmo do ser humano. Sabemos disso. O consumismo acelerado, o</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1) Dificuldades, barreiras que existe na educação. 2) Um agente de transformação, preservação, construir cidadãos conscientes, sabendo dos seus direitos e deveres. 3) Respeitar cada educando no seu jeito de ser e estar. 4) Eu tenho que avaliar o meu trabalho. 5) É necessário curso de capacitação e outros. 6) O professor um sujeito que deve dar o exemplo de um ideal ecológico. 7) Aulas motivadoras com recursos áudios-visuais, convites aos acadêmicos das UEMS para debates a temática ambiental. 	<p>Segundo o S3 muitas são as dificuldades, e por isso se faz necessário a transformação na educação, buscando novas práticas, considerando o prévio conhecimento dos alunos e assim promover uma reflexão consciente, despertando a necessidade de preservação da natureza através da própria prática e ainda a busca de capacitação, uso de recursos áudios-visuais e profissionais da área do Meio Ambiente.</p>

<p>acúmulo de lixo. Pensamos e refletimos: “O tempo é amigo do tempo e não seu próprio inimigo. Devemos agir rápido para não sermos destruídos por nós mesmos, em milésimos de segundo” e a escola tem uma corrida contra o tempo, a sala de aula, a busca do HOMEM [transcrito de acordo com a grafia do professor] ecológico e o professor um sujeito que deve dar o exemplo de um ideal ecológico.</p>		
--	--	--

Quadro 15 - Análise Ideográfica do discurso das relações simbólicas: cebola, máscara, mandala e a prática pedagógica em ênfase de formação do sujeito ecológico: Tucano I.

DISCURSO DO SUJEITO	UNIDADES DE SIGNIFICADOS	DISCURSO ARTICULADO
<p>Tucano I</p>	<p>Sujeito 4 – Tucano I</p>	<p>Sujeito 4 – Tucano I</p>
<p>Cebola</p> <p>A cebola em camadas representa a união de várias pessoas, pensando, criando e realizando trabalhos com o mesmo objetivo. Mas, muitas vezes essas camadas da cebola se perdem com o tempo sem nenhuma função ou utilidade. É assim que muitas vezes acontece na prática pedagógica, preocupamos muito com o conteúdo e não temos tempo para “criarmos” o sujeito ecológico para reinventar o ser para o ambiente Pantaneiro. E até pelo interesse de quem poderia nos auxiliar (poder público, diretores).</p> <p>Máscara</p> <p>A minha máscara representa a conservação do meio ambiente. Porque com sementes, cascas e folhas ela foi criada sem o uso de materiais novos e comprados. Ela cuida para que eu professor oriente meus alunos a não serem consumistas e destruidores do Meio Ambiente. Que nós possamos usar esses recursos naturais sem destruir. A máscara é para espantar da sala de aula a falta de criatividade e guardar a vontade de despertar nos alunos a consciência de conservação ecológica e prática interdisciplinar.</p> <p>Mandala</p> <p>A mandala representa para mim a maneira de como podemos enfrentar os problemas ambientais dentro do ambiente escolar. O centro, uma folha, representa a origem da vida, onde tudo começou, é a essência do ser. Lá se encontra todas as perguntas e respostas para todos os mistérios. Entre elas, a origem da vida, a devastação ambiental, o HOMEM [transcrito de acordo com a grafia do professor]. As vagens representam as ramificações ou divergências de todas essas informações. Onde se encontra todo o “saber” (nas folhas) e distribui (as vagens) de forma divergente, para cada lugar, por isso não sabemos a forma exata de como agir diante dos problemas. As flores com espinhos significam toda a confusão que foi feito, porque não sabemos interpretar de forma correta as informações que nos foram passados, através do centro (a folha) e das vagens. Por isso hoje há tanta divergência de opiniões de como devemos agir diante de vários problemas ambientais, o principal é a</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1) A união, pensando, criando e realizando trabalhos com o mesmo objetivo. 2) Preocupamos muito com o conteúdo e não temos tempo para criar o sujeito ecológico. 3) A falta de interesse de quem poderia nos auxiliar (poder público, diretores). 4) Despertar nos alunos a consciência de conservação ecológica e a prática interdisciplinar. 5) Divergência de opiniões de como devemos agir diante de vários problemas ambientais. 6) O principal é a Educação e em práticas pedagógicas a interdisciplinaridade, reinventar o ser para o ambiente Pantaneiro. 	<p>Para o S4 uma prática de ênfase de sujeito ecológico se faz necessário uma ação-reflexão, com união e o comprometimento de todos os seguimentos: o poder público, escola e a sociedade em prol da conservação do ambiente Pantaneiro, educando de forma sensível e conscientizadora numa prática interdisciplinar.</p>

<p>Educação e em práticas pedagógicas re-inventar o ser, isso deve ser uma prática na escola, desde a infância. Como conseqüências têm várias discussões com diferentes pontos de vista que não levam a lugar nenhum e a escola caminha nesse caminho, muita fala e pouca ação. Para solucionar esses desafios, devemos começar a educar nossas crianças, mostrando qual é a essência, o certo do errado, de uma forma mais simples, para depois mostrarmos as realidades dos fatos (as flores com espinhos) e mostrar qual é a forma mais simples para lidarem com esses “espinhos” e isso só vai acontecer se houver um conhecimento interdisciplinar e um professor ecológico.</p>		
---	--	--

Quadro 16 - Análise Ideográfica do discurso das relações simbólicas: cebola, máscara, mandala e a prática pedagógica em ênfase de formação do sujeito ecológico: Tucano II.

DISCURSO DO SUJEITO	UNIDADES DE SIGNIFICADOS	DISCURSO ARTICULADO
Tucano II	Sujeito 5 – Tucano II	Sujeito 5 – Tucano II
<p>Cebola</p> <p>A cebola representa ligação. Assim como a cebola é composta por elos de ligação e camadas onde uma protege a outra. Na minha prática pedagógica tenho buscado interagir com os colegas de trabalho no sentido de fortalecer o trabalho em equipe, com o objetivo de alcançar o sucesso do aluno. Em sala de aula procuro levar o aluno a ter uma visão otimista da vida e valorizar as coisas simples que ela nos representa através de diálogos. Também tenho levado para dentro das salas, o debate sobre as questões ambientais, em forma de poesia e contação de história com os fantoches.</p> <p>Máscara</p> <p>A minha máscara ecológica leva o nome de “sementes”. Ela representa a força da natureza na renovação da vida. A máscara ecológica tem a função de sempre me lembrar da importância de sensibilizar, conscientizar meus alunos para a prática da educação ambiental e do respeito à natureza, embora eu tenha dificuldade de ser um professor com conhecimento interdisciplinar.</p> <p>Mandala</p> <p>A mandala representa o sujeito ecológico: professor, aluno, espaço escolar, planeta, fauna e flora pantaneira = Interação escolar [transcrito de acordo com a grafia do professor]. Nesse espaço sai à aprendizagem e as ideias de como viver no planeta. Em minha sala de aula busco essa prática através de diálogos para esclarecer nossas atitudes com o planeta: a destruição.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1) Interagir com os colegas de trabalho no sentido de fortalecer a equipe. 2) Sensibilizar e conscientizar meus alunos para a prática da Educação Ambiental e respeito à natureza pantaneira como contar história, poesia e uso de fantoches. 3) Tenho dificuldade de ser um professor com conhecimento interdisciplinar. 	<p>A efetiva prática de educação ecológica, para o S5 requer um trabalho em equipe, educando e sensibilizando de forma interdisciplinar para os problemas socioambiental pantaneiro, apresentando as questões pelas quais a natureza passa, utilizando-se de recursos pedagógicos tais como: diálogo, poesia e o uso de fantoches.</p>

Quadro 17 - Análise Ideográfica do discurso das relações simbólicas: cebola, máscara, mandala e a prática pedagógica em ênfase de formação do sujeito ecológico: Tucano III.

DISCURSO DO SUJEITO	UNIDADES DE SIGNIFICADOS	DISCURSO ARTICULADO
Tucano III	Sujeito 6 – Tucano III	Sujeito 6 – Tucano III
<p>Cebola</p> <p>A cebola é tempero, dá um sabor na comida. A minha prática pedagógica vem ocorrendo mudanças a partir de vários cursos que me oferece inovar nas aulas, por trabalhar com pequeninos, trabalho oralmente, no concreto sobre o meio ambiente, o mau que nós causamos e devemos cuidar do que é nosso.</p> <p>Máscara</p> <p>A máscara representou-me uma paz, ternura, compreensão, otimismo, trazendo uma imensa alegria. Ao fazer as colagens, pensei em proteção, contra o mau olhar de pessoas egoístas, ambiciosas que me cercam. Para minha prática pedagógica, espantar o baixo astral de alguns colegas que tem o potencial de criar, mas prefere copiar e invejar.</p> <p>Mandala</p> <p>A mandala é um círculo e nós estamos dentro desse círculo que representa o planeta e, se é um círculo, estamos interligados, portanto, somos os representantes do planeta na busca do sujeito ecológico, devemos em sala de aula usar a interdisciplinaridade para que possamos formar nossa mandala de conhecimento do ambiente da cidade e do Pantanal</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1) A minha prática pedagógica vem ocorrendo mudanças. 2) Cursos que me oferecem inovar nas aulas. 3) Trabalho oralmente, no concreto sobre o meio ambiente. 4) Somos os representantes do planeta na busca do sujeito ecológico. 5) Devemos em sala de aula usar a interdisciplinaridade para o ambiente da cidade e do Pantanal. 	<p>O professor S6 se coloca como um representante de ênfase de sujeito ecológico, em suas práticas pedagógicas, relacionadas à necessidade de mudanças, a busca de capacitação, promovendo o diálogo e a interação de práticas educativas, um saber socioambiental por meio de uma ação pedagógica interdisciplinar na forma de construção do conhecimento da área urbana e do Pantanal.</p>

Quadro 18 - Análise Ideográfica do discurso das relações simbólicas: cebola, máscara, mandala e a prática pedagógica em ênfase de formação do sujeito ecológico: Tucano IV.

DISCURSO DO SUJEITO	UNIDADES DE SIGNIFICADOS	DISCURSO ARTICULADO
Tucano IV	Sujeito 7 – Tucano IV	Sujeito 7 – Tucano IV
<p>Cebola</p> <p>A cebola representa um elemento indispensável na cozinha do brasileiro. O professor é indispensável na formação do aluno, mesmo com tanta tecnologia de acesso ao conhecimento. É preciso sair da teoria, tem muita teoria, e agir em volta do espaço a que se insere tanto o professor quanto ao aluno para transformar o ambiente mais agradável e bonito para se conviver.</p> <p>Máscara</p> <p>A confecção da máscara resultou muita sujeira no ambiente. Ao colocar no rosto pude criar um novo olhar em torno de mim mesmo, esconder e aparecer, ocultar o rosto de sempre. Mostrar uma nova face e ver no fim da atividade: a colaboração para manter o ambiente limpo.</p> <p>Mandala</p> <p>A mandala representa o EU [transcrito de acordo com a grafia do professor] interior e todo o universo em torno do indivíduo, arraigado de todas suas crenças e valores, resgatando o consciente coletivo. Ao confeccionar a mandala me senti em um estado de tranqüilidade, um sentimento de êxito comigo mesmo, pois, o meu estado de espírito também irá interferir em minha prática pedagógica. E minha prática pedagógica consiste em um processo de ensino aprendizagem onde procuro transmitir aos meus alunos esse sentido de um indivíduo que embora possua suas particularidades ele também é parte do coletivo.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1) O professor é indispensável na formação do aluno. 2) Sair da teoria e agir em volta do espaço que se insere o professor e o aluno para transformar o ambiente. 3) A colaboração para manter o ambiente limpo. 4) Resgatando o consciente coletivo. 	<p>Na prática de uma Educação Ambiental com ênfase de sujeito ecológico, o S7 apresenta o professor ser um sujeito indispensável e deve promover atitudes de transformação, manter o ambiente limpo através da colaboração resgatando o consciente coletivo.</p>

Quadro 19 - Análise Ideográfica do discurso das relações simbólicas: cebola, máscara, mandala e a prática pedagógica em ênfase de formação do sujeito ecológico: Jacaré.

DISCURSO DO SUJEITO	UNIDADES DE SIGNIFICADOS	DISCURSO ARTICULADO
Jacaré	Sujeito 8 - Jacaré	Sujeito 8 - Jacaré
<p>Cebola</p> <p>A cebola é sabor. Me questiono muito como estou construindo para melhorar a vida de meus alunos no ponto ambiental. Percebo que há uma barreira difícil de serem quebrados. Os pensamentos ecológicos estão etiquetados como reciclar e plantar árvores. O ser humano percebe que deve cuidar do seu ambiente, no entanto, ele só faz quando afeta seu mundo capitalista, ou seja, seu bolso. Procuo melhorar meu dia-a-dia e ser um bom exemplo, para que quando eu esteja em sala de aula possa ensinar educação ambiental de uma forma interdisciplinar, embora é difícil, e que os alunos se espelhem em atitudes minhas. Mas vejo muita dificuldade nesse ponto, e sinto que não trabalho suficientemente o tema, deixando a desejar. As dificuldades estão desde na receptividade dos alunos, colegas de escola, materiais físicos e até mesmo na minha disponibilidade para o preparo de uma aula específica.</p> <p>Máscara</p> <p>A minha máscara ecológica representa o renascimento. A todo o momento em minhas aulas preciso renovar, renascer, criar, inovar, praticar um conhecimento interdisciplinar. Cada sala é única, e cada contexto de sala precisa que o professor renasça e seja condizente aos seus alunos, ao momento presenciado. A borboleta é o principal símbolo da máscara em relação ao seu significado. As flores representam a beleza e o colorido que deve sempre conter na natureza. Essa máscara deve cuidar do meu lado ecológico mantendo a sensibilidade nas relações com alunos e com o mundo. Deve preservar a calma e a paciência, trazendo sempre consigo o entusiasmo e alegria de suas cores. Ela deve espantar o preconceito, a violência, a falta de respeito, as aulas tradicionalistas, o mau humor, o stress, o consumismo e a falta de paciência e coleguismo no ambiente escolar.</p> <p>Mandala</p> <p>Em minha mandala quis representar as cores, os quatros elementos (terra, ar, água e fogo) e o planeta Terra. As cores porque eu acredito que o mundo em que vivemos</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1) Me questiono muito como estou construindo para melhorar a vida de meus alunos no ponto ambiental. 2) Há uma barreira difícil de ser quebrada. 3) Os pensamentos ecológicos estão etiquetados como reciclar e plantar árvores. 4) Ser um bom exemplo. 5) Preciso renovar, renascer, criar, inovar, praticar um conhecimento interdisciplinar. 6) O mais importante é o contato com o Meio Ambiente e não somente sala de aula. 7) Eu não busco convencer o aluno, o aluno deve se convencer, se inserir naquele contexto, ambiente. 	<p>Para o S8 é necessário que o educador reflita a formação dos alunos, enfrente as dificuldades, apresentando suas atitudes, exemplos, incitando os alunos a vivenciem e articulem experiências ecológicas através de uma prática interdisciplinar, inovar, renascer e criar e não somente com algumas atitudes costumeiras como reciclar e plantar árvores e sim, conscientizando-se do seu papel enquanto um cidadão.</p>

<p>não seria o mesmo se não fosse as cores. Assim como um prisma que decompõe a luz branca, nós devemos dentro de cada um de nós decompor as partes que nos forma, tirar da nossa essência cada pedacinho bom e/ou ruim, [transcrito de acordo com a grafia do professor] extrair do nosso ser que nos somos e do que fazemos parte. Representei os quatros elementos da natureza porque para mim eles são o cerne do mundo. Eles ligam o meu ser com a natureza. A terra encontra-se ao centro como destaque, onde as linhas negras ao redor servem como uma rede. Assim como Einstein mostrou a relação espaço-tempo, interligando tudo. Para se construir um sujeito ecológico, considero o mais importante é o contato com o Meio Ambiente e não somente sala de aula. Ficar descalço e sentir a terra nos pés, sentir o ar penetrando nos pulmões, a água refrescar o corpo e o fogo aquecendo a matéria. Fazer o aluno se sentir parte integrante da Terra é extremamente necessário. Saber que o que existe dentro de mim também existe na terra em que piso, no ar que respiro, na água que bebo, no fogo que me aquece. Eu não busco convencer o aluno, o aluno deve se convencer, se inserir naquele contexto, ambiente.</p>		
---	--	--

Quadro 20 - Análise Ideográfica do discurso das relações simbólicas: cebola, máscara, mandala e a prática pedagógica em ênfase de formação do sujeito ecológico: Onça Pintada.

DISCURSO DO SUJEITO	UNIDADES DE SIGNIFICADOS	DISCURSO ARTICULADO
Onça Pintada	Sujeito 9 – Onça Pintada	Sujeito 9 – Onça Pintada
<p>Cebola</p> <p>A cebola representa elos nas camadas, uma ligação entre todo o ambiente escolar. Tento desenvolver de modo amplo e significativo em sala de aula. Lógico que não consigo atingir todos os objetivos propostos, pois eu mesma às vezes tenho dúvidas sobre certos conceitos que se dizem ecologicamente corretas, às vezes me questiono se toda essa questão ambiental não está sendo utilizada pela mídia como foco de somente gerar recursos (lucros) ao mundo capitalista. Por exemplo: se sabem onde está o problema, também sabem como resolver, porque então não resolvê-los? Então eis a questão. Outra questão? Ainda não consigo a prática pedagógica interdisciplinar como realmente teria que ser. Às vezes, utilizo alguns recursos pedagógicos de visualização, de visitas técnicas, mas as dificuldades para essas práticas são imensas, pois não temos recursos tais como materiais suficientes para desenvolvê-los e às vezes somos barrados por nossos superiores que dificultam todo o processo. Também não há interesse coletivo por parte dos colegas para que possamos desenvolver o todo de forma interdisciplinar, um projeto coletivo. Creio que eu não tenho um eu ecológico bem preservado, mas “poluído” pelos “vícios” humanos.</p> <p>Máscara</p> <p>A máscara ecológica representa o cuidado com o meio, tentando interagir todos os elementos existentes no planeta terra. Ela faz com que essa interação espante e cuide do eu de todo o ser, principalmente da polêmica relação homem/natureza [transcrito de acordo com a grafia do professor]. Deve de forma significativa fazer com que todo o ser compreenda e aja de forma harmônica e consciente e não destrua a si próprio com o seu consumismo desenfreado. Portanto: “Pensando em si mesmo, estamos automaticamente pensando no próximo e nas gerações futuras”.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1) Às vezes me questiono. 2) Ainda não consigo a prática pedagógica interdisciplinar como realmente teria que ser. 3) As dificuldades para essas práticas são imensas e muitas vezes somos barrados por nossos superiores que dificultam todo o processo. 4) Não há interesse coletivo por parte dos colegas para que possamos desenvolver o todo de forma interdisciplinar um projeto coletivo. 5) De forma significativa fazer com que todo o ser compreenda e haja de forma harmônica e consciente. 6) Buscar uma prática mais efetiva, ação para despertar esse eu ecológico em meus alunos. 7) Creio que eu não tenho um eu ecológico bem preservado, mas “poluído” pelos “vícios” humanos. 	<p>Segundo o S9 para a prática de formação de sujeito ecológico, tais como: o interesse coletivo dos educadores e para que o trabalho se torne efetivo, deve ser integrado no espaço escolar à reflexão pedagógica para uma prática interdisciplinar na formação do eu ecológico, enfatizando a ausência do ideário ecológico.</p>

Mandala

A mandala é a representação de tudo que existe no Universo e como professora, hoje, percebi o quanto a mandala é importante para a prática pedagógica, ela representa a necessidade de um conhecimento integrado. Na minha mandala desenhei um coração (VIDA) [transcrito de acordo com a grafia do professor] e próximo a ele coleí figuras de pessoas, pois estão interligadas na essência da vida. Fiz círculos azuis para mostrar a continuidade humana dentro da história de vida terrestre, coleí folhas e figuras sobre o consumismo, pois a ganância humana leva o homem a destruir o que é mais belo, puro e verdadeiro: a Natureza para sustentação da VIDA [transcrito de acordo com a grafia do professor]. Vou tentar de hoje em diante ser mais fiel ao meu ecológico e buscar uma prática mais efetiva, ação, para despertar esse eu ecológico em meus alunos.

Quadro 21 - Análise Ideográfica do discurso das relações simbólicas: cebola, máscara, mandala e a prática pedagógica em ênfase de formação do sujeito ecológico: Ipê Rosa.

DISCURSO DO SUJEITO	UNIDADES DE SIGNIFICADOS	DISCURSO ARTICULADO
Ipê Rosa	Sujeito 10 – Ipê Rosa	Sujeito 10 – Ipê Rosa
<p>Cebola</p> <p>A prática pedagógica é a cebola. Vejo que o ser humano apresenta diversas faces, assim como nossa prática pedagógica. Temos que aplicar diversos métodos para atingir o nosso objetivo de aula. Trabalhar de forma interdisciplinar, em união e com outros colegas para tentar despertar o sujeito ecológico em mim e em meus alunos. É complicado despertar o eu ecológico, nesse mundo capitalista e consumista. É necessário despertar a consciência de que a natureza necessita ser recuperada o mais rápido possível. O homem prática ações em torno de um tempo cronológico e a natureza em sua essência esta devolvendo as ações dos homens a si próprios. Percebo que é muito difícil trabalhar esse contexto com os alunos, pois muitos não conseguem perceber que a ação destes pode mudar situação que vemos todos os dias retratados em jornais, conferências e que são discutidas até em músicas. Tento discutir esses temas com os alunos trabalhando a realidade a vivência dos mesmos, atendo alunos de área rural. Procuro tentar fazer com que os mesmo percebam que o ambiente no qual eles vivem já mudaram, a mata deu lugar para as pastagens, os peixes já diminuíram nos rios, os rios estão assoreados. Mas como disse, o homem têm várias faces e uma das tarefas que tenho como educadora é justamente despertar essa face ecológica em meus alunos.</p> <p>Máscara</p> <p>Confeccionar a máscara para mim foi vencer uma barreira, pois não tenho muitas habilidades com papel, cola, e tesoura. Vejo que a máscara trouxe alegria, pois fiz colorida, como sou, pois sou cor e alegria. A máscara me auxiliará na proteção contra a ansiedade e o desânimo, me levou a perceber que sou capaz de vencer minhas limitações em sala de aula, assim como posso propiciar aos meus alunos a vencerem as deles. Ao confeccionar a máscara percebi que sou capaz, muito mais do que eu imagino, além de mostrar o meu lado criativo. As múltiplas faces do ser humano.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1) Trabalhar de forma interdisciplinar, em união com outros colegas para tentar despertar o sujeito ecológico em mim e em meus alunos. 2) É necessário despertar a consciência. 3) Discutir esses temas com os alunos trabalhando a realidade a vivência dos mesmos. 4) Vencer minhas limitações em sala de aula, assim como posso propiciar aos meus alunos a vencerem as deles. 5) Ensinar muito mais do que apenas a minha disciplina 	<p>Na promoção de prática pedagógica com ênfase de sujeito ecológico, para S10 a Educação Ambiental necessita de uma prática interdisciplinar, coletiva, consciente e reflexiva, tornando possível vencer as limitações pessoais e ensinar muito mais do que a sua própria disciplina.</p>

<p>Mandala</p> <p>A mandala pra mim foi difícil, pois não tenho muita expressão artística. Mas quando comecei a refletir durante a confecção com o uso de materiais simples, sementes, papel jornal, flores junto com o grupo repensei em mim que a simplicidade é tudo e na minha prática pedagógica ela tem que espantar da minha sala a falta de criatividade ao ministrar os conteúdos e a necessidade de compreender e ensinar muito mais do que apenas a minha disciplina. Na mandala tudo é interligado para dar a forma de tudo como um conhecimento a ser dado em sala de aula.</p>		
---	--	--

3.5 CONFLUÊNCIAS TEMÁTICAS DOS PSEUDÔNIMOS DA BIOFILIA PANTANEIRA

As Confluências Temáticas das relações entre os pseudônimos e a biofilia pantaneira são dadas no Quadro 22. As 7 Confluências Temáticas que se originaram das Unidades de Significados foram: 1 – Exposição Fenotípica e Fisiológica; 2 – Comportamento no Habitat; 3 – Comportamento na área urbana; 4 – Distribuição Geográfica; 5 – Percepção topofílica; 6 – Identificação; 7 – Problemas socioambientais.

Quadro 22 – Convergência das asserções dos sujeitos: confluências temáticas relacionados aos pseudônimos e à relação Biofílica com a Flora e Fauna Pantaneira.

ASSERÇÕES DOS SUJEITOS	CONFLUÊNCIAS TEMÁTICAS						
	1	2	3	4	5	6	7
1 - Se dá por meio da agilidade, o colorido de suas escamas. (S1=Peixe-Dourado)	X	X			X		
2 - A fragilidade no ecossistema aquático e sua liberdade. (S1=Peixe-Dourado)		X			X		
3 - Não sei por que o escolhi, talvez pelo estado de espírito. (S1=Peixe-Dourado)					X		
4 - Gosto de saboreá-lo, mas não de pescar, só vislumbrar sua beleza. (S1=Peixe-Dourado)					X		
5 - A orquídea é uma flor de beleza indescritível, misteriosa e única. (S2=Orquídea)	X				X		
6 - Chama a atenção especificamente a do Pantanal pelo seu encanto natural. (S2=Orquídea)				X			
7 - É majestosa, poderosa. (S2=Orquídea)					X		
8 - As pessoas se apaixonam por ela, não importa a cor, forma ou tamanho. (S2=Orquídea)					X		
9 - É assim que eu gosto de me sentir. (S2=Orquídea)						X	
10 - A borboleta é transformação na primavera, nascendo da crisálida e após voando, dá a sensação de liberdade, tranquilidade e cores. (S3=Borboleta)	X	X			X		
11 - Faz com que eu perceba que a vida é maravilhosa. (S3=Borboleta)					X		
12 - Nas pequenas coisas que vemos a presença de Deus. (S3=Borboleta)					X		
13 - Temos que valorizar e cuidar da natureza. (S3=Borboleta)					X		
14 - O tucano representa liberdade, cores fortes e alegria. (S4=Tucano 1)	X				X		
15 - Desde a infância tinha curiosidade para conhecer. (S4=Tucano 1)					X		
16 - Hoje em dia sempre aparece um no meu quintal para comer caju, goiaba e mamão. (S4=Tucano 1)			X				
17 - É um animal que tem um bico lindo, mas que lhe dá muito trabalho para comer. (S5 – Tucano II)	X						
18 - Gosta de frutas, voa, vivem nas árvores, suas cores são muito atraentes, o contrastes do preto com o branco e a cor do bico. (S5=Tucano II)	X	X					
19 - Emite um barulho peculiar, um som grosso. (S5=Tucano II)	X	X					

Quadro de Convergência elaborado pelo pesquisador: 1 - Exposição Fenotípica e Fisiológica; 2 – Comportamento no Habitat; 3 - Comportamento na área urbana; 4 - Distribuição Geográfica; 5 – Percepção topofílica; 6 – Identificação; 7 – Problemas socioambientais

Quadro 22 – Continuação.

ASSERÇÕES DOS SUJEITOS	CONFLUÊNCIAS TEMÁTICAS						
	1	2	3	4	5	6	7
20 - Parece que o seu bico dificulta para enxergar lateralmente. (S5=Tucano II)	X						
21 - Com os desmatamentos ele sempre está saindo do seu Habitat para encontrar o seu alimento. (S5=Tucano II)		X					X
22 - É um animal bonito e sofisticado, sua plumagem colorida lembra alegria. (S6=Tucano III)	X				X		
23 - Gosto muito do colorido da vida, o amor, a paz, a esperança e a alegria. (S6=Tucano III)					X		
24 - Representa liberdade, alegria, agilidade e traz tranquilidade. (S7=Tucano IV)					X		
25 - As cores de seu bico têm um lindo colorido. (S7=Tucano IV)	X						
26 - É uma ave que não incomoda ninguém e vive na região do Pantanal. (S7=Tucano IV)		X		X			
27 - O jacaré do meu ponto de vista é um animal muito voraz do Pantanal. (S8=Jacaré)	X	X		X			
28 - Este animal é imponente no meio onde vive, sendo geralmente no topo da cadeia alimentar. (S8=Jacaré)	X	X					
29 - Eu me sinto várias vezes uma pessoa persuasiva. (S8=Jacaré)							X
30 - Sempre agindo “superiormente” devido as minhas próprias decisões. (S8=Jacaré)							X
31 - “Bato o pé” para defender minhas idéias. (S8=Jacaré)							X
32 - Eu tento convencer os que me rodeiam. (S8=Jacaré)							X
33 - Gostaria de me considerar como tal. (S9=Onça Pintada)					X		
34 - Com características de: poderosa, charmosa, imponente, destemida e corajosa. (S9=Onça Pintada)		X			X		
35 - Ela é um animal presente no Pantanal e encontra-se em extinção. (S9=Onça Pintada)				X			X
36 - Trás a mim a memória dos tempos de infância. (S10=Ipê Rosa)					X		
37 - Nas serras pantaneiras, a florada dos ipês no mês de julho e agosto, suas cores, roxa, amarelo. (S10=Ipê Rosa)	X			X			
38 - Trazem as recordações do local em que fui criado. (S10=Ipê Rosa)					X		
39 - Mesmo entre as queimadas era possível notar o ipê florido. (S10=Ipê Rosa)							X
40 - E confirmar o pensamento de “Che Guevara”, “O homem é capaz de acabar com uma, duas ou mais rosas, mas não é capaz de acabar com a primavera”. (S10=Ipê Rosa)					X		

Quadro de Convergência elaborado pelo pesquisador: 1 - Fenótipo e Fisiológica; 2 – Comportamento no Habitat; 3 - Comportamento na área urbana; 4 - Distribuição Geográfica; 5 – Percepção Topofilica; 6 – Identidade; 7 – Problemas socioambientais

3.6 CONFLUÊNCIAS TEMÁTICAS RELACIONADAS AOS SÍMBOLOS – CEBOLA, MÁSCARAS E MANDALAS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

No Quadro 23 são dados as Confluências Temáticas relacionadas às asserções dos sujeitos quanto aos símbolos e as práticas pedagógicas dos professores participantes deste estudo. Do total de cinquenta e sete asserções surgiram às seguintes confluências: 1 – Atitude Socioambiental; 2 – Capacitação Docente; 3 – Coletividade; 4 – Conservação/Preservação; 5 – Dificuldades; 6 – Consumo Responsável/Reciclagem; 7 – Educação e Educação Ambiental; 8 – Interdisciplinaridade; 9 – Políticas Educacionais; 10 – Reflexão Pedagógica; 11 – Práticas Pedagógicas; 12 – Identidade Ecológica.

Quadro 23 - Convergência das asserções dos sujeitos e Confluência Temáticas aos símbolos: cebola, máscara e mandala e a prática pedagógica com ênfase de sujeito ecológico.

ASSERÇÕES DOS SUJEITOS	CONFLUÊNCIAS TEMÁTICAS											
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
1 – União entre as partes=todo. (S1=Peixe-Dourado)			X									
2 – Apresento com exemplos e prática de vida. (S1=Peixe-Dourado)											X	
3 – A interdisciplinaridade, tão requerida na Educação Ambiental. (S1=Peixe-Dourado)								X				
4 – A limpeza no ambiente escolar, o re-uso da água, a economia da energia. (S1=Peixe-Dourado)	X			X		X						
5 – Confesso que não tem sido fácil, a mudança tem que vir de nós, reinventar esse sujeito. (S1=Peixe-Dourado)					X					X		
6 – O professor deve ser um mediador de conteúdos, conhecimento e experiências. (S2=Orquídea)											X	
7 – Reconhecer o conhecimento do aluno e atribuir significados. (S2=Orquídea)											X	
8 – Promoção de um indivíduo crítico, capaz de visualizar o mundo e promover mudanças para um mundo melhor. (S2 – Orquídea)											X	
9 – Novos conhecimentos interdisciplinares, romper obstáculos, superando os desafios. (S2=Orquídea)					X			X				
10 – Prática pedagógica: ação e reflexão. (S2=Orquídea)											X	
11 – Conservar o Meio Ambiente. (S2=Orquídea)	X			X								
12 – Com pequenos gestos, economizar energia elétrica, água, reciclar o nosso lixo. (S2=Orquídea)	X					X					X	
13 - A escola deve contribuir nessa ação, sensibilizar e conscientizar para uma cultura ecológica do e no Pantanal. (S2=Orquídea)							X			X		X
14 – Dificuldades, barreiras que existe na educação. (S3=Borboleta)					X		X					

Quadro de Convergência elaborado pelo pesquisador: 1 – Atitude Socioambiental; 2 – Capacitação Docente; 3 – Coletividade; 4 – Conservação/Preservação; 5 – Dificuldades; 6 – Consumo Responsável/Reciclagem; 7 – Educação; 8 – Interdisciplinaridade; 9 – Políticas Educacionais; 10 – Reflexão Pedagógica; 11 – Mudanças pedagógicas; 12 – Identidade Ecológica.

Quadro 23 – Continuação.

ASSERÇÕES DOS SUJEITOS	CONFLUÊNCIAS TEMÁTICAS											
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
15 – Um agente de transformação, preservação, construir cidadãos conscientes, sabendo dos seus direitos e deveres. (S3=Borboleta)			X	X							X	
16 – Respeitar cada educando no seu jeito de ser e estar. (S3=Borboleta)										X	X	
17 – Eu tenho que avaliar o meu trabalho. (S3=Borboleta)										X		
18 – É necessário curso de capacitação e outros. (S3=Borboleta)		X										
19 – O professor um sujeito que deve dar o exemplo de um ideal ecológico. (S3=Borboleta)										X	X	X
20 – Aulas motivadoras com recursos áudio-visuais, convites aos acadêmicos das UEMS para debates a temática ambiental. (S3=Borboleta)											X	
21 – A união, pensando, criando e realizando trabalhos com o mesmo objetivo. (S4=Tucano I)			X							X		
22 – Preocupamos muito com o conteúdo e não temos tempo para criar o sujeito ecológico. (S4=Tucano I)					X							
23 – A falta de interesse de quem poderia nos auxiliar (poder público, diretores). (S4=Tucano I)					X			X				
24 – Despertar nos alunos a consciência de conservação ecológica e a prática interdisciplinar. (S4=Tucano I)				X				X				
25 – Divergência de opiniões de como devemos agir diante de vários problemas ambientais. (S4=Tucano I)					X							
26 - O principal é a Educação e em práticas pedagógicas a interdisciplinaridade, reinventar o ser para o ambiente Pantaneiro. (S4=Tucano I)								X		X	X	
27 – Interagir com os colegas de trabalho no sentido de fortalecer a equipe. (S5=Tucano II)			X									
28 – Sensibilizar e conscientizar meus alunos para a prática da Educação Ambiental e respeito à natureza pantaneira como contar história, poesia e uso de fantoches. (S5=Tucano II)								X			X	
29 – Tenho dificuldade de ser um professor com conhecimento interdisciplinar. (S5=Tucano II)					X							
30 – A minha prática pedagógica vem ocorrendo mudanças. (S6=Tucano III)											X	
31 – Cursos que me oferecem inovar nas aulas. (S6=Tucano III)		X									X	
32 – Trabalho oralmente, no concreto sobre o meio ambiente. (S6=Tucano III)											X	
33 – Somos os representantes do planeta na busca do sujeito ecológico. (S6=Tucano III)										X		
34 - Devemos em sala de aula usar a interdisciplinaridade para o ambiente da cidade e do Pantanal. (S6=Tucano III)								X			X	
35 – O professor é indispensável na formação do aluno. (S7=Tucano IV)							X					

Quadro de Convergência elaborado pelo pesquisador: 1 – Atitude Socioambiental; 2 – Capacitação Docente; 3 – Coletividade; 4 – Conservação/Preservação; 5 – Dificuldades; 6 – Consumo Responsável/Reciclagem; 7 – Educação; 8 – Interdisciplinaridade; 9 – Políticas Educacionais; 10 – Reflexão Pedagógica; 11 – Mudanças pedagógicas; 12 – Identidade Ecológica.

Quadro 23 – Continuação.

ASSERÇÕES DOS SUJEITOS	CONFLUÊNCIAS TEMÁTICAS											
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
36 – Sair da teoria, e agir em volta do espaço que se insere o professor e o aluno para transformar o ambiente. (S7=Tucano IV)							X				X	
37 – A colaboração para manter o ambiente limpo. (S7=Tucano IV)	X			X								
38 - Resgatando o consciente coletivo. (S7 – Tucano IV)			X								X	
39 – Me questiono muito como estou construindo para melhorar a vida de meus alunos no ponto ambiental. (S8=Jacaré)										X		
40 – Há uma barreira difícil de ser quebrada. (S8=Jacaré)					X							
41 – Os pensamentos ecológicos estão etiquetados como reciclar e plantar árvores. (S8=Jacaré)										X	X	
42 – Ser um bom exemplo. (S8=Jacaré)											X	
43 – Preciso renovar, renascer, criar, inovar, praticar um conhecimento interdisciplinar. (S8=Jacaré)								X		X	X	
44 – O mais importante é o contato com o Meio Ambiente e não somente sala de aula. (S8=Jacaré)											X	
45 - Eu não busco convencer o aluno, o aluno deve se convencer, se inserir naquele contexto, ambiente. (S8=Jacaré)										X		
46 - Às vezes me questiono. (S9=Onça Pintada)										X		
47 – Ainda não consigo a prática pedagógica interdisciplinar como realmente teria que ser. (S9=Onça Pintada)					X			X		X		
48 – As dificuldades para essas práticas são imensas e muitas vezes somos barrados por nossos superiores que dificultam todo o processo. (S9=Onça Pintada)					X				X			
49 – Não há interesse coletivo por parte dos colegas para que possamos desenvolver o todo de forma interdisciplinar um projeto coletivo. (S9=Onça Pintada)			X		X			X				
50 – De forma significativa fazer com que todo o ser compreenda e haja de forma harmônica e consciente. (S9=Onça Pintada)	X										X	
51 – Buscar uma prática mais efetiva, ação para despertar esse eu ecológico em meus alunos. (S9=Onça Pintada)											X	X
52 - Creio que eu não tenho um eu ecológico bem preservado, mas “poluído” pelos “vícios” humanos. (S9=Onça Pintada)												X
53 - Trabalhar de forma interdisciplinar, em união com outros colegas para tentar despertar o sujeito ecológico em mim e em meus alunos. (S10=Ipê Rosa)			X						X	X	X	X

Quadro de Convergência elaborado pelo pesquisador: 1 – Atitude Socioambiental; 2 – Capacitação Docente; 3 – Coletividade; 4 – Conservação/Preservação; 5 – Dificuldades; 6 – Consumo Responsável/Reciclagem; 7 – Educação; 8 – Interdisciplinaridade; 9 – Políticas Educacionais; 10 – Reflexão Pedagógica; 11 – Mudanças pedagógicas; 12 – Identidade Ecológica.

Quadro 23 – Continuação.

ASSERÇÕES DOS SUJEITOS	CONFLUÊNCIAS TEMÁTICAS											
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
54 - É necessário despertar a consciência. (S10=Ipê Rosa)			X							X		
55 - Discutir esses temas com os alunos trabalhando a realidade a vivência dos mesmos. (S10=Ipê Rosa)										X	X	
56 - Vencer minhas limitações em sala de aula, assim como posso propiciar aos meus alunos a vencerem as deles. (S10=Ipê Rosa)					X						X	
57 - Ensinar muito mais do que apenas a minha disciplina. (S10=Ipê Rosa)										X		X

Quadro de Convergência elaborado pelo pesquisador: 1 – Atitude Socioambiental; 2 – Capacitação Docente; 3 – Coletividade; 4 – Conservação/Preservação; 5 – Dificuldades; 6 – Consumo Responsável/Reciclagem; 7 – Educação; 8 – Interdisciplinaridade; 9 – Políticas Educacionais; 10 – Reflexão Pedagógica; 11 – Mudanças pedagógicas; 12 – Identidade Ecológica

3.7 CATEGORIAS ABERTAS DOS PSEUDÔNIMOS E A BIOFILIA PANTANEIRA

No Quadro 24 são apresentadas as Categorias Abertas referentes às relações biofílicas dos professores quanto à flora e a fauna do Pantanal. Para a elaboração das Categorias Abertas, ocorreu um movimento em dois patamares de convergências, isto é, do discurso dos professores em Unidades de Significados para as Confluências Temáticas e destas para as Categorias Abertas.

Quadro 24 - Confluências Temáticas e Categorias Abertas relacionados aos pseudônimos e a relação Topofílica com a Flora e Fauna Pantaneira

UNIDADES DE SIGNIFICADO	CONFLUÊNCIAS TEMÁTICAS	CATEGORIA ABERTA
S1-US ₁ ; S1-US ₂ ; S2-US ₁ ; S2-US ₃ ; S2-US ₄ ; S3-US ₁ ; S3-US ₂ ; S3-US ₃ ; S3-US ₄ ; S4-US ₁ ; S4-US ₂ ; S6-US ₁ ; S6-US ₂ ; S7-US ₁ ; S9-US ₁ ; S9-US ₂ ; S10-US ₁ ; S10-US ₃ ; S10-US ₅	5 - Percepção topofílica	I - A Fauna e Flora e a percepção imaginária do professor
S2-US ₅ ; S8-US ₃ ; S8-US ₄ ; S8-US ₅ ; S8-US ₆	6 - Identidade	
S1-US ₁ ; S2-US ₁ ; S3-US ₁ ; S4-US ₁ ; S5-US ₁ ; S5-US ₂ ; S5-US ₃ ; S5-US ₄ ; S6-US ₁ ; S7-US ₂ ; S8-US ₁ ; S8-US ₂ ; S10-US ₂	1 - Expressão Fenotípica e Fisiológica	II - Morfologia e Fisiologia da Flora e Fauna Pantaneira
S1-US ₁ ; S1-US ₂ ; S3-US ₁ ; S5-US ₂ ; S5-US ₃ ; S5-US ₅ ; S7-US ₃ ; S8-US ₁ ; S8-US ₂ ; S9-US ₂	2 - Comportamento no Habitat	III - Comportamento da Fauna no Habitat e na área urbana
S4-US ₃ ; S5-US ₅	3 - Comportamento na área urbana	
S2-US ₂ ; S7-US ₃ ; S8-US ₁ ; S9-US ₃ ; S10-US ₂	4 - Distribuição Geográfica	
S5-US ₅ ; S9-US ₃ ; S10-US ₄	7 - Problemas socioambientais	IV - Depredação socioambiental no Pantanal

Durante o processo da ação no movimento da leitura foram obtidos quatro Categorias Abertas: I - A Flora e Fauna pantaneira e a percepção imaginária do professor; II - Morfologia e Fisiologia da Flora e Fauna Pantaneira; III - Comportamento da Fauna no Habitat e na área urbana; IV - Depredação Socioambiental no Pantanal.

3.8 CATEGORIAS ABERTAS RELACIONADAS AOS SÍMBOLOS – CEBOLA, MÁSCARAS E MANDALAS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

As Categorias Abertas com ênfases nos símbolos criados permitiram relacionar as práticas pedagógicas da formação ecológica dos professores (Quadro 25).

Quadro 25 - Categorias Abertas relacionados aos símbolos: cebola, máscara e mandala e a prática pedagógica em ênfase de sujeito ecológico.

UNIDADES DE SIGNIFICADO	CONFLUÊNCIAS TEMÁTICAS	CATEGORIA ABERTA
S2-US ₈ ; S3-US ₁ ; S4-US ₆ ; S5-US ₂ ; S7-US ₁ ; S7-US ₂	→ 7 - Educação e Educação Ambiental	I - Educação e Educação Ambiental na escola
S1-US ₃ ; S2-US ₄ ; S4-US ₄ ; S6-US ₅ ; S8-US ₅ ; S9-US ₂ ; S9-US ₄ ; S10-US ₁	→ 8 - Interdisciplinaridade	
S4-US ₃ ; S9-US ₃	→ 9 - Políticas Educacionais	
S3-US ₅ ; S6-US ₂	→ 2 - Capacitação	II - As práticas pedagógicas de formação ecológica
S1-US ₅ ; S2-US ₈ ; S3-US ₄ ; S4-US ₁ ; S4-US ₆ ; S6-US ₄ ; S8-US ₁ ; S8-US ₅ ; S9-US ₁ ; S9-US ₂ ; S10-US ₁ ; S10-US ₂ ; S10-US ₃	→ 10 - Reflexão Pedagógica	
S1-US ₂ ; S2-US ₁ ; S2-US ₂ ; S2-US ₃ ; S2-US ₅ ; S2-US ₇ ; S3-US ₂ ; S3-US ₃ ; S3-US ₆ ; S3-US ₇ ; S4-US ₆ ; S5-US ₂ ; S6-US ₁ ; S6-US ₂ ; S6-US ₃ ; S7-US ₂ ; S7-US ₄ ; S8-US ₃ ; S8-US ₄ ; S8-US ₅ ; S8-US ₆ ; S9-US ₅ ; S9-US ₆ ; S10-US ₅	→ 11 - Práticas Pedagógicas	
S1-US ₅ ; S2-US ₄ ; S3-US ₁ ; S4-US ₂ ; S4-US ₃ ; S5-US ₁ ; S5-US ₃ ; S8-US ₂ ; S9-US ₂ ; S9-US ₃ ; S9-US ₄ ; S9-US ₇ ; S10-US ₄	→ 5 - Dificuldades	

Quadro 25 – Continuação.

UNIDADES DE SIGNIFICADO	CONFLUÊNCIAS TEMÁTICAS	CATEGORIA ABERTA
S1-US ₄ ; S2-US ₆ ; S2-US ₇ ; S7-US ₃ ; S9-US ₅	→ 1 - Atitude Socioambiental	III - Indicações de cidadania ambiental no ambiente escolar
S1-US ₁ ; S3-US ₂ ; S4-US ₁ ; S5-US ₁ ; S7-US ₄ ; S9-US ₄ ; S10-US ₂	→ 3 - Coletividade	
S1-US ₄ ; S2-US ₇	→ 6 - Consumo responsável	
S1-US ₄ ; S2-US ₆ ; S3-US ₂ ; S4-US ₄ ; S7-US ₃	→ 4 - Conservação/Preservação	
S4-US ₆ ; S5-US ₂ ; S6-US ₅ ; S9-US ₇	→ 12 - Identidade ecológica	

As Categorias Abertas surgidas do movimento entre as Unidades de Significado e as Confluências Temáticas foram: I – Educação e Educação Ambiental na escola; II – As práticas pedagógicas de formação ecológica; III – Indicações de cidadania ambiental no ambiente escolar.



Figura 16 - Mandala V - Da semente, a sementeira, da flor ao fruto - a Hermenêutica: Educação Ambiental uma semente alada.

[...] hermenêutica é o trabalho de pensamento que consiste em decifrar o sentido escondido no sentido aparente, em desdobrar os níveis de significação literal; mantendo assim a referencia inicial à exegese, isto é, à interpretação dos sentidos escondidos. Símbolo e interpretação tornam-se assim conceitos correlativos, há interpretação onde existe sentido múltiplo, e é na interpretação que a pluralidade dos sentidos é tornada manifesta (TAINO, 2008 p. 20).



4 UMA INTERPRETAÇÃO DOS PROFESSORES E SUAS AÇÕES PEDAGÓGICAS: DA SEMENTE À SEMEADURA, DA FLOR AO FRUTO

4.1 O FENÔMENO DESVELADO E A SUA INTERPRETAÇÃO

A hermenêutica é o ato da compreensão do sentido dos discursos que possibilita a um fenômeno sair de seu esconderijo para a interpretação. A compreensão se dá pelo movimento da transcendência e a experiência é um vínculo necessário para a compreensão do fenômeno que se desvela. (RICOEUR, 1990).

A linguagem, as metáforas, os mitos e o símbolo são recursos fundamentais à compreensão do sujeito ser-aí. A busca do sentido pela via da interpretação da linguagem promove a hermenêutica, a dialética da desmistificação e da restauração do sentido. (FRANCO, 1995, p. 98).

O símbolo não pertence somente ao domínio da linguagem, possui um suporte extralinguístico. É, na verdade, uma expressão de algo fundamental para o ser humano que sobrevive ao tempo e possui uma base antropológica. O símbolo é enigmático em si, pois tem dupla ou múltipla intencionalidade na cultura e, por vez, na apresentação estimula os campos da imaginação e promove também uma interpretação para superar as ilusões.

Nos diferentes momentos do percurso da pesquisa buscou-se desvelar os fenômenos da relação biofílica e topofílica dos professores com os elementos da flora e fauna pantaneira e a relação de símbolos ecológicos com as práticas pedagógicas, com ênfase no sujeito ecológico. Para tanto, duas questões ajudaram a direcionar o estudo:

- Qual é a relação do pseudônimo escolhido com a sua pessoa?
- Quais são as relações dos símbolos evidenciados com sua prática pedagógica, com ênfase de sujeito ecológico?

Uma síntese da relação biofílica das imagens da fauna e flora pantaneira com o pseudônimo do professor, quanto à percepção que possuem de si com relação a esse ambiente, é fornecida no Quadro 26. As relações dos símbolos cebola, máscara e mandalas que enunciam as compreensões das práticas pedagógicas em Educação Ambiental dos professores são dadas no Quadro 27.

Quadro 26 - Confluências Temáticas e Categorias Abertas e a relação Biofílica da Fauna e Flora Pantaneira aos pseudônimos.

CONFLUÊNCIAS TEMÁTICAS	CATEGORIAS ABERTAS
5 - Percepção Topofilica; 6 - Identidade;	I - A FLORA E FAUNA PANTANEIRA E A PERCEPÇÃO IMAGINÁRIA DO PROFESSOR
1 - Fenótipo e Fisiologia;	II - MORFOLOGIA E FISIOLOGIA DA FLORA E FAUNA PANTANEIRA
2 - Comportamento no Habitat; 3 - Comportamento na área urbana; 4 - Distribuição Geográfica;	III - COMPORTAMENTO DA FAUNA NO HABITAT E NA ÁREA URBANA
7 - Problemas socioambientais;	IV - DEPREDÇÃO SOCIO AMBIENTAL NO PANTANAL

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Os discursos foram analisados buscando a hermenêutica. O mundo da hermenêutica é o da cultura e seu esforço problemático é a articulação entre o acontecimento e a significação, pois “[...] o discurso se concretiza como acontecimento, porém todo discurso se compreende como sentido” (GARRIDO, 1994 p. 88).

Quadro 27 - Confluências Temáticas e Categorias Abertas correlacionados aos símbolos: cebola, máscara e mandala e as práticas pedagógicas com ênfase de sujeito Ecológico.

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

CONFLUÊNCIAS TEMÁTICAS	CATEGORIAS ABERTAS
7 - Educação e Educação Ambiental 8 - Interdisciplinaridade; 9 - Políticas Educacionais	I - EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA
2 - Capacitação Docente; 5 - Dificuldades; 10 - Reflexão Pedagógica; 11 - Práticas Pedagógicas	II - AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE FORMAÇÃO ECOLÓGICA
1 - Atitude Socioambiental; 3 - Coletividade; 4 - Conservação/Preservação; 6 - Consumo Responsável/Reciclagem; 12 - Identidade Ecológica	III - INDICAÇÕES DE CIDADANIA AMBIENTAL NO AMBIENTE ESCOLAR

4.2 A FAUNA E A FLORA E A PERCEPÇÃO IMAGINÁRIA DO PROFESSOR

Estimular a percepção ambiental, o re-encantamento ecológico afetivo, varia de sujeito para sujeito e é um processo cultural ecológico existente no ser-aí. Quando estimulado, promove os lampejos da realidade e desencadeia respostas associadas à emoção e ansiedade, valoração ambiental que reativa a memória e a relação com o ambiente. (TUAN, 1980).

Ao ocultarem as identidades por meio de pseudônimos selecionados às imagens da flora e fauna do Pantanal, os professores associaram significâncias conceptivas dos elementos vivos, promovendo o sagrado e estimulando o prazer perceptivo do corpo-espírito diante do objeto-imagem (Figura 17).

Para Postic (1993, p. 13) “o ato de estimular a imaginação é evocar seres e colocarmos em determinadas situações, faz-se viver como se quer”. No cotidiano da vida, imaginar é uma atividade paralela à ação que o ser humano exerce e está ligada a realidade. A imaginação é um processo e o imaginário é o seu produto.

A imaginação, para a fenomenologia, adquire o estatuto de uma consciência, como uma forma de conhecimento aliada à percepção, pois “[...] não é um ato desencarnado, descentrado do sujeito ‘eu’, no tempo-espaço, um ser-aí presente, e sempre naquilo que imagino”. (CASTRO, 2002, p. 37).

A percepção imaginária com os elementos específicos da fauna e flora pantaneiras pode demonstrar um atrativo cósmico e poético aos elementos bióticos do Pantanal. Tuan (1980) ressalta que os elementos da natureza possuem um sentido especial, que podem promover sensações perceptivas de um corpo que pensa.

A biofilia e a topofilia não são as emoções humanas mais fortes, mas uma percepção associada à subjetividade humana, à afetividade do ser-aí, à enunciação do sujeito com o lugar. A percepção ambiental é um veículo de acontecimento emocionalmente forte e/ou percebido como símbolo. (TUAN, 1980). Essa relação perceptiva ambiental foi notória com relação aos elementos da Fauna e Flora Pantaneiras.

Destacando a fauna, a escolha do pseudônimo Peixe Dourado (*Salminus brasiliensis*), deveu-se a uma imaginação relacionada à beleza e à agilidade do animal. Subentendeu-se que essa percepção imaginária relacionou-se ao vislumbre de sua agilidade e beleza no rio no



Figura 17 – Resultado da psicodinâmica na apresentação do pseudônimo (Acervo do Pesquisador).

momento de sua pesca, pois o dourado é conhecido como um dos peixes que fornecem maior emoção na briga pela sua captura.

Se dá por meio da agilidade, o colorido de suas escamas (S1=Peixe-Dourado).

Gosto de saboreá-lo, mas não de pescar, só vislumbrar sua beleza (S1=Peixe-Dourado).

Vale ressaltar que a pesca é a mais primitiva relação interativa do ser humano com a natureza. O ato da pescaria é considerado um lazer que provoca o prazer no sujeito. (SILVA, 2005).

O tucano (*Ramphastos toco*) destacou-se no grupo por ter sido escolhido por quatro professores. No ato da enunciação do corpo que viu e sentiu, sob a promoção da subjetividade humana, percebeu-se uma valoração quanto ao colorido da ave e à sua alegria e liberdade aparente (Figura 18).

Segundo Castro (2002, p. 68-69) “não há ação sem imaginação”, pois é no imaginário que “eu experimento o meu poder de fazer, que eu tomo a medida do que eu posso”. É graças à imaginação que o sujeito querente pode decidir e projetar uma ação futura melhor.



Figura 18 – Imagem escolhida pelos professores como pseudônimo: tucano (*Ramphastos toco*). Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/admiriam/3295339322/>>. Acesso em: 20 mar 2010

O tucano representa liberdade, cores fortes e alegria (S4=Tucano I).

O ato do discurso do sujeito é enunciação, a presentificação de um corpo, o sujeito em si mesmo. Nesse ato enunciador de si permeia a ação-reflexão do pensamento do sujeito, sendo necessário estender a um exame mais amplo da ação. O “eu” é um indicador que se aplica a diferentes locutores e em diferentes casos de um sujeito, pois o mesmo é um “[...] ser em processo, possuindo por direito a problemática da individualidade”. (PELLAUER, 2009, p. 131).

As pessoas são únicas nos seus particulares básicos, no comportamento quanto a predicados mentais e físicos, portanto, não há um dualismo entre corpo-mente. O sujeito é dependente da ação, um ser capaz de reconhecer-se como sujeito de seus atos.

Entre os elementos da fauna também se destacou a presença do jacaré (*Caiman crocodilus yacare*). A imagem estimulou uma avaliação, um juízo comportamental de si. Essa ação perceptiva promoveu uma identificação de comportamento humano quanto à persuasão em um determinado ambiente e na ação social.

Eu me sinto várias vezes uma pessoa persuasiva (S8=Jacaré).

Sempre agindo “superiormente” devido as minhas próprias decisões (S8=Jacaré).

A identificação, continuidade do caráter, estabelece em cada caso um substrato, uma substância adjacente que não muda e preserva a ideia. É uma permanência possível de ser aplicada à individualidade no tempo. Para tanto, o caráter é um “conjunto de marcas distintas que permitem à re-identificação de um indivíduo como sendo o mesmo”. (PELLAUER, 2009, p. 134-5).

A onça-pintada (*Panthera onca*) foi enunciada devido ao comportamento do animal no ambiente pantaneiro. A onça é um felídeo temido, ágil, forte e possui uma estratégia peculiar durante a caça para a alimentação. O comportamento do animal em seu habitat motiva o desejo de valores relacionados ao poder, estética, coragem e charme.

Gostaria de me considerar como tal (S9=Onça Pintada).

Com características de: poderosa, charmosa, imponente, destemida e corajosa (S9=Onça Pintada).

A escolha da imagem da borboleta na crisálida relatou um comparativo quanto à transformação e o comportamento do inseto no vôo, destacando a liberdade, uma sensação encantadora ao corpo que vê, percebe e imagina, enfatizando ainda a tranquilidade e as cores.

A borboleta é transformação na primavera, nascendo da crisálida e após voando, dá a sensação de liberdade, tranquilidade e cores (S3=Borboleta).

Na categoria flora, houve a escolha da orquídea (*Cattleya nobillioi*), em um comparativo de sua beleza com o ser-aí complexo e único. O ser-aí com seu comportamento social promove a individualidade do ser sujeito a uma identidade comportamental no tempo-espaço, enfatizando o desejo de enunciar-se esteticamente e graciosamente (Figura 19).

A orquídea é uma flor de beleza indescritível, misteriosa e única (S2=Orquídea).

É assim que eu gosto de me sentir (S2=Orquídea).

Postic (1993) salienta que a imaginação re-apresenta o presente à consciência como objeto da necessidade e que consciencializa o ser e o transforma em ação, transformando-o em saber. A imaginação é o limite entre o domínio prático e teórico da consciência. O ato de imaginar volta à fonte de si-mesmo, evade-se, baliza o itinerário perceptivo para propor uma amarração no universo.

Para Tuan (1980) a experiência estética valorativa junto à natureza pode ser sentida em

um contato repentino junto ao ambiente, expressando uma realidade ambiental até então desconhecida ao ser-aí. É uma antítese da nova percepção da paisagem com o sentimento afetivo-reflexivo de lugares que se conhece bem. A reflexão cogno-afetivo de valoração ambiental remete ao desejo de convívio e imaginação cósmica, um privilégio evocativo de um reencontro na percepção individual ativo-reflexiva de cada indivíduo.

No campo da imaginação, o ipê-rosa (*Tabebuia avellanae*) destacou-se como símbolo da linguagem poética, transformando e promovendo uma reabsorção real do passado no irreal figurado do sujeito no presente. Destarte, é um passado estimulado pela lembrança. (PELLAUER, 2009).

Trás a mim a memória dos tempos de infância (S10=Ipê Rosa).

Há uma diferenciação entre a percepção, imaginação e memória. O objeto visado pela memória faz parte da história do ser, como um passado na temporalidade. A lembrança vem involuntariamente ativar uma recordação, presentificando um passado no presente do sujeito. Na temporalidade, a capacidade humana de se lembrar são promoções de eventos do pensamento. A memória é individual, tão importante e ligada à interioridade que se associa a individualidade e à experiência pessoal.

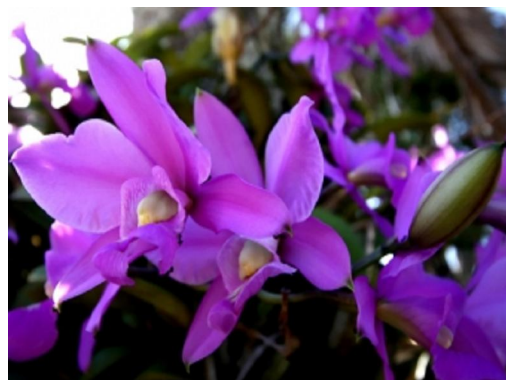


Figura 19 – Imagem escolhida pelo professor como pseudônimo: orquídea (*Cattleya nobillior*). Disponível em: <<http://rmtonline.globo.com/noticias.asp?em=3&p=2&n=501294>>. Acesso em: 20 mar. 2010.

4.3 CONHECIMENTOS SOBRE A MORFOLOGIA E FISIOLOGIA DA FAUNA E FLORA PANTANEIRA

As relações expressas entre a fisiologia (o funcionamento dos diferentes órgãos e a observação do comportamento animal no ambiente) e a morfologia (a forma ou o fenótipo) dos seres vivos pelos professores, mostrou suas afinidades e intimidades perceptivas topofílicas com o ambiente pantaneiro, denotando uma inserção do sujeito ser-ai com relação às imagens apresentadas da fauna e flora do Pantanal.



Figura 20 – Imagem escolhida pelo professor como pseudônimo: peixe dourado (*Salminus brasiliensis*).

Disponível em: <http://ideeundwerk.at/_lccms/_00105/peixe-dourado&page=4>.

Acesso em: 20 mar. 2010.

Entre a fauna observou-se a enunciação da beleza do colorido da escama e da agilidade do dourado (*Salminus brasiliensis*) (Figura 20).

Se dá por meio da agilidade, o colorido de suas escamas (S1=Peixe-Dourado).

O peixe dourado pode chegar a mais de um metro de comprimento e vinte e cinco kg. É o maior peixe de escama da bacia do Prata. Em vida, as nadadeiras possuem um colorido amarelo dourado com presença de tonalidade laranja. (BRITSKI, 2007). No período de chuvas, a espécie realiza uma ampla e vigorosa migração reprodutiva.

O jacaré (*Caiman crocodilus jacaré*) foi admirado por ser um animal voraz, imponente. É também chamado de jacaré-piranha, pois com a boca fechada deixa ver muitos de seus dentes. O animal possui uma coloração bastante variada, particularidade no dorso, com tom escuro, e na região caudal, com faixas transversais amarelas.

Este animal é imponente no meio onde vive, sendo geralmente no topo da cadeia alimentar (S8=Jacaré).

O tucano (*Ramphastos toco*) foi enunciado principalmente por sua beleza. A ave é a maior espécie encontrada nas florestas tropicais e possui uma plumagem de cor preta, com garganta e uropígio branco, coberteiras supra-caudais e crisso vermelho (faixa estreita de plumagem da parte inferior da cauda). No entorno dos olhos possui uma pele nua com tom de laranja e anel ocular azul. (GWYNNE, 2011).

É um animal que tem um bico lindo, mas que lhe dá muito trabalho para comer (S5=Tucano II).

Apesar de sua beleza, uma falsa introspecção causou um equívoco quanto ao uso de seu bico. O bico não atrapalha a ave para se alimentar e nem para dormir, pois ao curvar a cabeça o bico pode ser depositado no dorso.

Alguns tucanos machos são particularmente bicudos. O bico é formado por uma estrutura óssea não maciça, aerada e possui tons de amarelo e laranja com uma marca preta na ponta da maxila. O som peculiar que a ave emite é um resmungo com um tom grave, um chamado dado em curta série de tempo.

Emite um barulho peculiar, um som grosso (S5=Tucano II).

A borboleta é um inseto que apresenta metamorfose completa (*holometabólica*) e põe ovos (ovípara). Dos ovos eclodem as larvas e, na fase de lagarta, a alimentação é voraz, para criação de uma reserva alimentícia a ser usada na metamorfose.

A borboleta é transformação na primavera, nascendo da crisálida e após voando, dá a sensação de liberdade, tranquilidade e cores (S3=Borboleta).



Figura 21 – Imagem escolhida pelo professor como pseudônimo: Borboleta na crisálida (*Lepidópteros*). Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/_nqgurQYu44Q/TLDEuFrbRcI/AAAAAAAAA7w/vPLjIA3Tpmw/s320/borboleta1.jpg>. Acesso em: 20 mar. 2010

A primeira metamorfose ocorre quando a larva está pronta para virar crisálida (Figura 22), o primeiro estado intermediário para se transformar em borboleta; o ciclo de vida dura aproximadamente duas a três semanas. O metabolismo da borboleta está ligado ao tipo de vegetação, e a diversidade e composição da espécie mudam sob condições antrópicas. (QUADROS, 2009, p. 19).

A maioria das espécies de borboletas é alada, de hábitos terrestres, inofensiva e dotada de cores que a tornam um dos mais belos ornamentos da natureza. Por serem sensíveis a distúrbios antrópicos são consideradas como um indicador de qualidade ambiental.

Quanto à flora, a orquídea (*Cattleya nobillior*) pertence a um grupo de plantas que compõe a família Orchidaceae, da ordem Asparagales. As orquídeas são na maioria dos casos

plantas epífitas, isto é, vivem sobre outras plantas utilizando-as apenas como suporte, sem se nutrirem delas. Essa planta possui um grande valor ornamental e econômico, principalmente por terem flores vistosas.

A orquídea é uma flor de beleza indescritível, misteriosa e única (S2=Orquídea).

Esse grupo de plantas encontra-se distribuído em vários ecossistemas brasileiros, mas, no Pantanal, aparecem com maior intensidade e diversidade. Alguns autores a consideram como a maior de todas as famílias botânicas, com uma estimativa de 25.000 a 40.000 espécies viventes. A orquídea, graças à beleza exótica de suas flores, apresenta um elevado valor como planta ornamental. No Brasil, são conhecidas aproximadamente 2.350 espécies pertencentes a 203 gêneros. (VENTURA, 2007).

O ipê-rosa (*Tabebuia avellanedae*) caracterizou-se pela sazonalidade, possuindo época de floração entre julho a agosto, e por ocorrer em regiões ecotonais. (ODUM; BARRETT, 2007), como acontece com a região peripantaneira da cidade de Coxim, que divide os biomas cerrado, no planalto, e o pantanal, na planície sulmatogrossense.

Nas serras pantaneiras, a florada dos ipês no mês de julho e agosto, suas cores, roxo e amarelo (S10=Ipê Rosa).

Apesar da ampla distribuição do ipê-roxo há uma diminuição preocupante do número de indivíduos encontrados em áreas de ocorrência natural, decorrente do seu corte, devido ao alto valor econômico, e da extração de produtos foliares. (HARRI, 1998).

4.4 COMPORTAMENTO DA FAUNA NO HABITAT NATURAL E NA ÁREA URBANA

O Pantanal possui a maior área úmida do planeta, distribuindo-se entre os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e em parte da Bolívia e Paraguai. Apesar de sua beleza e status de conservação, ele sofre com a pressão da pesca, as atividades pecuárias, o assoreamento e o fechamento de seus canais defluentes. (AZEVEDO; MONTEIRO, 2010).

Dentro do grupo estudado apenas um dos professores afirmou conhecer o pantanal. Os demais apenas o conhecem através da mídia. A conhecida pressão antrópica da pesca sobre os peixes, amplamente divulgada na região, pode ser sentida no discurso referente ao dourado (*Salminus brasiliensis*).

A fragilidade no ecossistema aquático e sua liberdade (S1=Peixe-Dourado).

No Pantanal, um complexo funcionamento confere liberdade e fragilidade aparente aos seres vivos. Durante o período reprodutivo, o agrupamento dos indivíduos para realização da migração da planície pantaneira até a região de planalto da bacia do alto Taquari, passando pela cidade de Coxim, tornam os grandes cardumes mais vulneráveis à pesca ilegal.

O jacaré (*Caiman crocodilus yacaré*) habita a parte central da América do Sul, incluindo o norte da Argentina, sul da Bolívia e Centro-Oeste do Brasil, especialmente no Pantanal e rios do Paraguai.

O jacaré do meu ponto de vista é um animal muito voraz do Pantanal (S8=Jacaré).

Esta espécie carnívora destaca-se na cadeia alimentar por regular a quantidade de piranhas no ambiente e apresentar uma dieta generalista, alimentando-se de uma grande variedade de animais mortos ou vivos para atender as necessidades nutritivas. (SANTOS, 1997).

O jacaré tem uma dieta alimentar que engloba peixes e outros animais vertebrados. Durante a digestão, as partes indigeríveis do peixe são regurgitadas pelos jacarés e as partes digeríveis são incorporadas ou defecadas em forma de peletes. Segundo Silva et al. (2006) as fezes são depositados na água e no solo, em locais onde os animais repousam para tomar sol, principalmente durante a vazante e a seca. Com o início das enchentes, o estoque de peletes é diluído na água, aumentando a concentração de nutrientes nos rios (Figura 22)

A temperatura exerce grande influência sobre a atividade alimentar do jacaré, afetando sua taxa de crescimento e a digestão dos alimentos. Seu maior apetite ocorre em temperaturas altas, ao redor de 30° C, enquanto que em temperaturas baixas, menor que 20°C, o seu apetite é reduzido. (SANTOS, 1994).

Os filhotes consomem principalmente insetos e, após um determinado tamanho, começam a consumir mais crustáceos e moluscos. Finalmente, na fase adulta, acabam ingerindo vertebrados. Estudos sobre a dieta do jacaré do Pantanal indicam que os itens consumidos diferem entre os ambientes.



Figura 22 – Imagem escolhida pelo professor como pseudônimo: Jacaré (*Caiman crocodilus yacaré*). Disponível em: <<http://www.portalsao francisco.com.br/alfa/meio-ambiente-pantanal/pantanal.php>>. Acesso em: 20 mar. 2010.

A onça-pintada (*Panthera onca*) também é bem conhecida no pantanal. Esse felídeo é vivente da América e foi nominado pelos índios como yaguaretê ou jaguetê (em tupi, iauara significa onça e etê verdadeira), canguçu (cabeça grande, em tupi), pinima (pintada, em tupi), pinima-malha-larga, pintada, pixuna (preta, em tupi) e preta. Ao homem europeu couberam as denominações de jaguar e tigre (Figura 23).

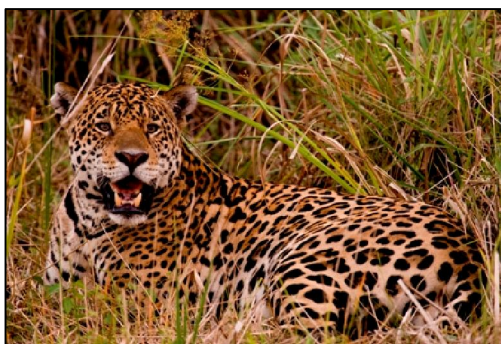


Figura 23 - Imagem escolhida pelo professor como pseudônimo: Onça Pintada (*Panthera onca*). Disponível em: <[http://www.jaguarinpantanal.com/NOTICIA-PANTANAL-9ONCA+PINTADA+NO+GLOBO+REPORTER+NESTA+PROXIMA+SEXTA+FEIRA+\(03+05+2008\).htm](http://www.jaguarinpantanal.com/NOTICIA-PANTANAL-9ONCA+PINTADA+NO+GLOBO+REPORTER+NESTA+PROXIMA+SEXTA+FEIRA+(03+05+2008).htm)>. Acesso em: 20 mar. 2010.

A distribuição da onça-pintada no pantanal não é homogênea, sendo que nas áreas de topografia mais altas a espécie é praticamente ausente. A onça depende de um grande território de caça e com o aumento dos desmatamentos a espécie corre risco de extinção.

Ela é um animal presente no Pantanal e encontra-se em extinção (S9=Onça pintada).

As áreas de maior densidade na floresta encontram-se no noroeste do Pantanal (em Mato Grosso) e na região de Cáceres e de Poconé até a divisa com o Mato Grosso do Sul, e na região de Miranda e Rio Negro. (RODRIGUES et al., 2002).

As características naturais do Pantanal são favoráveis à ocorrência de uma grande diversidade de fauna, notadamente de aves. A riqueza da avifauna torna a região uma das mais procuradas por cientistas e turistas. Embora seja conhecido que o tucano tenha presença natural no Pantanal, ele é comum na paisagem urbana devido ao desmatamento e a escassez de alimento durante a estiagem no Pantanal. (PIVATTO; CASTRO, 2007).

É uma ave que não incomoda ninguém e vive na região do Pantanal (S7=Tucano IV)

Hoje em dia sempre aparece um no meu quintal para comer caju, goiaba e mamão (S4=Tucano I).

Gosta de frutas, voa, vivem nas árvores, suas cores são muito atraentes, o contrastes do preto com o branco e a cor do bico (S5=Tucano II).

Os tucanos habitam desde áreas vegetacionais semi-abertas até áreas fechadas, onde a vegetação está organizada num mosaico com várias fitofisionomias. Os estudos de França et. al (2003) ressaltam os capões de mata e a mata ciliar como elementos conspícuos da paisagem pantaneira. Esta ave vive em topos de árvores alimentando-se de frutas, insetos e ovos e

filhotes de outras aves. O tucano se distribui desde as Guianas até o norte da Argentina. No Brasil, a ave encontra-se em várias regiões do Pantanal, Cerrado e Amazônia.

4.5 A DEPREDACÃO SOCIOAMBIENTAL NO PANTANAL

Apesar de o Pantanal ser considerado pela UNESCO como patrimônio natural da humanidade, ele está perdendo rapidamente suas características marcantes em decorrência da ocupação humana, desmatamentos e queimadas para formação e manutenção das pastagens. Estas alterações fazem com que alguns animais tenham a necessidade de buscar seu alimento em outros locais.

Com os desmatamentos ele sempre está saindo do seu habitat para encontrar o seu alimento (S5=Tucano).

Apesar dos grandes impactos causados pelo fogo, a presença desse elemento é anterior a presença do gado e do homem, e seus efeitos são controversos no Pantanal e variam com o tipo de vegetação. (POTT, 2007).

Mesmo entre as queimadas era possível notar o ipê florido (S10=Ipê Rosa).

A prática de queimadas é antiga e cultural. No bioma pantaneiro, o fogo interfere na diversidade de plantas, causando o aumento de plantas oportunistas como as gramíneas e a cerradização (o aumento de espécies com características de cerrado; essas plantas são adaptadas ao fogo, apresentando casca grossa e proteção dos propágulos vegetativos), (Figura 24).

Para a Onça-pintada os problemas com o desmatamento causam a diminuição de abrigos, a redução de suas presas naturais e a necessidade de se alimentar de animais domésticos, fazendo com que, muitas vezes, sejam perseguidas e mortas por fazendeiros ou peões de fazendas.

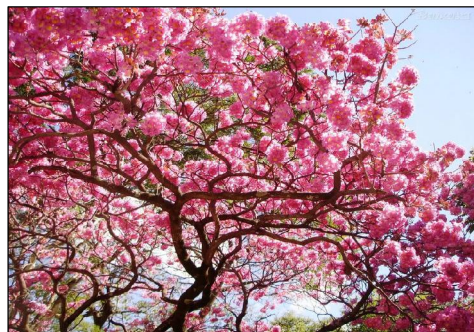


Figura 24 - Imagem escolhida pelo professor como pseudônimo: ipê-rosa (*Tabebuia avellanedae*). Disponível em: <<http://beleza-e-natureza.blogspot.com/2009/10/ipe-rosa.html>>. Acesso em: 20 mar. 2010.

Ela é um animal presente no Pantanal e encontra-se em extinção (S9=Onça Pintada).

Nesse bioma, o impacto da pecuária ocorre há mais de 200 anos e a savana gramínea é predominante e entrou em um novo equilíbrio. Infelizmente, a atividade pecuária não é só exercida nas áreas de pastagem nativa, a criação de gado tem se expandido nas últimas três décadas, ocupando e alterando áreas da vegetação arbórea original na região. Essa ação diminuiu os espaços ocupados pela fauna nativa. Além disso, a onça é um símbolo cultural de afronta do domínio humano sobre a natureza. (LEITE, 2000; RODRIGUES, 2008).

A reflexão de comportamento socioambiental ao ideário ecológico, a valorização e o cuidar da natureza, é permeada por uma interpretação de reflexão valorativa. (FRANCO, 1995, p. 77).

Temos que valorizar e cuidar da natureza (S3=Borboleta).

A reflexão só acontece quanto há certa superação de alienação de si, podendo recuperar o si pelos signos esparsos da cultura. A percepção e imaginação estimulada pela imagem do ipê-rosa estimulou a memória do pensamento dos movimentos socioambientais, reafirmando que o homem não pode modificar a sazonalidade ambiental.

E confirmar a frase de “Che Guevara”, “o homem é capaz de acabar com uma, duas ou mais rosas, mas não é capaz de acabar com a primavera”. (S10=Ipê Rosa)

Apesar do poder da restauração do equilíbrio temporal natural, que permeia a eclosão da vida em novas paisagens, vale ressaltar que estudos científicos têm alertado a sociedade para a necessidade de mudança do comportamento socioambiental humano devido à aceleração na alteração das condições climáticas.

4.6 EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA

A partir dos discursos estimulados por meio de símbolos criados pelos professores, as enunciações apresentaram a Educação como o percurso para a Educação Ambiental na escola, neste sentido, as dinâmicas de produção de símbolos e suas respectivas perspectivas simbólicas captaram a semelhança figurativa da realidade que se assemelha. As relações simbólicas instigam o ente falante, e o professor fazendo emergir o pensamento em reflexão-ação faz um juízo de prática de Educação Ambiental na escola. (CASTRO, 2002, p. 143).

A Educação Ambiental deve ser um processo permanente no qual os indivíduos e a sociedade devem tomar consciência da condição de seu ambiente para adquirirem

conhecimento, valores, habilidades e determinações, que os tornarão sujeitos aptos a agirem individual e coletivamente. Um dos meios para a efetivação da Educação Ambiental é a educação com práticas pedagógicas que reinventam o ser-aí, um sujeito para o ambiente pantaneiro.

O principal é a Educação e em práticas pedagógicas reinventar o ser para o ambiente Pantaneiro (S4=Tucano I).

Os professores e educandos, imbuídos da prática pedagógica em temática ambiental, devem promover um sentimento de pertencimento ao ambiente, que na temporalidade conduz a uma conjugação perfeita do corpo-mente com o ambiente, almejando um resultado de mudança local e global. (SÁ, 2005).

A educação é um dos cernes para a práxis da Educação Ambiental, embora para sua efetivação haja algumas dificuldades. Dentre elas, as barreiras que existem no próprio ambiente escolar e no sistema como um todo relacionado à Educação.

Dificuldades, barreiras que existe na educação (S3=Borboleta).

Entre as enunciações, a escola e o professor destacam-se como um *locus* e meio especial de formação, sendo importante a ação participativa de sensibilização e conscientização para a promoção de uma cultura ecológica do e no Pantanal.

O professor é indispensável na formação do aluno (S7=Tucano IV).

A escola deve contribuir nessa ação, sensibilizar e conscientizar para uma cultura ecológica do e no Pantanal (S2=Orquídea).

Para tanto, o professor em suas práticas pedagógicas deve sair da teoria e buscar a efetivação de práticas interativas intra e extramuros escolares, para transformar a sociedade onde o aluno se encontra inserido.

Sair da teoria e agir em volta do espaço que se insere o professor e o aluno para transformar o ambiente (S7= Tucano IV).

Segundo Rodrigues (2008, p. 57) a Educação Ambiental nasceu da interface das ciências naturais e sociais. Para sua efetivação, a prática educativa deve internalizar a interdisciplinaridade no âmbito escolar. Para isso, as atividades desenvolvidas no grupo de professores, em interface com a interdisciplinaridade, devem refletir sobre a prática que o

auxilia e o constitui de saberes e fazeres, em desenvolvimento pessoal e profissional. (MELLO; LUZ, 2011).

A interdisciplinaridade é defendida por vários autores como atividade crítica e abrangente da construção social. Esta prática é um estudo em conjunto, um conhecimento integrado, e não uma prática de saberes em justaposição simples, formando fragmentos de saberes ambientais e de pura racionalidade científica.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (MEC/BRASIL, 1998), as escolas devem se adequar às novas propostas curriculares e aos temas transversais. Contudo, alguns professores têm dificuldades para a efetivação de uma ação pedagógica interdisciplinar efetiva.

Ainda não consigo a prática pedagógica interdisciplinar como realmente teria que ser (S9=Onça Pintada).

Apesar dos professores terem dificuldade na prática interdisciplinar, eles apresentam o desejo de efetivar a sua ação. Essa intencionalidade é o que inicia a promoção do professor a uma nova postura pedagógica. Este é o momento de formação do juízo do valor de si dentro da vivência pedagógica. Para a efetivação da ação, o professor necessita superar os desafios que a prática interdisciplinar requer. O verbo em ação no corpo-encarnado ou na potencialidade do sujeito permite renovar, criar e inovar em ação e reflexão a promoção da virtude e força do grupo.

Novos conhecimentos interdisciplinares, romper obstáculos, superando os desafios (S2=Orquídea).

Preciso renovar, renascer, criar, inovar, praticar um conhecimento interdisciplinar (S8=Jacaré).

As dificuldades da prática interdisciplinar da Educação Ambiental no ambiente escolar também estão ligadas a fatores como as relações interpessoais, a falta de coletividade na ação e a elaboração de um projeto coletivo voltado à temática ambiental.

Não há interesse coletivo por parte dos colegas para que possamos desenvolver o todo de forma interdisciplinar um projeto coletivo (S9=Onça Pintada).

Trabalhar de forma interdisciplinar, em união com outros colegas para tentar despertar o sujeito ecológico em mim e em meus alunos (S10=Ipê Rosa).

As vivências de um saber interdisciplinar e as temáticas ambientais trabalhadas na escola exigem a reestruturação do currículo, dos valores, virtude e força dos professores quanto às práxis da Educação. A escola é um espaço em movimento, e reestruturar-se é inerente a condição humana e fundamental à prática docente. (FAZENDA, 1994a, 1999b; RODRIGUES, 2008).

A efetivação do *constructo* de um projeto interdisciplinar requer participação, colaboração e comunicação entre os atores. Essa ação coletiva é uma intervenção na construção de um espaço social. É necessário perceber no grupo “as forças e o poder do ser” como agente de mudança e a “virtude da força” em si mesmo. É repensando as concepções de Gusdorf que observamos que a “força do ser pode tornar-se mestre, pois, toma as situações e lhe dá um sentido”. Esse ato é a “externalização de uma visão de mundo” em ação que no caos aparente é holístico. (FAZENDA, 1999, p. 57).

No campo da Educação, a prática interdisciplinar deve promover a força e a virtude de um grupo, pensando, fazendo e superando o ensino livresco e fragmentado. (RODRIGUES, 2008). A Educação Ambiental com ênfase de sujeito ecológico e a interdisciplinaridade devem ser, para o ambiente, o local onde o corpo-ação se realiza.

Devemos em sala de aula usar a interdisciplinaridade para o ambiente da cidade e do Pantanal (S6=Tucano III).

Uma dificuldade que a Educação Ambiental enfrenta no contexto político escolar é a falta de fortalecimento de uma política educacional por parte dos dirigentes.

A falta de interesse de quem poderia nos auxiliar (poder público, diretores) (S4=Tucano I).

Segundo os professores, na escola só há preocupação com os conteúdos a serem ministrados, havendo falta de parceiros advindos dos poderes públicos para o fortalecimento da escola e da promoção de um saber ambiental. Observou-se que há uma falta de interesse coletivo e pedagógico em um saber ambiental, dificultando a sua prática.

As dificuldades para essas práticas são imensas e muitas vezes somos barrados por nossos superiores que dificultam todo o processo (S9=Onça Pintada).

Neste processo, o educador deve internalizar uma ação-reflexão quanto às interconexões entre os problemas locais e globais. Neste estudo, a reflexão pedagógica deve

estar voltada para integração do ambiente artificial, a sociedade e suas cidades, com o natural, o Pantanal e os demais biomas.

4.7 AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE FORMAÇÃO ECOLÓGICA

Capacitar em Educação Ambiental implica em que os professores vivam uma experiencição e essa ação deverá ser um instrumento para torná-los agentes de sua própria formação futura. Segundo as ressalvas de Medina (2001, p. 17-20) devemos buscar a superação do modelo de ensino tradicional, de posicionar-nos e tornar-nos um sujeito ativo e buscar as diferenças de conhecimentos para construção de um saber ambiental de ênfase de sujeito ecológico. Para iniciar o processo, os professores observaram a necessidade de realização de cursos de capacitação para inovar as aulas e adquirir novos conhecimentos científicos.

Cursos que me oferece inovar nas aulas (S6=Tucano III).

Atualmente, as ações voltadas à Educação Ambiental têm sido desenvolvidas principalmente por entidades não-governamentais (ONGs) e por algumas capacitações por parte das universidades. Especificamente, na região norte de Mato Grosso do Sul, professores do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Coxim-MS, têm tentado disseminar a prática da Educação Ambiental por meio de projetos de Extensão Universitária junto aos professores da rede pública.

Segundo Medina (2001), lamentavelmente, em geral, não há continuidade nem acompanhamento no avanço e na melhoria da qualidade de formação de professores no país. Nas mudanças políticas das esferas governamentais, muitas vezes, há interrupção das atividades planejadas e em andamento.

Para Pellauer (2009) não podemos ignorar o corpo vivido, suas ações e reflexões. A reflexão baseia-se na consciência, na capacidade de pensamento e caracteriza o ser humano como um ser criativo, não um mero reprodutor de ideias. A atuação pedagógica sob a modalidade reflexiva é uma integração do ser com a ciência, a técnica e a arte, evidenciando a sensibilidade aos índices manifestos ou implícitos na situação pedagógica. (ALARCÃO, 2003, p. 41).

Os discursos analisados neste estudo são indicações das experiências vividas na qual o sujeito encontra-se inserido. Essas enunciações são exercícios da condição humana no e para o ambiente, perfazendo ações e juízos de valor (Figura 25).

Os professores como sujeitos reflexivos expressaram suas dificuldades para concretizar a mudança interior em busca da criação do ser ecológico.



Figura 25 - O Pesquisador e o grupo. Apresentação da cebola como símbolo no Sítio Arqueológico. (Acervo do Pesquisador).

Confesso que não tem sido fácil, a mudança tem que vir de nós, reinventar esse sujeito (S1=Peixe-Dourado).

Eu tenho que avaliar o meu trabalho (S3=Borboleta).

O auto-avaliar é uma “reflexão, e sua ação, o julgamento aparece porque se torna evidente a consciência imediata” do sujeito. (FRANCO, 1995, p. 76). A noção de sujeito ecológico porta um ideário, com suas formas de compreender o mundo, sintetizando as virtudes de uma existência ecológica orientada. Nesse ideário se faz necessário buscar responder os dilemas socioambientais apontando para um mundo socialmente justo e ambientalmente sustentável. (CARVALHO, 2004, p. 26).

Somos os representantes do planeta na busca do sujeito ecológico (S6=Tucano III).

Me questiono muito como estou construindo para melhorar a vida de meus alunos no ponto ambiental (S8=Jacaré).

Como representante na busca do ser ecológico, o professor elabora questionamentos e práticas quanto à melhoria da condição de vida dos alunos sob o ponto de vista ambiental. Neste processo, a ideologia tem uma função positiva para além de suas conotações negativas, pois preenche os espaços entre a autoridade e legitimidade, reivindicando um poder para o qual deve dispor uma base. (PELLAUER, 2009, p. 121).

Na elaboração dos recursos simbólicos, utilizados para estimular o professor em sua prática relacionada à Educação Ambiental, as mandalas alargaram as expectativas da ação-reflexão das práticas pedagógicas (Figura 26).

Prática pedagógica: ação e reflexão (S2=Orquídea).

O professor um sujeito que deve dar o exemplo de um ideal ecológico (S3=Borboleta).



Figura 26 – Mandalas ecológicas: um dos símbolos da relação pedagógica. (Acervo pesquisador).

Neste processo de ensino, os professores também ressaltaram a promoção de atitudes socioambientais no cotidiano.

Com pequenos gestos, economizar energia elétrica, água, reciclar o nosso lixo (S2=Orquídea).

O ensino de Educação Ambiental é apresentado por meio de diálogos e estimulam no ambiente escolar, pequenos exemplos de ação e gestos como a utilização racional de água e luz e, ainda, a prática da reciclagem dos resíduos sólidos. Atualmente, os resíduos sólidos são um grande vilão da modernidade.

A palavra lixo é derivada do termo latim *līx* que significa “cinza”, significando, no ato do descarte, sujidade, coisa desagradável, feia, repugnante, entre outros. Porém o lixo “é o material rico, susceptível de aproveitamento e que passa a ser problema sempre que sua disposição final não é adequada”. (OLIVEIRA, 2006, p. 13).

As pessoas consideram lixo tudo aquilo que se joga fora e que não tem mais utilidade, porém, sabe-se que o lixo não é uma massa indiscriminada de materiais inúteis, ele é composto de vários tipos de resíduos que precisam de manejo diferenciado. Assim, pode ser classificado de várias maneiras para a reciclagem, com retorno a sociedade e a indústria para uma nova reutilização. (MARTINS, 2003).

Neste estudo, sementes e outros materiais inorgânicos foram utilizados como elementos didáticos para o estímulo da enunciação do ser professor e as práticas pedagógicas com ênfase de sujeito ecológico (Figura 27).

Aulas motivadoras com recursos áudios-visuais, convites aos acadêmicos das UEMS para debates a temática ambiental (S3=Borboleta).

Sensibilizar e conscientizar meus alunos para a prática da Educação Ambiental e respeito à natureza pantaneira como contar história, poesia e uso de fantoches (S5=Tucano II).

Trabalho oralmente, no concreto sobre o meio ambiente (S6=Tucano III).

Para estimular os alunos no processo de ensino faz-se necessário buscar novos recursos didáticos. Segundo os professores, deve-se buscar sair do uso restrito da teoria, do modelo de ensino tradicional, e procurar aplicar o diálogo, a sensibilização e o pensar consciente pelo uso de recursos audiovisuais, contar histórias, usar fantoches e interação entre Universidade e escola em promoção de debates em temáticas ambientais.



Figura 27 – Psicodinâmica: construção de símbolo, a máscara ecológica (Acervo do Pesquisador).

Sair da teoria, tem muita teoria e agir em volta do espaço que se insere o professor e o aluno para transformar o ambiente (S7=Tucano IV).

Um ensino de ação-reflexão deve estimular o aluno a aprender por si só, a conquistar as suas próprias verdades. O método didático com uma ação mediadora é voltado a criticidade, promovendo a compreensão do sujeito e a mudança da realidade socioambiental. (OLIVEIRA et al, 2007).

O professor deve ser um mediador de conteúdos, conhecimento e experiências (S2=Orquídea).

Promoção de um indivíduo crítico, capaz de visualizar o mundo e promover mudanças para um mundo melhor (S2=Orquídea).

Um agente de transformação, preservação, construir cidadãos conscientes, sabendo dos seus direitos e deveres (S3=Borboleta).

A seleção de um método didático para o ensino de Educação Ambiental é complexo. A Educação Ambiental tem como um de seus objetivos, estimular e levar o aluno a observar o seu ambiente, promover um olhar mais exercitado e extensivo do seu espaço socioambiental.

Durante as análises dos textos percebeu-se uma reflexão crítica quanto às atuais ações ecológicas estereotipadas nas escolas.

Os pensamentos ecológicos estão etiquetados como reciclar e plantar árvores (S8=Jacaré).

Assim, os professores ressaltam a necessidade de uma prática em Educação Ambiental, mais eficiente, promovendo a ênfase de sujeito ecológico voltada para a mudança de comportamento e um repensar na ação-reflexão

4.8 INDICAÇÕES DE AÇÕES PARA A CIDADANIA AMBIENTAL NO AMBIENTE ESCOLAR

Gutierrez e Prado (2008, p. 37) ressaltam que a cidadania ambiental é a “propagação de um diálogo e a relação convergente de todos os seres, e como resultado uma compreensão de comunidade cósmica”. A atual dimensão planetária reflete e requer uma profunda consciência ecológica para a sociedade planetária. Nessa ação consciente de cidadania, faz-se necessário rever os valores, sentir e viver o fato de que somos parte constituinte da Terra. Como seres pensantes, devemos estimular a capacidade mental e procurar na sociedade novas relações interacionistas, a solidariedade e novas responsabilidades relacionadas a uma ética socioambiental. (CINTRA, 2011).

A cidadania ambiental incorpora elementos da sociedade contemporânea, como o papel das subjetividades, a emergência de novos sujeitos sociais, a emergência de direitos sociais de novo tipo de ampliação do espaço e da política. (PORTILHO, 2005, p. 191). A Educação Ambiental como processo consiste em propiciar uma compreensão crítica e global do ambiente. Adotar uma postura consciente e participativa relacionadas às questões, à conservação adequada à utilização dos recursos naturais.

No relatório Panorama da Educação Ambiental no Ensino Fundamental (MEC/BRASIL, 2001), a sensibilização foi definida como uma etapa inicial no processo. Contudo, para produzir avanços significativos faz-se necessário exigir uma mudança mais abrangente de atitudes e mudanças comportamentais da racionalidade ambiental.

Portilho (2005) corrobora com essa concepção anterior e coloca que a escola é um *locus* apropriado para a prática da Educação Ambiental. Assim, os professores devem disseminar uma prática dialógica sensível, estimulando a necessidade de mudança comportamental dos alunos em práticas como o consumo responsável.

Estas práticas disseminadas na conservação do espaço escolar abordam a conservação do ambiente não apenas como um tema ecológico, enfatizando apenas a estrutura e as relações dos elementos bióticos e abióticos, mas ligam, por meio de símbolos, os fenômenos ecológicos e sociais, apresentando a ação pedagógica (Figura 28).

A limpeza no ambiente escolar, o re-uso da água, a economia da energia (S1=Peixe-Dourado)

A colaboração para manter o ambiente limpo (S7=Tucano IV)

O processo de aprendizagem social ambientalmente orientado para a coletividade implica em reconhecer e explicitar os conflitos originários das questões ambientais. Os sujeitos entendem o ambiente como bem coletivo e o acesso a um ambiente saudável como um direito de cidadania. No âmbito da escola, o que está em jogo é a construção de propostas e ações socioeducativas que incentivem o exercício de uma educação problematizadora, contextualizada e interdisciplinar, que eduque o conhecimento, para que o sujeito da ação pedagógica possa inserir-se politicamente no mundo, de forma consciente, responsável e solidária. (SOUZA, 2003; JACOBI et al., 2010).



Figura 28 – Psicodinâmica: construção de símbolo, a máscara ecológica (Acervo do Pesquisador).

A união, pensando, criando e realizando trabalhos com o mesmo objetivo (S4=Tucano I).

Interagir com os colegas de trabalho no sentido de fortalecer a equipe (S5=Tucano II).

A efetivação desta ação inicia-se a partir de uma estreita relação que se tece entre a escola e seu entorno imediato. Como resultado, a intenção é estimular e criar espaços para sonhar um ambiente equilibrado, onde são pensados e trabalhados tanto os espaços artificiais, construídos pelo ser humano, como os naturais. Esta compreensão no contexto escolar pode ser relacionada por meio do consumo responsável, gerando atividades que repensem a economia de luz e o re-uso da água.

Um dos grandes problemas da humanidade é modificar o quadro atual de consumo e uso de recursos do planeta. O Brasil, apesar de ser o campeão mundial no uso eficiente de energia renovável, cerca de 60% do seu consumo é advindo de usinas hidrelétricas, ainda apresenta dificuldade como o problema da má distribuição e escassez da água nas diferentes regiões. (DIAS, 2004). Além disso, apesar do desperdício ser o grande vilão da sociedade moderna, na área de energia elétrica o país perde cinco bilhões de dólares ao ano, devido ao uso de equipamentos obsoletos, máquinas desreguladas e hábitos de consumo inadequado, tais como, banhos quentes e demorados e luzes acesas desnecessariamente.

Entre as práticas dialógicas de sensibilização e conscientização, os professores ressaltam que juntos aos educandos há necessidade de conservar o Meio Ambiente.

Conservar o Meio Ambiente (S2=Orquídea).

Despertar nos alunos a consciência de conservação ecológica e a prática interdisciplinar (S4=Tucano I).

Vale destacar que preservação e conservação são conceitos distintos. O preservacionismo e o conservacionismo são correntes ideológicas que surgiram no fim do século XIX, nos Estados Unidos, com posicionamentos contrários ao desenvolvimentismo (uma concepção que defende o crescimento econômico a qualquer custo, desconsiderando os impactos ao ambiente natural e o esgotamento de recursos naturais).

O preservacionismo surgiu primeiro com um ideário de proteção da natureza, independentemente de seu valor econômico ou utilitário. Essa ideologia destaca o ser humano como o causador da quebra do equilíbrio ambiental e prega uma ideologia de caráter explicitamente protetora, propondo a criação de santuários intocáveis, que não sofrerão as interferências diretas relativas aos avanços do progresso humano e sua consequente degradação. O movimento preservacionista foi responsável pela criação de parques nacionais, como o Parque Nacional de Yellowstone, em 1872, nos Estados Unidos.

A concepção conservacionista contempla o amor à natureza aliado ao seu uso racional e manejo criterioso. Aqui, o homem exerce um papel gestor e é parte integrante do processo. A maioria dos movimentos ambientalistas possui um pensamento conservacionista alicerçado por políticas de desenvolvimento sustentável. Esta ideologia busca um modelo de desenvolvimento que garanta a qualidade de vida atual da sociedade que não destrua os recursos necessários para as gerações futuras.

Diversos autores, como Loureiro, Layrargues Castro (2002) e Araguaia (2011) denotam a necessidade de criação de áreas de preservação em ecossistemas frágeis,

ressaltando que há necessidade de proteção de espécies endêmicas e em extinção, entre outros. Enquanto uma ação educativa, a Educação Ambiental é uma importante mediadora da conservação nos campos interacionais da educação, meio ambiente e sociedade.

No grupo estudado, cultivou-se uma ideologia para a Educação Ambiental no campo próprio da Educação, tendo como suporte práticas pedagógicas voltadas para o sujeito e o ambiente pantaneiro. Entre as atividades e concepções trabalhadas reiterou-se o exercício do processo reflexivo, em um juízo de si-mesmo ressaltando uma ação e reflexão quanto à dificuldade do próprio sujeito avaliar o seu eu ecológico (Figura 29).

A legitimação desse conjunto de preocupação em práticas educativas é um terreno fértil para construção do sujeito ecológico. Na idealização e constituição do sujeito ecológico figuram um amplo processo de transformação entre sociedade e ambiente. Destarte, o sujeito ecológico agrega uma série de traços, valores e crenças que podem possuir várias facetas, o que vale é a busca do “acreditar poder mudar o mundo”. (CARVALHO, 2004, p. 69).



Figura 29 – Respondendo as arguições da pesquisa (Acervo do Pesquisador).

Educação e formação requerem dimensões mais completas, permanente e contínua. A formação do sujeito ecológico só será possível por meio de uma Educação que restabeleça os objetivos no âmbito escolar, desenvolvendo e efetivando uma práxis de ensino de acordo com um Plano Político Pedagógico bem delineado. Para Santos (2001) a educação formal deve ser planejada e executada para responder aos desafios colocados entre o desenvolvimento consumista capitalista e as novas necessidades socioambientais visando construir um novo estilo harmônico entre sociedade e natureza.

4.9 É NECESSÁRIO CONCLUIR: EDUCAÇÃO AMBIENTAL, UMA SEMENTE ALADA; O PROFESSOR, UM SEMEADOR...

A Educação Ambiental acoplada meramente aos termos sensibilização e conscientização ambiental está em desuso devido, apenas, à evocação e transmissão de informações. Atualmente, ao empregar estes termos deve-se associá-los a mudanças comportamentais. A práxis, em si, deve resultar na socialização do ser e sua interação com o ambiente. No desenvolvimento deste estudo, os encontros possibilitaram analisar por meio da

fenomenologia hermenêutica as simbologias na percepção topofílica e biofílica dos professores, advindos das relações dos discursos do professor.

O primeiro movimento propiciou elaborar uma síntese das relações entre o professor e os elementos da flora e fauna pantaneira. As imagens-símbolos estimularam a imaginação do professor em uma relação comparativa do comportamento humano. Na relação imagética entre a flora e fauna pantaneira e a percepção imaginária do professor, observou-se uma grande importância da beleza, estética e alegria, designando a ampla significância destes atributos na formação existencial atual do ser. É uma valoração subjetiva perceptiva que o símbolo imagem promoveu e que permite intermediar uma valoração do ser-aí com os elementos do Pantanal. Segundo Tuan (1980) e Marin (2003) a ligação afetiva pode estimular o comportamento biofílico. A imaginação fornece “outra ligação com o tempo” antecipando o “ausente na base do mundo” e em si, conecta a dimensão afetiva e o prazer a algo. (PELLAUER 2009, p. 33).

A partir dos elementos relacionados à flora, destacou-se também a compreensão da topofilia por meio da compreensão da época sazonal de floração dos ipês. (LORENZI, 2000), demonstrando visivelmente as marcas da cultura existente no sujeito, na memória e na experiência interativa com o local. Outra percepção presente na formação simbólica do ser-aí foi associar a disposição de empoderamento, ligado ao comportamento de “agilidade” do Peixe Dourado no habitat, ao poder da Onça-pintada e a persuasão do Jacaré, para busca da solução dos problemas.

Contudo, como enfatizado por Peixe Dourado, cada comportamento citado pode variar com o estado de “espírito”, a parte imaterial do ser humano que relativiza o estado de humor e o bem estar consigo mesmo. Entre as energias comportamentais, como a coragem e mudança, ante as situações vividas, a efetivação da ação do sujeito necessita da resiliência para alcançar a transformação em si que o tempo-espaço requer. Não é um ato descentrado do ser-aí no tempo-espaço, mas uma atitude naquilo que imagina e busca ser. (CASTRO, 2002; VARELLA 2008).

É presente também a importante enunciação dos “tempos de infância”, a informação histórica do passado no presente existente nos sujeitos, importante para formação da identidade individual e coletiva. (PELLAUER, 2009).

O corpo exprime a existência do ser, existência perceptiva, formando a trama conceitual de uma existência em enunciação por meio da fala. A enunciação solicita sempre uma interpretação, pois toda linguagem ao mesmo tempo é interpretação de uma realidade. É a auto-interpretação daquele que fala, e a mesma é compreendida como realidade vivida, logo sentida. (BICUDO, 2000; RICOUER, 1990).

A enunciação do sujeito dá ao mundo a sua percepção. A experiência corpórea vivida vai além de si, expressando o corpo encarnado, manifestando o pensamento que articula, processando a significação, manifestando assim as modalidades da existência, a compreensão de si e do mundo vivido. No grupo estudado, apenas um professor morou no Pantanal e o restante conhece-o apenas através da mídia e dos materiais didáticos. Nesse sentido, os professores ensinam o Pantanal imaginando-o.

Em práticas pedagógicas estimular a imaginação, a imagem-símbolo, pode promover a busca de conhecimentos pelo diálogo. Assim, o professor como intermediador deve promover uma releitura crítica do que o olho vê e o corpo sente em reflexão-ação, para almejar mudanças de comportamentos em atitudes diferentes e marcas diversas.

Os símbolos são os incentivadores de tais atitudes e sempre estiveram presentes na história da humanidade. Desde que o ser humano adquiriu a capacidade de pensar, se relacionar e, principalmente, buscar uma explicação para sua vida. Os símbolos podem apresentar-se como marcas e possíveis percursos explicitados dos caminhos que trilhamos no dia a dia.

No segundo movimento, a experiência com símbolos cebola, máscaras e mandalas, superou a expectativa do pesquisador, pois as enunciações atingiram tudo aquilo que há de mais pessoal no indivíduo, a sensibilidade, a imaginação, a criatividade, memória, desejo, criticidade, vontades, intuição e a correlação da prática pedagógica em sala de aula com ênfase de sujeito ecológico.

Os fenômenos alçados apresentaram um juízo de valor, as dificuldades existentes neste campo foram desafios para semear novas posturas. A busca do sujeito ecológico sempre deve ser por meio da Educação e da Educação Ambiental na escola, pois o lócus do professor, a escola, é o ambiente propício para tal ação participativa, a qual favorece a reinvenção do sujeito para o ambiente pantaneiro.

Apesar dos conhecimentos dos professores quanto à existência de variadas práticas pedagógicas, observou-se que as atuais práticas estejam voltadas a pedagogia tradicional. Contudo, no grupo houve a intencionalidade de mudança dessa ação. Entre os desejos foi notória a necessidade de romper os obstáculos, superar os desafios. Um dos obstáculos a serem suplantados nesse processo é que parece não haver interesse por parte de colegas desenvolver um projeto interdisciplinar.

Para alcançar esse intento, os professores perceberam a necessidade de elaboração de um projeto atento à metodologia e um efetivo apoio pedagógico. Esse percurso deve estar voltado ao diálogo reflexivo ativo para fortalecer o grupo. Além das deficiências dos

professores para o ato de semear, a falta de interesse por parte dos diretores e a falta de suporte real pelo poder público, muitas vezes, dificulta o processo.

Uma das ferramentas necessárias para efetivar a construção da educação ambiental são as práticas pedagógicas de formação ecológica. Nelas, os professores ressaltam a necessidade de cursos de capacitação para inovar o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula. Neste percurso, o juízo de valor com relação aos símbolos novamente reforçou a necessidade de repensar a existência e a necessidade de mudança do professor. O professor deve estar sempre atento em avaliar o que e como ensinar. O ato de semear apresenta uma série de intempéries no local de semeadura, mostrando a necessidade de estar aberto a novas metodologias e espaços de aprendizado. As atuais práticas ressaltam o imperativo de evitar a exclusividade da teoria por meio da promoção de comportamentos de trocas dialógicas, fortalecedoras do trabalho de cooperação das relações interpessoais no grupo e do constructo de um saber ambiental interdisciplinar.

No cotidiano, a prática a ser seguida é a ligação entre a experientiação e a teoria, como, por exemplo, conectar os pequenos gestos de economia ambiental, como o fechar as torneiras, apagar as lâmpadas e a prática de reciclagem dos resíduos sólidos no ambiente escolar, com a necessidade de conservar os recursos naturais. Aqui, a prática do diálogo deve sensibilizar, conscientizar e motivar as temáticas ambientais por meio de recursos audiovisuais, o uso de fantoches, a contação de história e a poesia. Estas ações devem ser intra e extramuros escolares, resultando em mudanças de comportamentos socioambientais de toda a comunidade, a partir do ambiente urbano para o natural.

As práticas como indicadores de cidadania ambiental no ambiente escolar devem rever as pegadas ecológicas por meio da conservação e do consumo responsável. No ambiente escolar, a sensibilização e conscientização voltadas à conservação e à cidadania ambiental podem ser trabalhadas, criando-se o hábito de manter a unidade limpa, por meio da coleta seletiva, por exemplo, despertando a consciência coletiva da comunidade para uma conservação ecológica. O ser-aí e o mundo serão então percebidos numa dimensão dialética, podendo assumir um compromisso ativo e humanizador, buscando recriar a sua vivência como sujeitos atuantes na totalidade de sua invenção. Neste caminhar, o fenômeno educacional não será mais tratado como um objeto físico com existência própria, mas ele existirá como um fenômeno construído pelo mundo-vida de seus sujeitos, situado e vivenciado, construindo-se historicamente.

Assim, metaforicamente, a Educação Ambiental pode ser vista como uma “semente” que necessita de condições especiais para germinar. Desenvolver e perpetuar sua existência por meio da floração e produção de novas sementes. O professor considerado semeador, é um

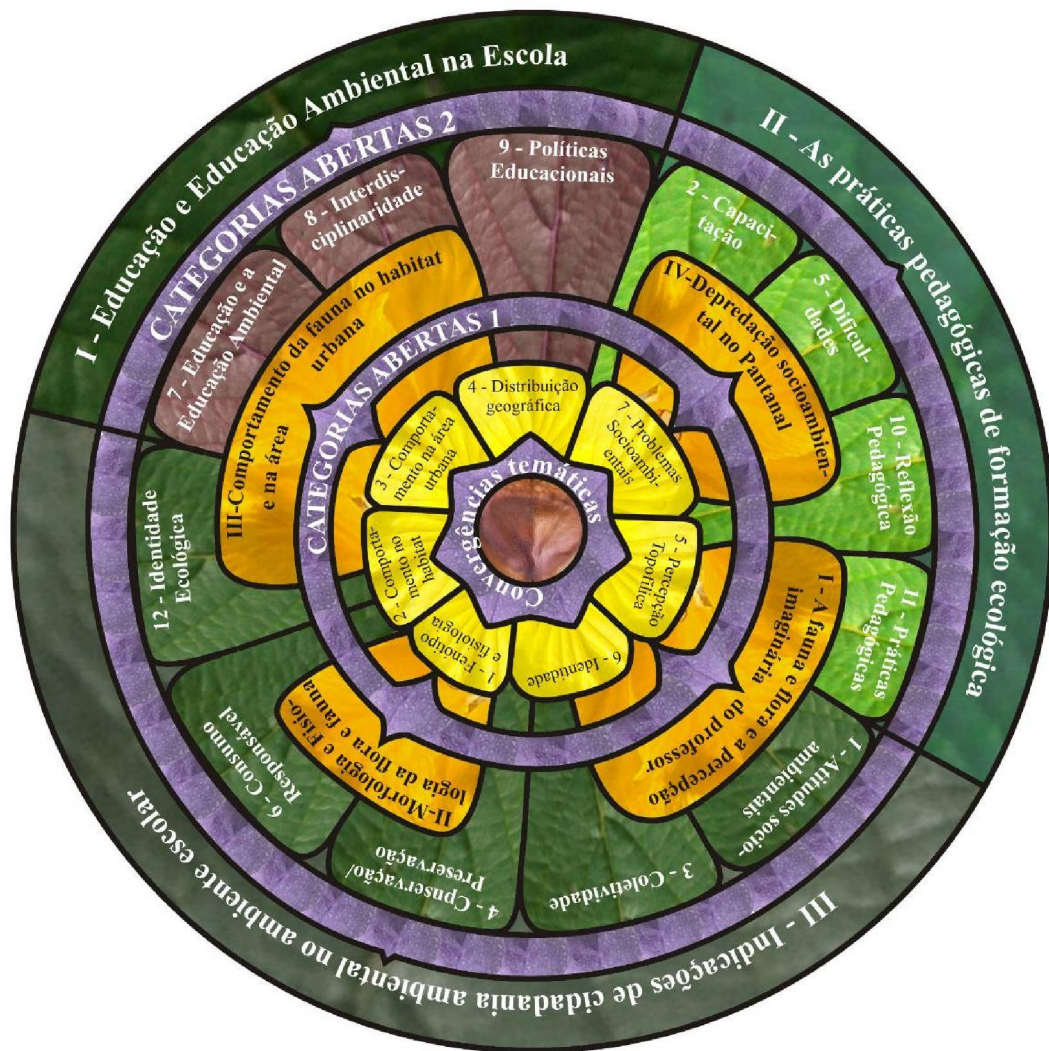
ser atuante nessa ação: preparar o solo, disseminar e plantar tal semente, zelando pela formação, num ideário ecológico. Neste sentido, o educador não trabalha sozinho e a sua ação pedagógica se estende além da sala de aula, por meio dos alunos, atingindo todo o ambiente intra e extramuros escolares. A ênfase da construção socioambiental em educação pode atrair as pessoas, umas em direção às outras; a escola em direção à comunidade e a comunidade em direção à escola, buscando assim um movimento de diálogo e reflexão na ação, preparando o solo para enunciação do grupo na busca do entendimento socioambiental, com as percepções e compreensão do corpo no tempo-espaço.

Ao falarmos de meio ambiente e educação ambiental não falamos apenas do funcionamento de um sistema qualquer que garanta a nossa sobrevivência, mas, sim, de um lugar que nos desperta e proporciona laços topofílicos e biofílicos. Dessa forma, a via racional não se contraporá e reprimirá a dimensão emotiva do ser. Esta comunicação abre um espaço para a união e promoção de um terreno fértil: um semear de compreensão e construção de novas visões de mundo, diferentes parcerias em busca de um ideário ecológico.

Dessa maneira, simbolicamente, a visualização de uma mandala em um corte transversal de uma flor permite-nos mostrar uma imagem do mundo vida da ação prática sobre o ambiente. Em si, a mandala fascina pela magia de seus movimentos e pela composição, cores e forma circular organizada em torno de um centro. No interior da mandala, a semente alada, simboliza o complexo ideário pedagógico do semear a Educação Ambiental pelo professor (Figura 30).

Apesar da leitura e interpretação das sementeiras, as enunciações da ação pedagógica permitiram-nos a constatação de uma prática um tanto solitária. Contudo, as constantes releituras do centro para a periferia e da periferia para o centro da mandala mostraram-nos o reavivar da necessidade de contemplação, interação e conhecimento do professor para a promoção de um si mesmo na construção dos percursos na Educação Ambiental.

Cabe ressaltar que durante o caminho deste estudo, perpassamos pelos campos da ação-reflexão em uma inquietação de alteridade, na condição oculta da pesquisa. Ao mesmo tempo, nos distanciamos dessa condição de pesquisador-autor, sob a análise das falas epigrafadas dos sujeitos, no estranhar do si-mesmo que resume a singularidade de um estar entre os registros, o ambiente epistêmico e o objeto como o Ser da experiência ambiental. Este trabalho não é conclusivo, definitivamente é um resultado alçado em um dado momento no tempo-espaço da interpretação da trajetória dos professores e suas práticas pedagógicas.



- Convergências temáticas
- Categorias abertas 1
- } Convergências temáticas
- } Categorias abertas 2

Figura 30 - Mandala VI – Síntese das Convergências Temáticas e Categorias Abertas.

Portanto, o trabalho de análise e interpretação se desenvolveu num movimento dinâmico de ressignificação. O exercício hermenêutico nos faz compreender e desvelar o fenômeno alçado dos sujeitos com suas enunciações de um modo perspectival, relacionado às questões reflexivas norteadoras do estudo.

O avanço no tempo-espço em enunciação do ser, os professores não demonstraram uma regressão, mas sim, uma retrospectiva constituidora de sentidos, afetividade e a cognição do ser-presente e sua vinculação com a Educação. O professor, visando à constituição do sentido de percepção ambiental e a ação na docência, demonstraram os atos de semear, a ação pedagógica e a Educação Ambiental.

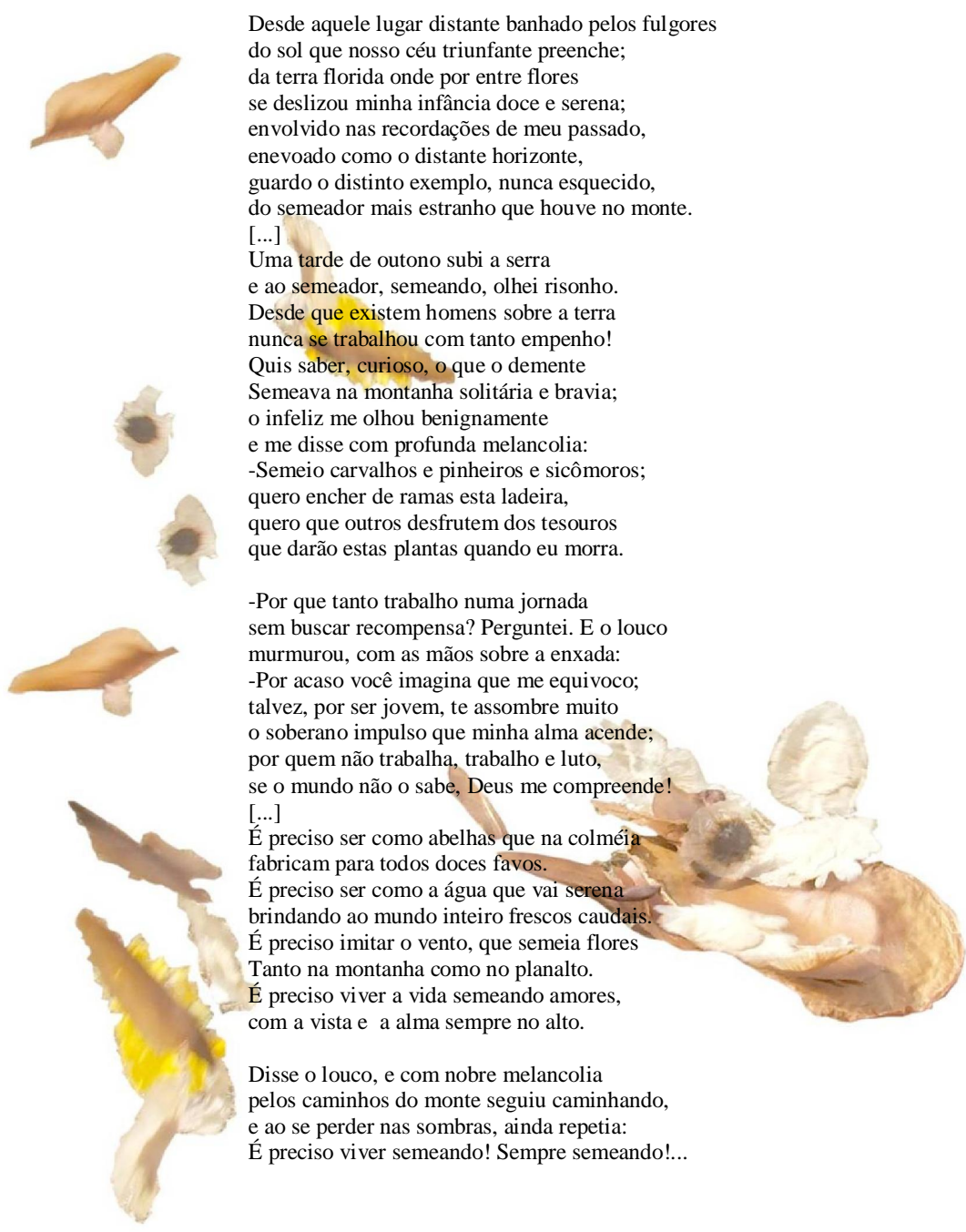
A interpretação em movimento hermenêutico integra a categoria do “si-mesmo”, envolvendo uma dimensão subjetiva e objetiva dos sujeitos. Os objetos simbólicos, as imagens, em mandalas, parte dos instrumentos elaborados, possuem um sentido oculto como algo ainda a ser revelado e contribuir com novas pesquisas no campo acadêmico e social.

A análise, relacionada a *mesmidade, ipseidade e alteridade*, revela sua capacidade que está propensa a mudar e a transformar, conjuntamente na enunciação da ação, o ambiente.

O ato de enunciação do “ser-aí”, o sujeito não permanece sempre a mesma pessoa, com as mesmas ideias e os mesmos projetos. A condição de *ipseidade* da pessoa lhe dá condição de ressignificar a práxis pedagógica, a própria identidade pessoal e a ação profissional.

Nesse ato, compreender a “si mesmo”, a sua ação, é como compreender o espaço do semeador, com a semente alada²², a seguir semeando...

²² Poesia de BELMONTE (2011): “El Sembrador”. De aquel rincón bañado por los fulgores del sol que nuestro cielo triunfante llena; de la florida tierra donde entre flores se deslizó mi infancia dulce y serena; envuelto en los recuerdos de mi pasado, borroso cual lo lejos del horizonte, guardo el extraño ejemplo, nunca olvidado, del sembrador más raro que hubo en el monte.[...]! Una tarde de otoño subí a la sierra y al sembrador, sembrando, miré risueño. ¡Desde que existen hombres sobre la tierra nunca se ha trabajado con tanto empeño! Quise saber, curioso, lo que el demente sembraba en la montaña sola y bravía; el infeliz oyóme benignamente y me dijo con honda melancolía: -Siembro robles y pinos y sicomoros; quiero llenar de frondas esta ladera, quiero que otros disfruten de los tesoros que darán estas plantas cuando yo muera. -¿Por qué tantos afanes en la jornada sin buscar recompensa? dije. Y el loco murmuró, con las manos sobre la azada: -Acaso tú imagines que me equivoco; acaso, por ser niño, te asombre mucho el soberano impulso que mi alma enciende; por los que no trabajan, trabajo y lucho, si el mundo no lo sabe, ¡Dios me comprende! [...] Hay que ser cual abejas que en la colmena fabrican para todos dulces panales. Hay que ser como el agua que va serena brindando al mundo entero frescos raudales. Hay que imitar al viento, que siembra flores lo mismo en la montaña que en la llanura. Y hay que vivir la vida sembrando amores, con la vista y el alma siempre en la altura. Dijo el loco, y con noble melancolía por las breñas del monte siguió trepando, y al perderse en las sombras, aún repetía: ¡Hay que vivir sembrando! ¡Siempre sembrando!



Desde aquele lugar distante banhado pelos fulgores
do sol que nosso céu triunfante preenche;
da terra florida onde por entre flores
se deslizou minha infância doce e serena;
envolvido nas recordações de meu passado,
enevado como o distante horizonte,
guardo o distinto exemplo, nunca esquecido,
do semeador mais estranho que houve no monte.

[...]
Uma tarde de outono subi a serra
e ao semeador, semeando, olhei risonho.
Desde que existem homens sobre a terra
nunca se trabalhou com tanto empenho!
Quis saber, curioso, o que o demente
Semeava na montanha solitária e bravía;
o infeliz me olhou benignamente
e me disse com profunda melancolia:
-Semeio carvalhos e pinheiros e sicômoros;
quero encher de ramas esta ladeira,
quero que outros desfrutem dos tesouros
que darão estas plantas quando eu morra.

-Por que tanto trabalho numa jornada
sem buscar recompensa? Perguntei. E o louco
murmurou, com as mãos sobre a enxada:
-Por acaso você imagina que me equivoco;
talvez, por ser jovem, te assombre muito
o soberano impulso que minha alma acende;
por quem não trabalha, trabalho e luto,
se o mundo não o sabe, Deus me compreende!

[...]
É preciso ser como abelhas que na colméia
fabricam para todos doces favos.
É preciso ser como a água que vai serena
brindando ao mundo inteiro frescos caudais.
É preciso imitar o vento, que semeia flores
Tanto na montanha como no planalto.
É preciso viver a vida semeando amores,
com a vista e a alma sempre no alto.

Disse o louco, e com nobre melancolia
pelos caminhos do monte seguiu caminhando,
e ao se perder nas sombras, ainda repetia:
É preciso viver semeando! Sempre semeando!...

Continuar semeando é a ousadia que os versos reclamam. Criar novas intermediações para disseminar novos atos socioambientais é o que esse estudo nos revela. Cabe ressaltar que os elementos simbólicos foram grandes instrumentos para uma enunciação, o real ambiente do educador, a realidade vivida na escola e a Educação Ambiental na cidade de Coxim-MS.

Logo, a Educação Ambiental é uma “semente alada” e o professor um “semeador” desse ato pedagógico. Necessitamos juntos, preparar o terreno, a escola, para disseminar melhor a semente e, assim, colher os frutos de uma sociedade interativa com o ambiente do bioma Pantanal e não só ficar à espera do tempo e sim semear!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDON, M. M.; et al. Desmatamento no Bioma Pantanal até o ano 2002: Relações com a fitofisionomia e limites municipais. *Revista Brasileira de Cartografia*, n. 59 (1), 2007. Disponível em: <http://www.rbc.ufrj.br/_pdf_59_2007/59_01_3.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2010.

ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2003.

ARAGUAIA, M. Preservação e conservação ambiental. *Mundo Educação*. Disponível em: <<http://www.mundoeducacao.com.br/biologia/preservacao-ambiental.htm>>. Acesso em: 20 fev. 2011.

AZEVEDO, A. A.; MONTEIRO, J. L. G. **Análise dos Impactos Ambientais da atividade agropecuária no Cerrado e suas inter-relações com os recursos hídricos na região do Pantanal**. Disponível em: <http://assets.wwf.org.br/downloads/wwf_brasil_impactos_atividade_agropecuaria_cerrado_pantanal.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2010.

BELMONTE, M. R. B. **El sembrador**. *Poemas del alma*. Disponível em: <<http://www.poemas-del-alma.com/marcos-rafael-blanco-belmonte-sembrando.htm>>. Acesso em 27 ago. 2011

BICUDO, M. A. V. **Fenomenologia**: confrontos e avanços. São Paulo: Cortez, 2000.

BONA, A. N. **Paul Ricoeur e uma epistemologia da história centrada no sujeito**. 2010. 209 f. Tese (Doutorado em História Social) – Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

BRITISKI, H. A. **Peixes do Pantanal**: manual de identificação. Brasília, DF: Embrapa Informações Tecnológica, 2007.

CARVALHO, I. C. M. **A invenção do sujeito ecológico**: sentidos e trajetórias em Educação Ambiental. 2001. 349 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

_____. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 9, n. 19, p. 283-302, julho de 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v9n19/v9n19a11.pdf>>. Acesso em 20 Jan. 2011.

_____. **Educação Ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2004.

CASTRO, M. G. A. **Imaginação em Paul Ricouer**. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionários de símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

CINTRA, R. C. G. G. Educação para a cidadania: cortes e recortes de um planeta em degradação. In: SALMAZE, M. A.; CHAVES, M. A.; SPINDOLA, A. M. A. (org.) **Desenvolvimento e sustentabilidade**: revelando olhares, valorizando vozes na educação da infância. Campo Grande: Oeste, 2011.

COIMBRA, J. A. A. **O outro lado do Meio Ambiente**. São Paulo: CETESB, 1985.

CÔRTE, B.; VARELLA, A. M. R. S. Processo metodológico de uma pesquisa interdisciplinar. *Revista Kairós*, São Paulo, Caderno Temático 6, 2009. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2676>>. Acesso em: 20 fev. 2010.

COLTRO, A. A fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade. *Caderno de Pesquisa em Administração*, v. 1, n. 11, 2000.

DIAS, G. F. **Educação Ambiental**: princípios e prática. São Paulo: Gaia, 1994.

_____. **Iniciação à temática ambiental**. São Paulo: Gaia, 2002.

_____. **Ecopercepção**: um resultado didático dos desafios socioambientais. São Paulo Gaia, 2004.

DIBO, M. **Prabhã-Mandala**: os efeitos da aplicação do desenho da mandala no comportamento da atenção concentrada em adolescentes. Disponível em: <http://www.pucsp.br/ultimoandar/download/12_12_ARTIGOMONALISAREVISADO2%5B1%5D.pdf>. Acesso em: 20 out. 2010

EFFTING, T. R. **Educação Ambiental nas Escolas Públicas**: Realidade e Desafios. Paraná. 2007. 78 f. Monografia (Pós Graduação em “Latu Sensu” Planejamento para o Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Ciências Agrárias, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2007.

ESBRANA, M. V. S.; URT, S. C. **Lembrando o passado**: um presente à sociedade sobre a cultura pantaneira. In: Congresso Nacional de Psicologia Escolar Educacional. 2011, Maringá. **Anais eletrônicos...** Maringá, 2011. Disponível em: <<http://www.abrapee.psc.br/xconpe/trabalhos/1/149.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2011.

FALEIROS, W. **Concepção da ciência na visão de professores de 1ª e 4ª série do ensino fundamental**: um enfoque fenomenológico. 1999. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 1999.

FAZENDA, I. C. A. (Org.) **Metodologia da pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez, 1994a.

_____. **Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa**. São Paulo: Papyrus, 1994b.

_____. **A virtude da força nas práticas interdisciplinares**. Campinas: Papyrus, 1999.

FERREIRA, C. **A interdisciplinaridade da Educação Ambiental nas escolas: agente otimizador de novos processos educativos**. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/biologia-artigos/a-interdisciplinaridade-da-educacao-ambiental-nas-escolasagente-otimizador-de-novos-processos-educativos-482860.html>>. Acesso em: 18 out. 2010.

FIGUEIREDO, R. A. **A Lei nº 9.795/99 reveste-se de importância para os educadores ambientais brasileiros? JUSNAVEGANDI**. Disponível em: <<http://jus.uol.com.br/revista/texto/2312/a-lei-no-9-795-99-reveste-se-de-importancia-para-os-educadores-ambientais-brasileiros>>. Acesso em: 13 nov. 2010.

FRANÇA, L. F. **Frugivoria e abundância de tucano (*Ramphastos toco*) durante a estação seca no Pantanal Sul**. In: VI Congresso de Ecologia do Brasil. 2003, Fortaleza. **Anais eletrônicos...** Fortaleza, 2003. Disponível em: <<http://www.seb-ecologia.org.br/anais/5.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2010.

FRANCISCO, D. **A metáfora da plenitude: a heteronímia pessoana à luz da teoria da metáfora de Paul Ricoeur**. 2001. 106 f. Dissertação (Mestrado em Estética e Filosofia da Arte) - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2001.

FRANCO, S. G. **Hermenêutica e psicanálise na obra de Paul Ricoeur**. São Paulo: Loyola, 1995.

GADOTTI, M. **A carta da Terra na educação**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2010.

GARNICA, A. V. M. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. *Interface*, n. 1, v. 1, p. 109-122, 1997.

GARRIDO, S. C. V. **A questão da educação e a identidade segundo Paul Ricoeur**. 1994. 225 f. Tese (Doutorado em Educação) Departamento de Filosofia e História da Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

GUIMARÃES, M. **A dimensão ambiental na educação**. Campinas: Papyrus, 1995.

GUTIERREZ, F.; PRADO, C. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. São Paulo: Cortez / Instituto Paulo Freire, 2008.

GWYNNE, J. A. **Guia de Campo: Aves do Brasil – Pantanal & Cerrado**. Disponível em: <http://www.horizontegeografico.com.br/arquivos/arquivo_109.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2011.

HARRI, L. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. São Paulo: Plantarun, 1998.

JACOBI, P. R.; TRISTÃO, M.; FRANCO, M. I. G. C. A função social da educação ambiental nas práticas colaborativas: participação e engajamento. *Caderno Cedes*, v. 29, n. 77, p. 63-79, 2009. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 20 dez. 2010.

LEITE, M. R. P. **Relações entre a onça-pintada, onça-parda e moradores locais em três unidades de conservação da floresta atlântica do estado do Paraná - Brasil**. 2000. 84 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais e Florestais) – Instituto de Florestas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2000.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2000.

LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. (Orgs.) **Educação ambiental: representando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002.

MARIN, A. A.; OLIVEIRA, H. T.; COMAR, V. A Educação Ambiental num contexto de complexidade do campo teórico da percepção. *Interciência*, v. 28, n. 10. p. 616 – 619, 2003.

MARTINS, C. H. B. **Trabalhadores na reciclagem do lixo: dinâmicas econômicas, socioambientais e políticas na perspectiva de empoderamento**. 2003. 242 F. Tese (Doutoramento em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. 242 p.

MEC/BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

MEC/BRASIL. **Panorama da educação ambiental no ensino fundamental/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC; SEF, 2001.

MEDINA, N. M. A formação dos professores em Educação Ambiental. In: MEC/BRASIL. **Panorama da educação ambiental no ensino fundamental/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC; SEF, 2001.

MELAZZO, G. C. **Percepção ambiental e educação ambiental:** uma reflexão sobre as relações interpessoais e ambientais no espaço urbano. *Olhares & Trilhas*, Ano VI, n. 6, p. 45-51, 2005.

MELLO, L. S.; LUZ, A. A. N. **A formação teórico-prática dos profissionais que atuam na coordenação pedagógica escolar:** o olho vê, a lembrança revê e a história reescreve.

Disponível em:

<http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem20/COLE_2833.pdf>. Acesso em 20 jun. 2011.

MILAZZO, A. D. D.; CARVALHO, A. A. F. Uma Relação entre a Teoria Gaia, o Aquecimento Global e o Ensino de Ciências. *Alexandria Revista de Educação em Ciência e Tecnologia*, v. 1, n. 2, p. 107-120, 2008.

MINAYO, M. C. S (Org.). **Pesquisa Social:** Teoria, métodos e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORAES, L. E. P. Fragmentos econômicos e culturais Sul-Mato-Grossenses. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso do Sul*, v. 1. p. 147 – 185. 1998.

MORALES, A. G. M. **A formação do profissional educador ambiental:** reflexões, possibilidades e constatações no curso de especialização da UFPR. 2007. 233 f. Tese (Doutoramento) - Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

NÓVOA, A. Diz-me como ensinas, dir-te-ei quem és e vice-versa. In: FAZENDA, I. (org.) **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2004.

ODUM, E. P.; BARRETT, G. W. **Fundamentos da ecologia**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

OLIVEIRA, A. L. et. al. Educação ambiental: concepções e práticas de professores de ciências do ensino fundamental. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*, v. 6, n. 3, p. 471-495, 2007.

OLIVEIRA, E. M. **Educação Ambiental:** Uma possível abordagem. Brasília: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis, 1996.

OLIVEIRA, K. A.; CORONA, H. M. P. A percepção ambiental como ferramenta de propostas educativas e de políticas ambientais. *Revista Científica ANAP Brasil*, Ano 1, n. 1, 2008.

OLIVEIRA, N. A. S. **A percepção dos resíduos sólidos (lixo) de origem domiciliar, no bairro Cajuru-Curitiba-PR**: um olhar reflexivo a partir da educação ambiental. 2006. 173 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

PAIS, J. M. Máscaras, jovens e “escolas do diabo”. *Revista Brasileira de Educação*, v. 13 n. 37, p. 7-21, 2008.

PEIXOTO, A. J. (Org.) **Interações entre Fenomenologia & Educação**. Campinas, SP: Alínea, 2003.

PELLAUER, D. **Compreender Ricouer**. Petrópolis: Vozes, 2009.

PIVATTO M. A. CASTRO P. Perfil e viabilidade do turismo de observação de aves no Pantanal Sul e Planalto da Bodoquena (Mato Grosso do Sul) segundo interesse dos visitantes. *Revista Brasileira de Ornitologia*, v. 15, n. 4, p. 520-529, 2007. Disponível em: <<http://www.ararajuba.org.br/sbo/ararajuba/artigos/Volume154/ara154art2.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2010.

PORTILHO, I. **Sustentabilidade ambiental, consumo e cidadania**. São Paulo: Cortez, 2005.

POSTIC, M. **O imaginário na Relação pedagógica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

POTT; A. **Dinâmica da vegetação do Pantanal**. In: VIII Congresso de Ecologia do Brasil, 2007, Caxambu. **Anais eletrônicos...** Caxambu: 2007. Disponível em: <<http://seb-ecologia.org.br/viiiiceb/palestrantes/apott.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2011.

QUADROS, M. T. **Diversidade e composição da assembléia de borboletas (*Lepidoptera: papilionoidea* e *hesperioidea*) em diferentes ambientes da Floresta Nacional de São Francisco de Paula – RS**. 2009, 101 f. Dissertação (Mestrado em Biologia Animal) – Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

RIBEIRO, L. R. E. F. **O homem e a terra**. Campo Grande: Secretaria de Cultura do Estado de Mato Grosso do Sul, 1993.

RICOEUR, P. **Interpretação e ideologias**. Rio de Janeiro: Alves, 1990.

_____. **O si-mesmo como um outro**. Campinas: Papirus, 1991.

RODRIGUES F. H. G. (et al.). Revisão do conhecimento sobre ocorrência e distribuição de mamíferos do Pantanal. Corumbá: *Embrapa Pantanal*, 2002.

- RODRIGUES, A. C. **A educação ambiental e o fazer interdisciplinar na escola.** Araraquara, São Paulo: Junqueira & Marin, 2008.
- ROJAS, J. **Interdisciplinaridade na ação didática.** Momentos de arte/magia do ser professor. Campo Grande: Editora UFMS, 1998.
- ROJAS, J.; BASTOS, P. R. H. O. Os sujeitos, o registro e a Pesquisa: farelos dos nossos moinhos. In: TRINDADE, V.; FAZENDA, I.; LINHARES, C.; (Org.). **Os lugares dos sujeitos na Pesquisa Educacional.** Campo Grande: UFMS, 1999.
- ROSSETO, O. C.; BRASIL JUNIOR, A. C. P. (Orgs.). **Paisagens pantaneiras e sustentabilidade ambiental.** Brasília: Ministério da Integração Nacional / Universidade de Brasília. 2002
- SÁ, L. M. Pertencimento. In: FERRARO JR, L. A. (Org.). **Encontros e caminhos:** formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA, 2005.
- SANTOS, A. S. Dieta e nutrição de crocodilianos. *Coletânea de seminários técnicos do CPA Pantanal 1994/1995.* Corumbá: EMBRAPA-CPAP, 1997.
- SANTOS, E. C. A. PROPACC como método de formação de recursos humanos em Educação ambiental. In: MEC/BRASIL. **Panorama da Educação Ambiental no Ensino Fundamental.** Brasília: MEC; SEF, 2001.
- SANTOS, J. E.; SATO, M. **A contribuição da educação ambiental à esperança de pandora.** São Carlos: RiMa, 2003.
- SATO, M.; CARVALHO, I. C. M. **Educação Ambiental:** pesquisas e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- SILVA, A. J. (et al.). Contribuição de *caiman crocodilus yacare* ao balanço de nutrientes em um ecossistema aquático do Pantanal Mato-Grossense, Brasil. *UNICiências*, v.10, 2006.
- SILVA, A. T. R. **O campo epistemológico da Educação Ambiental:** o dualismo homem/natureza e o paradigma da complexidade. 2007. 301 f. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.
- SILVA, D. M. **O dano ambiental e sua reparação.** Instituição Toledo de Ensino - Faculdade de Direito de Bauru - Núcleo de Atividades Complementares. 2004. Disponível em:<<http://www.ite.edu.br/apostilas/Apostila%20-%20Dano%20Ambiental.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2010.

SILVA, R. M. **Pescando Pescadores**: Uma experiência de Educação Ambiental em Valores Humanos junto os pescadores da Vila de Anselmi e, busca do Conhecimento Ecológico. 2005. 105 f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2005.

SILVEIRA, R. G. **História de Coxim**. Campo Grande: Ruy Barbosa, 1995.

SOUZA, R. F. **Uma experiência em Educação Ambiental: formação de valores socioambientais**. 2003. 125 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Serviço Social do Centro de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

STEFANI, J. **A constituição do sujeito em Paul Ricoeur**: uma proposta ética e hermenêutica. 2006. 109 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, 2006.

STONE, M. K.; BARLOW, Z. **Alfabetização ecológica**: a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006.

TAINO, A. M. R. Reconhecimento: movimentos e sentidos de uma trajetória de investigação e formação interdisciplinar. 2008. 169 f. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

TEIXEIRA, M. C. S. Pedagogia do imaginário e função imaginante: redefinindo o sentido da educação. *Olhar de professor*; v.9, n.2: p.215-227, 2006.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

UEXKÜLL, T. A teoria da Umwelt de Jakob von Uexküll. *Galaxia*, v. 4, n. 7, p.19-48, 2004.

VARELLA, A. M. R. S. **A comunicação interdisciplinar na educação**. São Paulo: Escuta, 2008.

VARGAS, H. C.; RIBEIRO, H. (orgs). **Novos Instrumentos de Gestão Ambiental Urbana**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

VENTURA, M. G. **Cultivo *in vitro* de orquídeas do grupo *Cattleya* em diferentes meios de cultura e irradiâncias**. 2007. 122 f. Tese (Doutorado em Fitotecnia) – Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2007.

VENTURELLI, A. V. Coxim, cidade Bororo. *Revista do Instituto Geográfico de Mato Grosso do Sul*, n. 1, p. 11-12, 1998.

WACHS, M. C. **Aportes para uma hermenêutica da identidade e da práxis docente.** 2004. 309 f. Tese (Doutorado em Teologia) - Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo-RS, 2004.

ZACARIAS, R. **Consumo, Lixo e Educação Ambiental:** Uma Abordagem Crítica. Juiz de Fora: FEME, 2000.

ZEPPONE, R. M. O. **Educação Ambiental:** Teoria e práticas escolares. Araraquara: JM Editora, 1999.

APÊNDICES

APÊNDICE A – MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada (o) a participar desta pesquisa. Ao integrar este estudo estará permitindo a utilização dos dados aqui fornecidos. Você tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo pessoal.

Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais, você não precisará se identificar. Somente o pesquisador terá acesso às suas informações.

Tendo em vista o esclarecimento acima apresentados, eu, manifesto livremente meu consentimento em participar da pesquisa.

Atenciosamente,

Francisco Carlos Espíndola González

Nº	Nome do participante	Assinatura do participante
01		
02		
03		
04		
05		
06		
07		
08		
09		
10		
11		
12		
13		
14		
15		

APÊNDICE B - IDENTIFICAÇÃO: O professor participante nos encontros.

Formulário I - Identificação do professor

1 - FICHA DE IDENTIFICAÇÃO		
1 - Identificação (Pseudônimo):		
1.2 - Idade:	1.3 – Sexo: () Masc. () Feminino	1.4 – Naturalidade:
2 - NÍVEIS DE FORMAÇÃO		
2.1 – Graduação:		
2.2 - Pós-Graduação	2.3 – Especialista:	
	2.4 – Mestrado:	
	2.5 – Doutorado:	
3 - INSTITUIÇÃO		
3.1 - Local:		
3.2 - Series:		
3.3 - Disciplina		

APÊNDICE D – VISITANTES EXTERNOS NO GRUPO: O grupo FLLIPE.

<p>JUSTIFICATIVA</p> <p>A ideia do Seminário é promover um diálogo ecopedagógico sobre a necessidade de promoção de uma cultura ecológica advinda da escola na luz da fenomenologia. O encontro busca mobilizar a comunidade científica e docente em torno de temas e atividades lúdicas, valorizando a criatividade, atitude científica e a inovação. Pretende também chamar atenção para a importância da cultura pantaneira na invenção do sujeito ecológico.</p> <p>OBJETIVOS</p> <p>Proporcionar à sociedade e à comunidade acadêmica da região um diálogo consciente, sensível e pedagógico na invenção do sujeito ecológico à luz da fenomenologia.</p>	<p>Realização:</p> <p>Corpo Docente e Discente da Unidade Universitária/Coxim</p> <p>Apoio:</p> <p>Prefeitura Municipal de Coxim Secretaria de Educação/Coxim UFMS/Campus Campo Grande Deputado Estadual Jr Mochi Vereador Aloizio de São José FUNRONDON COINTA Equipe FLLIPE/UFMS Panificadora Shopping Pão Casa das Linhas Family's Presentes Tem-de-Tudo Lojas RS 1,30</p>	<p>II SEMINÁRIO</p> <p>“A Fenomenologia, Educação e Meio Ambiente: a cultura pantaneira e a invenção do sujeito ecológico”</p>   <p>26 e 27 de junho de 2009 Anfiteatro da UEMS/Coxim-MS</p>
--	---	---

Cópia do folder do evento: Seminário A Fenomenologia, Educação e Meio Ambiente: a cultura pantaneira e a invenção do sujeito ecológico (Acervo do Pesquisador).

<p>PROGRAMAÇÃO:</p> <p>DIA 26 de Junho de 2009 (sexta- feira):</p> <p>19 h – Cerimônia de Abertura Local: Anfiteatro da UEMS</p> <p>19 h 10 min. - Apresentação Cultural: Monólogo de Junqueira Filho: “LOUCO – A hora do delírio” apresentado pela Profª Eclair Maria Silva</p> <p>19 h 20 min. – Palestra: “Coxim e os problemas socioambientais: uma representação de cultura ecológica” – NILO PEÇANHA COELHO FILHO (Coordenador Geral do COINTA)</p> <p>20 h 30 min. – Apresentação Cultural</p> <p>20 h 10 min. – Palestra: “Simbologia: as múltiplas linguagens na cultura”</p> <p>Profª Drª ROSANA CARLA GONÇALVES CINTRA (Docente do Curso de Pós-Graduação em Educação da UFMS/Campo Grande)</p> <p>21 h 20 min. – Palestra: “Fenomenologia e Educação: o sujeito ecológico como questão cultural”</p> <p>Profª Drª JUCIMARA SILVA ROJAS (Docente e Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Educação da UFMS/Campo Grande e Coordenadora da Equipe FLLIPE – Formação, Fenomenologia, Linguagens Lúdicas Interdisciplinares, Pesquisa e Educação)</p> <p>22 h 30 min. - Encerramento</p>	<p>DIA 27 de Junho de 2009 (sábado):</p> <p>08 h às 12 h - Oficina Sala de Aula da UEMS</p> <p>“Era uma vez a Ecologia e a ação: brincando, transitando e aprendendo na cultura” Ministrante: Profª Drª Jucimara Silva Rojas (Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Educação da UFMS/Campo Grande e da Equipe FLLIPE).</p> <p>Obs: A oficina será ofertada somente aos participantes da 1ª e 2ª etapas do projeto de extensão “Coletando Saberes, Obtendo Valores: educação ambiental e a formação do sujeito ecológico para uma práxis pedagógica”</p> 
---	--

Cópia do verso do folder do evento: Seminário A Fenomenologia, Educação e Meio Ambiente: a cultura pantaneira e a invenção do sujeito ecológico (Acervo do Pesquisador).

APÊNDICE E – IMAGENS DAS ATIVIDADES DO GRUPO FLLIPE.



Palestrantes do FLLIPE, Profª Drª Jucimara Rojas e Profª Drª Rosana Cintra (Acervo do Pesquisador).



Parte do público presente no Seminário: A Fenomenologia, Educação e Meio Ambiente: a Cultura Pantaneira e a Invenção do Sujeito Ecológico (Acervo do Pesquisador).



Momento do grupo FLLIPE com parte dos sujeitos da pesquisa (Acervo do Pesquisador).



Encerramento das atividades do FLLIPE com parte dos sujeitos da pesquisa (Acervo do Pesquisador).

